

ANDREW BLAKE BOYD

A União Cultural Brasil-Estados Unidos e as políticas culturais  
dos Estados Unidos (1938-1951)

Mestrado- Educação: História, Política, Sociedade

PUC-SP- 2003

*[Handwritten signature]*

*Edan San*

## AGRADECIMENTOS

À Profa. Mirian J. Warde, por todo o apoio e orientação.

A Vânia, pela ajuda.

A Tatiana e Sylvia, pela tolerância.

Aos colegas e professores do Programa EHPS.

Aos amigos, especialmente Cristina, Geysa, Marisa e Omar.

Ao CAPES.

## RESUMO

O tema desta pesquisa é a implantação da União Cultural Brasil-Estados Unidos, em São Paulo, Brasil, e seus primeiros anos de existência (1938-1951). Seu alvo principal é verificar como a instituição, desde a criação até os primeiros anos de funcionamento, caminhou na direção dos ideais e projetos de grupos estatais e não-estatais norte-americanos. Em complemento, examina-se a participação da União Cultural Brasil-Estados Unidos como um instrumento da política diplomática, principalmente em seus aspectos culturais e educacionais. As atenções estão centradas na União com vistas a examinar a escola como um instrumento das políticas e práticas norte-americanas específicas do período em tela. Destaca-se, também, o papel do Escritório do Coordenador de Assuntos Inter-Americanos (OCIAA), e de intelectuais brasileiros e norte-americanos na propagação da diplomacia cultural norte-americana em geral, e especificamente, em relação à própria União Cultural Brasil-Estados Unidos. Examina-se, nos primeiros anos de funcionamento da União Cultural Brasil-Estados Unidos, a fundação de sua escola de Inglês, a composição de seus cursos, bem como seu crescimento em número de alunos. A metodologia do ensino de Inglês, adotada na União pelos professores norte-americanos, foi brevemente examinada e relacionada com o movimento de “americanização” ocorrido nos Estados Unidos entre as primeiras décadas do século XX. As publicações da entidade em seus variados formatos, foram examinadas à luz dos objetivos da instituição, cuja proposta principal era a aproximação cultural do Brasil e os Estados Unidos. Há um prólogo e um epílogo para situar a União Cultural Brasil-Estados Unidos historicamente. As principais fontes de pesquisa foram colhidas nos arquivos da entidade, Arquivo do Estado de São Paulo e o Arquivo da Fundação *Rockefeller*. Os quatro termos temáticos mais significativos são a União Cultural Brasil-Estados Unidos, o americanismo, o ensino de Inglês e as relações binacionais.

## **ABSTRACT**

The topic of this research paper is the implantation of the União Cultural Brasil-Estados Unidos, in Brazil, and its first few years of existence (1938-1951). The main focus is how this institution, from its creation through its first years of operation, progressed in the direction of the ideals and projects of American public and private groups. As a complement, it examines the participation of the União Cultural Brasil-Estados Unidos as an instrument of political diplomacy, mainly in cultural and educational aspects. Attention is centered on the school to examine it as an instrument of specific American policies and practices during the period chosen. In a major role, the Office of the Coordinator of Inter-American Affairs (OCIAA) and Brazilian and American intellectuals were involved in the propagation of American diplomacy, in general, and specifically in relation to the União Cultural Brasil-Estados Unidos. The text examines the first years of operation of the school, the founding of its English course, the composition of its courses and it accompanies the growth in the number of students. There are notes about the teaching methodology used by the school's American teachers and notes about the process of Americanization of immigrants in the U.S. that could have an influence on teaching methodology in Brazil. The text deals with the school's publications, in their various formats, and their influence on the lives of São Paulo's residents. It examines the publications in view of the organization's objectives, which were principally to foster common ground for Brasil and the United States in the realm of culture. There is a prologue and an epilogue to situate the school historically. The main sources come from the school itself, the Archives of the state of São Paulo and the Rockefeller Archives.

## AGRADECIMENTOS

À Profa. Mirian J. Warde, por todo o apoio e orientação.

A Vânia, pela ajuda.

A Tatiana e Sylvia, pela tolerância.

Aos colegas e professores do Programa EHPS.

Aos amigos, especialmente Cristina, Geysa, Marisa e Omar.

Ao CAPES.

## Sumário

Prólogo.....	03
Introdução.....	11
Capítulo I: Sobre a União Cultural Brasil-Estados Unidos e a abertura da escola de Inglês.....	17
Capítulo II: O curso de Inglês da União.....	46
Capítulo III: As publicações da União .....	67
Capítulo IV: A União e as políticas culturais norte-americanas.....	87
Conclusão.....	114
Epílogo.....	116

## Prólogo

### Registros históricos sobre o Ensino de Inglês no Brasil

As primeiras notícias de professores se oferecendo para dar aulas de Inglês em suas casas datam da chegada de Dom João VI e sua comitiva ao Brasil. A Inglaterra já mantinha relações comerciais com Portugal quando o Regente chegou em 1808 e abriu os portos a todo tipo de mercadoria inglesa, muitas vezes vendida pelos próprios comerciantes emigrados da Inglaterra. Vieram ao Brasil, nessa época, para montar armazéns de ferragens, tintas, louças, escritórios comerciais, hotéis, etc.; entre eles, havia também médicos, engenheiros, diplomatas e professores de Inglês, entre outros (cf. Freyre, 2000, p. 151).

Assim, o interesse pelos estudos de Inglês se afirmou com o comércio inglês. São os anúncios nos jornais que contam a história, como explica Gilberto Freyre:

*A colônia, mal saída de um período longo de segregação e de horror a tudo que fosse herético, não tardou a seguir lições inglesas não só de arte política como de filosofia natural. Não só de química como de técnica de laboratório.*

*Outras evidências de influência intelectual dos ingleses vamos encontrar nos anúncios de professores e até professoras inglesas e língua inglesa. Também de governantes, de colégios ingleses, de métodos ingleses de ensino, de livros ingleses.*

*O horror a tudo que parecesse heresia – tão forte no Brasil até os fins do século XVIII, quando um ou outro padre ou bacharel mais irrequieto começou a se deixar contaminar pela “filosofia natural” dos ingleses e dos franceses e pela ideologia política dos norte-americanos – era tal, que a própria língua francesa sabe-se que era tida por suspeita e suspeitíssimo o seu estudo. Efeito da política pedagógica, dos jesuítas: o máximo de segregação intelectual dos brasileiros dentro do Latim e do Português. Ainda mais suspeita devia soar aos ouvidos ortodoxos a língua inglesa; ainda mais suspeito devia parecer aos orientadores da pedagogia colonial, fiéis às tradições jesuíticas e da Santa Inquisição, o estudo do inglês, língua de numerosos hereges e maçons.*

*Sob a regência de Dom João, quebram-se de vez os dois tabus e principia abertamente o ensino do francês e até do inglês. Os jornais se enchem de anúncios de professores de francês e de inglês. (Freyre, 2000, p. 265).*

Portanto, com a quebra das barreiras comerciais, estrangeiros começaram a oferecer seus serviços no ensino de idiomas além do Francês. Já em 1809, aparece no jornal carioca *A Gazeta do Rio de Janeiro*, de 8 de fevereiro, um anúncio para aulas de Inglês, entre outros serviços:

*Na Rua dos Ourives n° 27 mora huma Ingleza com casa de educação para meninas que queirão aprender a ler, escrever, contar, e falar Inglez e Portuguez, cozer e bordar, etc. (Freyre, 2000, p. 266).*

Outro exemplo do mesmo jornal, também de 1809:

*Quem quizer aprender a Lingoa Ingleza grammaticalmente com perfeição em pouco tempo, há de fallar com Francisco Ignácio da Silva, o qual entrega hum bilhete com o nome ao mestre, natural de Londres. (Freyre, 2000, p. 267).*

Estes anúncios atestam às tendências de um aumento do interesse de brasileiros em conhecer outras culturas e idiomas, não só por necessidades econômicas, já que a população inglesa no Brasil era pequena, mas também por conveniência em utilizar a língua inglesa. Vinte anos depois, apareceu no *Jornal do Comércio* um anúncio pedindo um professor de Inglês nativo da Inglaterra, que parece justificar a afirmação, já que necessidades comerciais imediatas dispensariam a exigência de naturalidade:

*Dezeja se saber, se nesta Corte existe alguma aula Ingleza, cujo mestre seja também Inglez; pede-se o favor de annunciar a sua moradia por este Jornal, a fim de se hir tratar do ensino de hum menino que já aprende a hum anno o mesmo idioma. (Freyre, 2000, p. 268).*

Em relação ao ensino regular, D. João VI decretou em 22 de junho de 1809 as primeiras cadeiras de Francês e Inglês, embora fosse apenas o Francês o idioma utilizado no ensino dessa época, por ser considerado “universal”. Mas em 1831 o exame de Inglês começou a ser exigido para admissão às faculdades de direito. Assim, começou o processo preparatório do Inglês nos melhores colégios. (cf. Oliveira, 1999, pp. 167-8).

## Os norte-americanos no Brasil

Entre os primeiros norte-americanos a chegarem ao Brasil constam os missionários protestantes Kidder e Fletcher. Daniel P. Kidder passou por aqui entre os anos 1836 e 1842. Levou de volta aos Estados Unidos um manuscrito detalhado sobre a vida no Brasil, que foi traduzido para o Português um século mais tarde (1941) com o nome *O Brasil e os Brasileiros*.

Outro missionário norte-americano, Fletcher, que viajou ao Brasil na década de 1850, adicionou material ao livro, que se tornou um clássico sobre a vida brasileira. Uma passagem do livro, sobre a imprensa, antedata as opiniões semelhantes de Gilberto Freyre sobre a importância e a ubiquidade dos anúncios dos estrangeiros na imprensa brasileira. Esse livro traz um anúncio sobre um mestre-escola que promete ensinar nas primeiras classes matérias como ciência, literatura, Inglês, Francês, Português e Latim.<sup>1</sup>

Sobre a educação do jovem brasileiro, Kidder escreve no começo de 1840 que:

*a língua inglesa tornou-se por tal forma um 'desideratum' no Rio, que todos os colégios têm o seu 'professor inglês', indicando que se tornou comum não só o estudo da língua inglesa na casa do mestre, jovem e adulto, ou no colégio particular, mas, nessa época, até em algumas escolas públicas encontra-se o ensino de inglês. (Kidder e Fletcher, 1941, pp. 196-7).*

O livro foi utilizado, posteriormente, por missionários presbiterianos vindos ao Brasil, como um manual de consulta sobre as melhores regiões para estabelecer igrejas e

---

<sup>1</sup> Merecem destaque as muitas generalizações dos autores sobre o Brasil, como a de categorizar por nacionalidade a profissão de pessoas:

*O jovem brasileiro não aprecia coisa nenhuma que seja vulgar, prefere ter uma fita dourada em volta de seu boné, um alto salário garantido, aos cuidados e trabalhos do escritório. Os ingleses e alemães são os importadores, os portugueses os trabalhadores, os franceses cabeleireiros e vendedores de modas, o italiano é o vendedor ambulante, o ilheo português é o dono da venda e o brasileiro é o cavalheiro (Kidder e Fletcher, 1941, p. 201).*

escolas. Entre esses, aparentemente, os mais importantes foram Chamberlain, Simonton, Blackford e Schneider.

Horace M. Lane e D. W. Pitt, que começaram suas atividades no Brasil como comerciantes e professores, figuram entre as mais importantes figuras anglo-saxônicas no Brasil da segunda metade do século XIX, no Brasil: Lane por seu trabalho na Escola Americana de São Paulo e de outras cidades, e Pitt, por seus esforços na área educacional e por suas infundáveis tentativas de se tornar missionário ordenado. (cf. Ribeiro, 1981, p. 67).

Na literatura sobre as atividades dos missionários norte-americanos, encontram-se referências esparsas sobre as aulas de Inglês que quase todos deram em uma ou outra época de suas carreiras. Lane, por exemplo, tinha um armazém no Rio de Janeiro e alugava o andar de cima para Simonton, que dava aulas de Inglês e ministrava os cultos presbiterianos. (cf. Mackenzie, 1997, p. 40). Lane também obteve concessão do governo imperial para ensinar Inglês. Simonton tinha sido enviado pela junta de missões presbiterianas do norte dos EUA para abrir igrejas e divulgar o protestantismo. Os resultados para Simonton e seus colegas vieram lentamente; como atesta o livro de Boanerges Ribeiro, *Protestantismo e Cultura Brasileira*, talvez tenha sido levados, por necessidades financeiras, a eventualmente dar aulas de Inglês para ajudar no seu sustento. A mesma fonte insiste na penúria pessoal desses homens. (cf. Ribeiro, 1981, p. 67).<sup>2</sup>

Os missionários tinham “estabelecido muito cedo a prática de manter a escola-aolado-da-igreja, onde quer que se formasse um núcleo de convertidos”. (Ribeiro, 1981, p. 185). Chamberlain também trabalhara na região de Campinas e São Paulo, tendo sido sua esposa a responsável por iniciar o trabalho que veio a ser a Escola Americana.

---

<sup>2</sup> Simonton e Schneider trabalharam na região de Campinas no evangelismo das colônias americana e alemã, respectivamente. A história dos imigrantes americanos sulistas na região de Campinas e Santa Bárbara d'Oeste é outra, mas figura como um motivo da presença de um número maior de missionários norte-americanos em território brasileiro, muitos dos quais estavam envolvidos diretamente com a educação. (cf. Ribeiro, 1981, pp. 67 e segs.).

## As Aulas de Inglês

Horace Lane vendia, no Rio de Janeiro, artigos religiosos e domésticos, importados dos Estados Unidos; no Rio, ainda, lecionou Inglês nos colégios João Köpke e Pedro II. Foi Presidente da Escola Americana, posteriormente denominada Mackenzie College de 1886 a 1912. (cf. Mackenzie, 1997, p. 30). Não por acaso, o futuro Presidente da União, Antônio Carlos Pacheco e Silva, lembra de ter tido aulas com Lane na Escola Americana, a quem ele e os colegas chamavam de “o velho Lane” e o descreveu como “tolerante, mas enérgico, o velho educador, junto a seu filho Rufus e uma plêiade de professores, quase todos diplomados pelo Mackenzie, sabia como manter a atitude de disciplina, sem limitar nossa liberdade ou administrar severas punições.” (Pacheco e Silva *apud* Freyre, 1970, p. 118).

Ao chegar a São Paulo e se estabelecer profissionalmente, Lane começou a dar aula de Inglês, anunciando-as nos jornais, fato pouco referido na literatura em torno do assunto. No jornal *Correio Paulistano*, dois anúncios, ambos dos primeiros meses de 1862, encontram-se os seguintes anúncios:

*H.M. Lane, natural EUA, professor de Inglez aprovado pelo conselho de Instrução Pública do município de R.J., onde há 3 annos exerce sua profissão com os melhores resultados, em consequência do mau estado de sua saúde vem estabelecer-se nesta capital e abrirá uma aula de inglês no princípio do novo anno na rua do Imperador, n. 40. O annunciante se promptifica para dar às pessoas que freqüentarem sua aula um conhecimento teórico e prático de lingua ingleza, isto é, ensinará a traduzir e escrever e fallar corretamente. (Correio Paulistano, 1 de janeiro de 1862).*

*H.M. Lane participa aos seus alumnos que mudou a sua residência para a rua de São Bento n. 9 onde continuará a receber alumnos. Igualmente faz público que se promptifica a dar lição em casas particulares. (Correio Paulistano, 7 de fevereiro de 1862).*

George Chamberlain também dava aulas de Inglês quando recém-chegado a São Paulo, obtendo licenciamento para professor particular de Inglês pelo Inspetor Geral da

Instrução pública da Província em dezembro de 1864. Mas pouco a pouco, os interesses dele se voltaram ao trabalho da missão. (cf. Ribeiro, 1981, p. 47).

William D. Pitt tinha uma escola de Inglês no Rio, no bairro de Saúde, com um sócio de nome Esher. Simonton, ao chegar ao Rio, pregava a bordo de navios aos norte-americanos, mas também utilizou a escola de Pitt para suas pregações. Em 1863, Pitt, inglês e presbiteriano convicto, mudou-se para São Paulo; como Lane, anuncia no jornal *Correio Paulistano* no dia um de dezembro de 1867 (entre outras datas daquele mês):

*Ensino Da Língua Ingleza- O abaixo assignado, achando-se competentemente habilitado pela repartição geral da instrucción pública desta província para leccionar a língua ingleza, de cujo ensino occupou-se por annos na corte, faz público que pretende abrir uma aula logo que para ella houver concorrência, e desde já póde ser procurado, para dar licções em casas particulares, e Collegios, à rua Direita, n. 46, das 10 horas da manhã às 3 da tarde. S.Paulo, 29 de Novembro de 1867. W.D. Pitt. (Correio Paulistano, 29 de novembro de 1867).*

Pitt, como Chamberlain, trabalhou, posteriormente, se dedicando ao trabalho missionário e finalmente foi ordenado reverendo.

Até as primeiras décadas do século XX, o crescimento do interesse pela língua inglesa havia sido lento mas constante. Daquela época, há exemplos relevantes:

A Associação Brasileira de Educação (ABE) promoveu viagens de brasileiros aos Estados Unidos para fins de estudos e observação. Foi por meio da ABE que Noemy da Silveira Rudolfer permaneceu um semestre, em 1930, no *Teachers College* da Universidade de Columbia; a proficiência na língua inglesa lhe conferiu vantagens em relação a outros candidatos. (cf. Warde, 2000).

Anos depois, na revista *Educação*, mantida pela ABE, consta uma menção a outros profissionais que viajaram aos EUA:

*Além disso, diversos brasileiros do Norte e do Sul têm tido bolsas de estudos nos Estados Unidos graças ao indispensavel apoio do Instituto*

*(de Educação Internacional). Segundo nota que me foi fornecida em Setembro do ano passado pela Secretária respectiva, sete foram os brasileiros que iam estudar no ano letivo 1939-1940, sob os auspícios do Instituto: três rapazes do Ceará e quatro jovens do Rio e de Minas. Nos anos anteriores, houve, porem, varios precursores. (Lessa , 1939, p. 8)*

Ainda nos anos vinte, o governo mineiro apoiou a viagem aos Estados Unidos de um grupo de educadoras para fins de estudos. *O Jornal* do Rio de Janeiro publicou um artigo, em 1930, descrevendo a estada das professoras brasileiras na *Teachers College*, da Universidade de Columbia:

*Em agosto de 1927- informa a senhorita Alda Lodi – o governo mineiro, por decisão do Dr. Francisco Campos, resolveu mandar aos Estados Unidos, para aperfeiçoamento de estudos, uma turma de professores, tendo sido escolhidas as seguintes: Ignacia Guimarães, Amélia Monteiro, Benedita Valladares Ribeiro, Lucia Shimidt Monteiro de Castro, e eu. Admitidas ao Colégio de Professores da Universidade de Columbia, em Nova York, lá passamos um ano freqüentando cursos teóricos e práticos, observando métodos e acompanhando experiências. Terminado o nosso período de especialização, regressamos em 1929 e fomos designadas para a Escola de Aperfeiçoamento criada pelo governo de acordo com o plano de reforma de ensino para completar o preparo do professorado mineiro. (O Jornal, 7 de janeiro de 1930).*

Crescia o interesse pelo Inglês assim como crescia a oferta de escolas ou cursos especializados no ensino da língua. Na seção “Noticiário” da Revista do Professor (1934) do Centro do Professorado Paulista (CPP) se encontra um bom exemplo desse crescimento:

*Aulas de inglês: O Professor Galaor de Araújo, chefe de serviço da Diretoria de Ensino, reiniciou em primeiro do corrente o curso de inglês. Para as aulas que são ministradas das 20:30 às 21:30, a secretaria do Centro continua aceitando inscrições. A freqüência deste curso não constitui prerrogativa exclusiva dos nossos associados, podendo inscrever-se nele todos os interessados. (Revista do Professor, março de 1934).*

## Cultura Inglesa

Nos anos 30, surgiram umas tantas escolas paralelas destinadas ao ensino de Inglês para crianças e adultos, tal como a *Escola Paulista de Letras Inglesas* cujos donos eram dois ingleses, Douglas Redshaw e James Cook. Dessa escola, a *Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa* foi fundada em 1935, com o apoio do consulado britânico.

No caso da Sociedade, estavam envolvidas pessoas que destacadas na elite intelectual paulistana; entre os membros do Conselho Administrativo se incluía o diretor do Mackenzie, o norte-americano Benjamin Hunnicutt e o diretor da Escola de Sociologia e de Política de São Paulo, Cyro Berlinck, entre outros.<sup>3</sup>

Os objetivos da Cultura Inglesa, declarados em 1935, e reiterados ao completar 50 anos foram:

1. *Difundir a cultura britânica.*
2. *Ensinar a língua e a literatura inglesa.*
3. *Tornar a cultura brasileira melhor conhecida na Grã-Bretanha.* (Francis, 1985, pp. 1-2.).

O nome definitivo só foi registrado em 1940. De 1935 a 1938, as aulas de inglês eram ministradas nas dependências da escola Álvares Penteado e, por volta de 1936, havia 450 alunos, número que cresceu, mesmo durante a Segunda Guerra Mundial, até atingir o expressivo número de 2000 alunos em 1944.

---

<sup>3</sup> Prof. Benjamin H. Hunnicutt era 1º Vice-Presidente da União na gestão de 1941-1943, e Dr. Cyro Berlinck era 2º Vice-Presidente da União na gestão seguinte.

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se refere a vários assuntos relacionados às atividades de uma entidade sem fins lucrativos inaugurada em 1938. O período examinado cobre a sua fundação e o início de seus trabalhos de expansão, por meio da abertura de seu curso de Inglês, em 1941, paralelo ao ensino regular, até sua consolidação, em 1951. Naquela altura, a Segunda Guerra Mundial havia terminado e a Guerra Fria avançava; é um momento em que a entidade já revelava a direção que iria seguir ao longo das décadas seguintes.

As atividades principais dessa entidade incluem cursos de Inglês, intermediação de intercâmbios, disseminação da cultura norte-americana entre os brasileiros de São Paulo e publicações sobre os intercâmbios e sobre as atividades do próprio instituto.

Durante mais de 60 anos, essa escola paralela de Inglês se destacou em São Paulo por seu trabalho inovador em termos culturais e pedagógicos: essa instituição binacional, que contou com o apoio do governo norte-americano, veio a se chamar **União Cultural Brasil-Estados Unidos**.

Neste estudo, procura-se evidenciar a prosperidade conquistada pela União Cultural Brasil-Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial e os anos que se sucederam o seu encerramento.

Após a Segunda Guerra Mundial, o Inglês foi se tornando, pouco a pouco, a língua estrangeira dominante no Brasil, processo que deve ser explicado pelo domínio econômico e pela hegemonia cultural dos EUA. A União Cultural Brasil-Estados Unidos (daqui em diante denominada ou União ou UCBEU) foi responsável, em grande parte, pela disseminação do ensino de Inglês na cidade de São Paulo. A escola teve um papel importante também na difusão da cultura norte-americana, em expansão hegemônica pelo mundo.

Há evidências de que, entre os objetivos da União, constava a preocupação em realizar atividades culturais constantes. A União atuava em São Paulo em significativos

setores da sociedade, expondo os paulistanos às suas festas de comemoração e homenagem, aos seus inúmeros cursos e às suas palestras proferidas pelos visitantes bolsistas brasileiros aos EUA. Essas atividades refletem a divulgação, por parte da União, da cultura norte-americana ao lado do ensino do idioma Inglês. Aliado da União, setores do governo norte-americano prestavam auxílio pecuniário e de natureza social.

Este estudo, inserido no projeto de pesquisa “Americanismo e Educação: a fabricação do ‘homem novo’”, procura contribuir para colocar em evidência a presença cultural norte-americana no Brasil, por meio da reconstituição da história da União. Segundo Warde (2001, p.9) :

*Estudos de história da educação que ajudem a destrinçar as relações diplomáticas entre o Brasil e os Estados Unidos são de muita relevância, posto que esta é a via estatal de construção da hegemonia norte-americana sobre a América Latina...*

Aqui, procura-se examinar o impacto das relações entre o Brasil e os EUA no ensino de Inglês, destacadamente no período de 1938 a 1951.

Um segundo objetivo conduziu esta pesquisa, qual seja: analisar o interesse do governo norte-americano em apoiar a atuação da União. O posterior envolvimento de uma organização governamental norte-americana, nomeada “Escritório do Coordenador de Assuntos Inter-Americanos” (OCIAA), que operava durante a Segunda Guerra Mundial, seguramente foi motivada por fins políticos. Naquele momento, o Brasil estava mantendo fortes relações comerciais com a Alemanha; assim, uma entidade como a União podia servir para influenciar sutilmente as alianças políticas, por meio de aproximações culturais que, por sua vez, podiam preparar o terreno para futuras relações comerciais.

Explica-se, assim, o interesse em estudar iniciativas culturais e de ensino, como aquelas que foram implementadas pela União, de sorte a verificar sua função política.

Para este estudo foram consultadas duas modalidades de fontes arquivadas nas dependências da União, a saber: os relatórios anuais da diretoria e os estatutos, redigidos em 1938, que se encontram na sala da Presidência, e outros documentos antigos, de natureza variada, que se encontram em um depósito da entidade.

Os boletins informativos publicados mensalmente a partir de 1946 para a maior divulgação das operações, objetivos e ensino da União se perderam nos anos 1948 e 1949; o que resta, portanto, é documentação parcial da entidade, mas que constitui de um acervo bastante rico em informações sobre os objetivos da entidade e os relatos dos viajantes a convite do governo dos Estados Unidos durante a Guerra, e subseqüentemente, publicados pela União.

O material publicado pela União se baseia fundamentalmente em quatro áreas: palestras e textos resultantes de intercâmbio com os Estados Unidos, Boletins Informativos de 1946, 1950 e 1951, Relatórios dos Diretores e material didático.

Este trabalho consiste, quase na sua totalidade, de análise de fontes primárias, tais como os boletins, relatórios e publicações mencionados acima, já que não há estudos anteriores sobre o tema que pudessem ser consultados. Foram aspectos fundamentais da pesquisa a análise dos acervos documentais da União e as entrevistas com os intelectuais brasileiros que atuaram na União ou seus descendentes. Outros acervos que forneceram fontes primárias de pesquisa são o Arquivo do Estado e o Arquivo da Fundação Rockefeller.

Por meio de informações relativas aos homens da elite brasileira e da diplomacia norte-americana que estiveram envolvidos com a União, foi possível apanhar aspectos das ações norte-americanas em relação à hegemonia cultural/educacional. Dentre os participantes da fase inicial da União Cultural Brasil-Estados Unidos destacam-se: Domingos Machado, A. C. Pacheco e Silva, Rone Amorim e Benjamin Hunnicutt.

Os intelectuais brasileiros mencionados e outros tantos que viajaram aos EUA relataram suas impressões de admiração pelos EUA, e o desejo de disseminar no Brasil os valores e os padrões de vida norte-americanos.

O Escritório de Assuntos Inter-Americanos (OCIAA), divisão do Departamento de Estado dos EUA, presidido por Nelson Rockefeller teve expressiva presença na América

Latina durante os anos da Segunda Guerra Mundial. Há evidências de que este político e empresário norte-americano atuou largamente nas áreas culturais da escola União, ajudando a torná-la mais conhecida em São Paulo (cf. Tota. 2000, p.81).

As fontes envolvidas nesta pesquisa são dos arquivos:

- Históricos da União Cultural Brasil-Estados Unidos.
- Históricos da MacKenzie.
- Arquivo do Estado de São Paulo.
- Fundação Rockefeller.
- Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (USP).

Quatro entrevistas compõem esta dissertação:

1. Domingos Machado.
2. Benjamin Hunnicutt, Jr.
3. Laurent Lukacs
4. Clarita Pacheco e Silva.

A primeira entrevista visava confirmar as atuações iniciais de Rone Amorim, e ouvir do fundador da União Cultural Brasil-Estados Unidos suas idéias e objetivos a respeito da entidade. Além disso, havia nos anos 90, uma polêmica sobre quem era o verdadeiro primeiro Presidente, Domingos Machado ou Antônio Carlos Pacheco e Silva. A entrevista com a filha de Pacheco e Silva incidiu sobre o mesmo tema. A entrevista com o filho de Hunnicutt, peça fundamental na montagem da estrutura básica da entidade, visava ouvir a história da caravana da escola agrícola a Washington e ouvir algo a respeito do trabalho do pai na entidade. A entrevista com o professor de Inglês, Laurent, teve o objetivo de indagar sobre as metodologias implementadas nos anos 60, a fins de verificar o grau de diferenciação entre tal metodologia e a metodologia de ensino dos anos 40.

Quatro capítulos e a conclusão compõem a estrutura básica da dissertação, além de um prólogo e de um epílogo. O prólogo situa historicamente o ensino de Inglês no Brasil, para que, no primeiro capítulo, possa ser apresentada a União, sua fundação e seu trabalho. O epílogo é um retrato atual das escolas de Inglês paralelas ao ensino regular, com vistas a evidenciar as modificações ocorridas no campo de trabalho da União ao longo dos anos.

Precedida por um rápido tratamento da Fundação *Rockefeller* há uma breve descrição da abertura de mercado para as escolas de Inglês no Brasil.

O capítulo I narra a história da fundação da União e da estrutura organizacional. Trata brevemente da situação do governo Vargas, a respeito de comércio exterior e o trabalho do Presidente da República para manter uma equidistância do comércio com os EUA e a Alemanha. Descreve os departamentos internos da União e seu funcionamento, assim como sua evolução ao longo da década de 40 do século passado. Trata também do início dos cursos de Inglês e a forma como ocorreu a abertura do Departamento de Inglês da União. Para auxiliar o leitor, a esse capítulo foi anexado um glossário com informações das pessoas mais importantes para essa dissertação, assim como um organograma da entidade.

O capítulo II descreve, em detalhes, o curso de Inglês, bem como analisa as informações disponíveis sobre o padrão de trabalho adotado pelo Departamento de Inglês. Trata brevemente da metodologia de ensino junto a uma análise do manual de ensino que um Diretor do curso de Inglês (Privitera) preparou para a escola. Analisa a metodologia audiovisual apresentado por um Diretor do curso de Inglês (Merryman). Com vistas a estudos futuros, foi abordado, também, o movimento de **americanização** desencadeado nos EUA, destacadamente na segunda década do século XX, uma vez que o tratamento do ensino de Inglês para imigrantes pode ter afetado o ensino de Inglês no Brasil.

O capítulo III trata das publicações da União que visavam disseminar a cultura norte-americana, assim como a parte dos seus Estatutos relativos aos objetivos gerais da instituição. Para ilustrar como essas publicações expressam a política cultural da entidade, foram selecionados artigos para análise.

O capítulo IV analisa os relatórios do Escritório de Assuntos Inter-Americanos (OCIAA), os enviados ao Brasil e a outros países da América do Sul, ou seja, as entidades que trabalhavam a disseminação no Brasil da cultura de outro país. Trata da Segunda Guerra Mundial e do pós-guerra, de modo a evidenciar como a União atuou nesse período,

posicionando-se em relação aos poderes mundiais. Discorre sobre as operações do Departamento do Estado norte-americano no concerto dos programas culturais de intercâmbio e o papel da União no seu implemento.

Os resultados da pesquisa indicam que o interesse do Departamento de Estado nas atividades da União Cultural Brasil-Estados Unidos era significativo. O Departamento trabalhou em várias frentes para atingir seus objetivos de alinhamento político entre o Brasil e os Estados Unidos da América (EUA), tanto durante a Segunda Guerra Mundial, como durante a Guerra Fria.

Um número reduzido de homens teve o maior presença nos resultados do trabalho da União Cultural Brasil-Estados Unidos. Dentre eles, destacam-se: Rone Amorim, Antônio Carlos Pacheco e Silva, Benjamin Hunnicut, e os três Diretores do Curso de Inglês: John Culver, Joseph Privitera e Montgomery Merryman.

## **Capítulo I      Esmiuçando a União Cultural Brasil-Estados Unidos e a abertura da escola de Inglês**

A atual União Cultural Brasil-Estados Unidos nasceu de um ideal universitário, expresso por estudantes como Domingos Machado que queriam se associar com alguns professores e colegas para poder estabelecer conatos mais estreitos com universitários dos Estados Unidos. Por certo, as expectativas e iniciativas desses estudantes e professores em relação aos Estados Unidos não se explicam por si mesmas; situam-se em um ambiente nacional e mesmo internacional de disputas pelos espaços políticos, econômicos e culturais. De fato, as políticas do governo brasileiro nesse período chamavam atenção por sua volatilidade.

### **EUA versus Alemanha pela “conquista” do Brasil**

Em um cenário de embates que marcou a segunda metade da década de trinta no Brasil, destaca-se a habilidade do Presidente Getúlio Vargas de manter uma certa equidistância entre os EUA e a Alemanha no comércio exterior. A conjuntura política na qual Vargas se movimentava ora pró-Estados Unidos, ora pró-Alemanha remete tanto ao término da Primeira Guerra Mundial quanto à crise provocada pela quebra da Bolsa de Valores de Nova York.

A recuperação dos EUA da crise de 1929 dependia de sua habilidade de criar mercados externos para seus produtos, em um contexto de economia ainda em expansão. Por isso, mercados que forneciam matérias primas, como o Brasil, e que recebiam as exportações norte-americanas de indústria pesada, constaram como alvo da política de livre comércio. Enquanto os EUA se consolidavam como um poder hegemônico, a Alemanha, a partir de 1934, buscava equilíbrio por meio do mercado externo. (cf. Moura, 1980, pp. 54-55).

Com o recuo da Inglaterra no período após a Primeira Guerra Mundial, abriu-se espaço para uma disputa pela hegemonia entre EUA e Alemanha, com práticas comerciais

antagônicas, mas com os mesmos interesses de alinhamento político internacional. O governo de Vargas se posicionou naquela conjuntura política explorando as divisões e as indefinições das grandes economias internacionais, com aumento significativo da capacidade de barganha do governo brasileiro. (cf. Moura, 1980, p.63).

Em 1939, Roosevelt enviou um telegrama ao Ministro do Exterior do governo Vargas, Oswaldo Aranha, convidando-o a visitar Washington. Entre os itens da lista de discussões, o governo norte-americano incluiu os problemas brasileiros de dívidas comerciais, decorrentes principalmente do recuo acentuado do preço do café e o crescente comércio com a Alemanha, que só produzia marcos compensados. Roosevelt pedia o recomeço dos pagamentos em dólares da dívida, o encorajamento para investimentos norte-americanos, a criação de um Banco Central e o livre comércio. O Banco Import-Export concordou em emprestar quase vinte milhões de dólares ao Brasil, que seriam usados para pagar dívidas a exportadores norte-americanos.

O governo brasileiro extraiu outros benefícios nas reuniões realizadas com o governo norte-americano; ainda assim, de volta ao Brasil, Aranha foi criticado por não ter conseguido aviões e artilharia militar. Como Vargas fez decretos antagônicos aos acordos feitos por Aranha em Washington, a reputação deste sofreu. O General norte-americano George C. Marshall veio ao Brasil e voltou levando o General brasileiro Monteiro Góis. O resultado de cooperação militar foi aprovado por Vargas. Brasil continuaria com a concentração de forças armadas no sul (devido à posição pró-Alemanha dos argentinos) e no nordeste os EUA construiriam bases aéreas e navais, por ser uma região considerada estratégica. Também haveria significativo número de armas levadas ao Brasil em troca de matérias primas. (cf. Dulles, 1967, pp. 203-5).

Essa equidistância promovida por Vargas nesse período tratava de um poder limitado; com a polarização EUA/Alemanha, o Brasil não tinha as opções “de alinhamento versus independência, mas apenas em termos de alinhamento aos Estados Unidos versus alinhamento à Alemanha. Consumada a primeira hipótese, restabeleceu-se uma clara

subordinação, mas porque isso acontecesse cobrou-se um alto preço”. (cf. Moura, 1980, p. 66).

### O Instituto Universitário Brasil-Estados Unidos

O Ato de Fundação da União, de 15 de junho de 1938, nomeia Domingos Machado como seu Presidente. Os membros fundadores compunham o seguinte segmento da população paulistana:

**Quadro I**  
**Membros Fundadores do Instituto Universitário Brasil - Estados Unidos**

Categoria Profissional	Formação/Atividade				Total
	Medicina	Direito	Engenharia	Outros*	
Universitários	72	30	11	27	140
Catedráticos	21	12	0	0	33
Profissionais Liberais	19	13	0	9	41
<b>Total</b>	<b>112</b>	<b>55</b>	<b>11</b>	<b>36</b>	<b>214</b>

\* estavam incluídas outras modalidades de formação; os nove que aparecem no quadro são de jornalistas  
Fonte: Ato de Fundação/Arquivos históricos UCBEU.

Machado (vide glossário) relatou em entrevista, 63 anos após a fundação da União, seus principais propósitos em reunir seus colegas universitários nessa sociedade, expostos abaixo. Confirmou a atuação do Sr. Rone Amorim, secretário do cônsul americano, como fator decisivo em ter conseguido o apoio e a presença do cônsul na cerimônia de fundação.<sup>4</sup>

Nas palavras do fundador Domingos Machado:

*O Instituto foi denominado “Universitário”, para designar o meu âmbito de ação. O qualificativo “Brasil-Estados Unidos” caracterizava-lhe a finalidade de união entre as duas nações. Nessa denominação, formalizava-se o desejo da colaboração democrática de duas grandes nações livres, em oposição à tirania e imperialismo de certas potências ditatoriais asiático-européias. Era nosso desejo também, promover intercâmbio cultural entre estudantes, em troca recíproca de estágios universitários, para maior entrelaçamento e conhecimento. (Machado, 1995, p.1).*

<sup>4</sup> Entrevista do autor com Domingos Machado, 17/08/2001.

Os objetivos da nova entidade, conforme consta no seu Ato de Fundação, estão expressos em sete pontos concisos:

*O Instituto Universitário Brasil-Estados Unidos, de São Paulo será a congregação de todos os estudantes e antigos estudantes, amigos e admiradores dos Estados Unidos.*

*O Instituto terá por objetivo:*

*a) promover a expansão das relações culturais entre o Brasil e os Estados Unidos.*

*b) colaborar com as instituições congêneres do continente americano.*

*c) dar solidariedade aos esforços devidamente orientados no sentido de aproximar espiritualmente o Brasil a outros povos deste e de outros continentes.*

*d) realização de conferências públicas no intuito de fomentar a solidariedade brasileiro-norte-americana.*

*e) publicar revistas, boletins e demais meios de propaganda de suas idéias e iniciativas.*

*f) comemoração das grandes datas das duas nações.*

*g) homenagem às pessoas que mereçam a simpatia do Instituto pelas suas atitudes e ideais. (UCBEU, Livro um, Atas das Reuniões do Conselho Deliberativo e das Assembléias Gerais).*

A declaração acima pode surpreender com o uso do termo “meu” âmbito de ação. O provável motivo reside nas tentativas do autor de resgatar sua importância como fundador da entidade. Houve nos anos 90 uma polêmica sobre quem tinha sido o primeiro Presidente da União; a entidade decidiu em um debate realizado em 1995 que Domingos Machado teria sido o fundador e Pacheco e Silva, o primeiro Presidente. Quanto aos itens do Ato de Fundação, há termos como solidariedade, espiritualmente, propaganda, duas grandes nações que merecem atenção. O espírito do documento se resume nessa linguagem de platitudes de irmandade entre o Brasil e os Estados Unidos.

Um mês depois, em quatro de julho, o cônsul norte-americano em São Paulo, Carol Foster, convidou representantes da entidade para fazer, pelo rádio, uma nota de congratulações pela data de Independência norte-americana. (cf. Machado, 1995, p. 2). Esse e outros eventos da União foram registrados pelo jornal *A Gazeta*, mediante a colaboração do médico e jornalista, Pedro Monteleone, aumentando a visibilidade da nova instituição.

Na Ata da Assembléia Geral Extraordinária de 31 de agosto de 1938 consta a necessidade de tomar resoluções cedo para promover a continuidade e fortalecimento da entidade. Três foram as resoluções tomadas nessa data, a saber:

- A forma de eleger os membros da Diretoria e do Conselho Consultivo
- O número de membros de cada instância
- A formação e posição social dos cargos mais altos

Além disso, foram realizadas duas votações, pelas quais foram decididos: mudança do nome da entidade para a União Cultural Brasil-Estados Unidos, com a sigla de UCBEU, e a indicação do primeiro Presidente.

Dois candidatos concorriam aos 130 votos dos membros presentes e o vencedor foi o professor e psiquiatra, Antônio Carlos Pacheco e Silva. Reeleito em 1941, sua gestão durou até 1943, quando foi substituído pelo então Reitor da Universidade de São Paulo, Jorge Americano. O outro candidato foi Geraldo de Paulo Souza, professor da Faculdade de Medicina e também ativo posteriormente nas atividades da União. (UCBEU, Livro um, Atas das Reuniões do Conselho Deliberativo e das Assembléias Gerais).

Em 22 de outubro de 1938, o Presidente Pacheco e Silva tomou posse, no clube Piratininga, em uma celebração conduzida pelo cônsul Carol Foster, a quem foi concedida a Presidência de honra.

Outras informações sobre as origens e objetivos da União se encontram na autobiografia do primeiro Presidente, Antônio Carlos Pacheco e Silva, que assim descreve as circunstâncias da fundação e os objetivos da instituição:

*Em 1938, o Brasil atravessava um dos períodos mais agitados e difíceis da sua história quando cerceadas as liberdades democráticas com a implantação do Estado Novo, o povo passara a sofrer as conseqüências da ditadura. As classes universitárias foram as que maior tributo pagaram, particularmente em São Paulo, onde vários professores das nossas escolas superiores foram detidos, outros afastados de sua cátedra, estudantes foram presos, impedidos de manifestar livremente o seu pensamento e vítimas das maiores*

*violências, em virtude de se terem rebelado contra o regime de opressão e de força que asfixiava a Nação.*

*Os dirigentes do Estado Novo manifestavam evidente simpatia pelos países do Eixo, fazendo claras declarações nesse sentido, conquanto a opinião pública do país repelisse tais tendências e reafirmasse suas convicções democráticas.*

*Em São Paulo, vários professores e alunos universitários sentiam a necessidade de uma clara e positiva manifestação em favor das nações que se empenhavam na luta contra os estados totalitários. Mas a polícia da ditadura, sempre alerta, agia cada vez com maior intolerância, máxime contra as classes universitárias.*

*Todos reconheciam, contudo, a importância de maior aproximação do Brasil com os Estados Unidos, campeão da democracia, que, conquanto não participasse naquele instante diretamente da luta, empregava os maiores esforços no prestar seu concurso às forças aliadas. O assunto passou a ser objeto de cogitação de professores e alunos da Universidade de São Paulo, criada por Armando de Salles Oliveira, grande e inesquecível homem público, que sofria no exílio as consequências de sua pregação democrática e da sua atitude viril na luta contra os que se haviam assenhoreado do poder, tolhendo a liberdade dos brasileiros. Surgiu daí a idéia de se fundar em São Paulo uma entidade cultural com o propósito de estreitar as relações do Brasil com os Estados Unidos, traduzindo o pensamento das nossas classes universitárias e contribuindo para fortalecer as idéias dominantes para o restabelecimento da legalidade em nosso país.*

*A primeira reunião foi realizada em minha residência, na rua Sergipe, 302, com a presença do Sr. Carol H. Foster, cônsul geral americano em São Paulo, do Dr. Rone Amorim, do Consulado Americano e do Dr. Pedro Augusto da Silva.*

*A sessão solene de instalação da UCBEU teve lugar na sede do Clube Piratininga, com a presença do cônsul Sr. Carol Foster, a quem, como ao seu sucessor, Sr. Cecil M. Cross, muito ficou a dever a instituição. (Pacheco e Silva, 1995, p. 181).*

Esse relato fala de uma visão de democracia prezada por intelectuais brasileiros ligados à Universidade, ou à Faculdade de Medicina, associada à participação do governo norte-americano. Ressalta a natureza dos interesses da União em virtude das circunstâncias em que surgiu; a falta de liberdade de expressão, exposta por Pacheco e Silva justifica o longo trecho de suas memórias sobre o episódio. Embora escrito posteriormente, retém um senso de urgência que certamente esses intelectuais sentiam, bem como o teor liberal discursivo.

## Os Institutos Culturais

Nos anos trinta, as escolas de Inglês abertas em outras cidades nos moldes da União, começaram a ser conhecidas como institutos culturais. O primeiro instituto no Brasil foi fundado no Rio de Janeiro, um ano antes da União, em 1937. Em anos subseqüentes, os diretores da União e suas equipes abriram outras unidades, e até o final da década havia institutos culturais nas maiores cidades brasileiras e em muitas cidades do interior paulista.

O Instituto Brasil-Estados Unidos, o IBEU do Rio, que antedata a União em um ano, tinha objetivos parecidos com os da União, mas já trabalhava com os cursos de Inglês, dando menos valor às inúmeras atividades culturais cultivadas pela União.

Nos anos quarenta abriram-se filiais em várias cidades nos moldes das instituições de São Paulo e do Rio de Janeiro. Embora de porte menor, mantinham atividades culturais e cursos de Inglês. Em um relatório do Diretor dos cursos de Inglês da União para o Presidente da entidade, há menção das atividades em cidades do interior:

*Sob a orientação do Departamento de Inglês da União Cultural Brasil-Estados Unidos, o número de alunos do Centro Cultural Brasil-Estados Unidos de Santos, atingiu 385. A professora Geny Davidson, designada por este Departamento de Inglês soube desempenhar com grande sucesso a tarefa que lhe foi confiada, naquele Centro Cultural.*

*Com a colaboração da eficiente professora Mary Rabelo, lente do Departamento de Inglês da União Cultural Brasil-Estados Unidos, deu-se início em 1945, ao Curso de Inglês em Sorocaba...No fim do corrente ano em estudo, 50 alunos prestaram exame, nos mesmos moldes dos da União Cultural, sob a orientação da professora Rabelo.*

*Segundo foi aprovado pela Diretoria da União Cultural Brasil-Estados Unidos, o Departamento de Inglês desta entidade traçou um programa de ensino de inglês, num período de dois anos, para o English Speaking Club de Uberlândia. O Prof. Nelson Cupertino, ensinou, sob a minha orientação, durante o ano de 1946, utilizando-se sempre do material da União Cultural. No ano vindouro um ou dois professores deverão ir a Uberlândia para ministrarem exames aos alunos que completarem dois anos de estudos. (UCBEU, 1946, Relatório da Diretoria, p. 44).*

Em 1943, havia aulas de Inglês, com os números de alunos respectivamente, nas seguintes cidades, com a orientação da União:

**Quadro II**  
**Alunos de Inglês no interior paulista**

Barretos	30
Bauru	45
Campinas	70
Piracicaba	20
Ribeirão Preto	25
Rio Claro	30
São Carlos	80
S.J. da Boa Vista	30
Santos	55

*Fonte: UCBEU, 1943, Relatório da diretoria.* <sup>5</sup>

### **A Estrutura Organizacional da União**

A União cresceu rapidamente de um “ideal universitário” para uma entidade que intermediava bolsas de estudo, gerenciava um curso de Inglês para centenas de alunos e administrava um conglomerado de atividades sociais e culturais. Esse momento inicial, de vertiginoso crescimento e diversificação de atividades, justifica ser alvo de análise específica.

Um estudo das Atas das reuniões da Diretoria e os relatórios anuais da Diretoria para o Conselho Administrativo mostra que o trabalho de moldar uma entidade do porte da União em 1945, nascida a partir de uma idéia vaga de intercâmbio estudantil em 1938,

---

<sup>5</sup> Foi feito um levantamento em 1949 dos centros culturais mais representativos das repúblicas americanas em localidades como Buenos Aires, Cordoba, Rosário, La Paz, Bahia, Curitiba, Fortaleza, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Santos, São Paulo, Concepcion Santiago, Valparaiso, Bogotá, Medellin, San José, Havana, Ciudad Trujillo, Quito, Guatemala Port-au-Prince, Tegucigalpa, Mexico, Managua, Assuncion, Lima, Montevideu e Caracas. A entidade com maior número de alunos era São Paulo com 8.000, seguido por México com 4.500 e Rio de Janeiro com 4.000. (UCBEU, 1950, Boletim Informativo, p. 8).

permaneceu nas mãos de poucos homens interessados no estreitamento dos laços entre os dois países. Há de se destacar que a metade das pessoas intimamente ligadas ao trabalho diário da entidade era de nacionalidade norte-americana, enquanto a União era cem por cento brasileira, juridicamente. Paradoxal ou não, as explicações vêm à tona ao analisar essas fontes.

Inaugurada em 1938, a União não tinha sede própria nos primeiros anos. Em 1941, foi instalada na rua Libero Badaró, 39, 13º andar por alguns meses, quando mudou finalmente para sua sede mais importante, se levarmos em conta os anos de sua formação: na rua José Bonifácio, número 93, 11º andar. Neste último local, o espaço logo ficou pequeno, e obrigou os dirigentes a alugar mais espaço no oitavo andar para poder abrigar os alunos do curso de Inglês, cujos números aumentavam a cada mês.

Posteriormente, a entidade mudou para a rua Santo Antônio, 487, em um casarão denominado “Casa Roosevelt”, onde se manteve por duas décadas. Desde a década de 60, a União se encontra na rua Oscar Porto, perto da Avenida Paulista, zona nobre da cidade.

Ao examinar os primeiros estatutos de março de 1941, nota-se que a União era constituída por um grupo de sócios, agrupados de acordo com seu grau de participação nas atividades da entidade. Havia oito categorias de sócios: fundadores, efetivos, honorários, beneméritos, correspondentes, universitários, remidos e cooperadores. Os sócios efetivos eram incluídos no quadro da entidade mediante indicação e aprovação da Diretoria. Os sócios remidos contribuíam com uma quantia de dinheiro uma só vez, enquanto os sócios cooperadores faziam uma contribuição anual (cf. UCBEU, 1941, Relatório da Diretoria, pp. 2-3).

Nos primeiros anos, a Diretoria trabalhou para elaborar a identidade da União, colocando em prática os objetivos originais. O primeiro estatuto foi assinado em 20 de março de 1941. A estrutura interna se configurou de um Conselho Deliberativo, uma Assembléia Geral, a Diretoria e comissões para estudar assuntos específicos, que atuavam

para determinar os rumos da entidade. No seguinte capítulo, trataremos da elaboração de suas funções. (cf. UCBEU, 1942, Relatório da Diretoria, p. 17).

O artigo 4 do primeiro capítulo dos estatutos afirma que os sócios fundadores, efetivos, remidos e cooperadores teriam o direito de voto nas eleições para cargos da Diretoria e do Conselho Deliberativo.

O capítulo V dos estatutos descreve as funções da Assembléia Geral, que devia se reunir anualmente para as eleições, e extraordinariamente quando convocada pelo Conselho Deliberativo ou pela Diretoria. Deveria ainda examinar e aprovar as contas e balanços do ano, apresentados pela Diretoria, e ainda aprovar o orçamento para o ano seguinte.

O Conselho Deliberativo se compunha de vinte e um membros, dos quais três natos (o mais antigo, o último presidente da Diretoria e o cônsul geral americano em São Paulo) e dezoito eleitos pela Assembléia Geral. O Conselho deveria se reunir duas vezes por ano, exceto quando convocado extraordinariamente pela Diretoria. Ao Conselho competiam as seguintes funções (extraídas do artigo 16, do capítulo V dos Estatutos):

- A) cumprir e fazer cumprir as disposições destes estatutos, as resoluções das assembleias gerais e as suas próprias deliberações;*
- B) compor a sua Mesa e elaborar o regimento interno de suas sessões e o das assembleias gerais;*
- C) eleger e empossar, nas épocas determinadas, a Diretoria;*
- D) examinar e dar parecer sobre o relatório e as contas da Diretoria;*
- E) rever, quando solicitado por dez sócios, no mínimo, os atos da Diretoria, que não produzirão efeito quando desaprovados;*
- F) reformar ou rever, no todo ou em parte, os presentes estatutos, pelo voto de dois terços de seus componentes;*
- G) eleger os novos diretores, em caso de vaga de mais de um terço dos componentes da Diretoria, nos termos do artigo 17;*
- H) autorizar o seu presidente a convocar extraordinariamente as assembleias gerais;*
- I) aprovar o Regimento Interno, dispondo sobre o funcionamento dos cursos e da Biblioteca.*

A Diretoria estava assim constituída: Presidente, 1º Vice-Presidente, 2º Vice-Presidente e 3º Vice-Presidente. Também incluía um Secretário Geral, 1º e 2º Secretários e

1º e 2º Tesoureiros, eleitos pelo Conselho Deliberativo, com mandato de dois anos. E, finalmente, as atribuições da Diretoria da União que se reunia mensalmente, continham oito itens, a saber:

No artigo 20, do Capítulo VI, compete à Diretoria:

- A) cumprir e fazer cumprir as disposições destes estatutos, os regulamentos sociais, as deliberações das assembléias gerais, do Conselho Deliberativo e de suas próprias resoluções;*
- B) autorizar o seu presidente a convocar ordinariamente as assembléias gerais e extraordinariamente o Conselho Deliberativo;*
- C) elaborar os regulamentos internos "ad-referendum" do Conselho Deliberativo;*
- D) apresentar ao Conselho Deliberativo, anualmente, um relatório das atividades sociais, acompanhado da respectiva prestação de contas;*
- E) admitir e excluir sócios;*
- F) designar substitutos, em caso de vaga até um terço de seus membros, nos termos do artigo 17º ;*
- G) resolver os casos omissos nestes estatutos e nos regulamentos internos, "ad-referendum" do Conselho Deliberativo;*
- H) determinar outras medidas que julgar necessárias à consecução dos objetivos sociais, criando cargos e comissões, remunerados ou não, "ad-referendum" do Conselho Deliberativo.*

O organograma da entidade (Anexo 2) que consta no Relatório da Diretoria de 1942, referente a novembro de 1941, esclarece a relação entre os departamentos, além de constar o quadro de sócios e funcionários por nome. Torna-se, portanto, uma referência para este período de trabalho que se intensificava no intuito de operacionalizar da melhor forma a infra-estrutura da instituição, assim como as atividades culturais e educacionais que queria desenvolver.

Na ata da reunião ordinária da Diretoria de 28 de novembro de 1941 se destaca o número de salas nas novas instalações. Utilizaram-se cinco salas para estas atividades: sala de palestras, biblioteca, secretaria, diretoria e expediente. Cada sala teria sua denominação. Os nomes escolhidos nesse primeiro momento foram: Joaquim Nabuco, George Washington, Abraham Lincoln, Duque de Caxias e Rui Barbosa. As salas foram mobiliadas ainda em 1941, segundo relatório posterior.

Não se sabe, pelos documentos existentes, os motivos da escolha desses nomes. Sabe-se que se denominou a sala reservada para palestras e aulas Joaquim Nabuco, para a biblioteca, George Washington, para a secretaria, Abraham Lincoln, para a diretoria, Duque de Caxias e para expediente, Rui Barbosa. Compreende-se o uso do nome dos dois Presidentes norte-americanos mais importantes, mas permanecem dúvidas a respeito das outras escolhas. Barbosa é conhecido, entre outras contribuições, por ter escrito a constituição republicana. Rui Barbosa manteve posições políticas e ideológicas que perfilavam com os EUA. Nutria simpatias à democracia norte-americana, segundo Gilberto Freyre no livro *Ordem e Progresso*. Duque de Caxias era um herói da guerra de Paraguai e Primeiro Ministro entre 1873-1875. Talvez, no imaginário da população desse período, ele representava o homem brasileiro ideal. Finalmente, Joaquim Nabuco, outro estadista, era escritor e líder abolicionista. Era o primeiro Embaixador brasileiro nos EUA até sua morte em 1910.

## **Os Departamentos**

A Diretoria se reunia mensalmente para discutir os assuntos pertinentes ao momento. Nos primeiros anos, os tópicos mais presentes nos relatórios se referem a funcionários e instalações. Com o rápido crescimento, aumentou o quadro de funcionários, em todas as áreas, exigindo mais espaço. Nessas reuniões discutia-se, também, assuntos relativos a bolsas de estudos, recepções e palestras, etc, que eram votados pelos presentes, e, de acordo com o resultado, iam para uma comissão para maiores estudos ou para pôr a resolução em prática.

A maioria das reuniões da Diretoria contava com quatro a dez participantes e, nos anos de 1940 e 1941, acontecia freqüentemente na casa de um dos diretores, à noite para não interferir na profissão dos diretores, terminando, em regra, próximo à meia-noite.(cf. UCBEU, 1941, Atas das reuniões da Diretoria, p. 1).

A Secretaria funcionava em uma das salas da União, com vários auxiliares subordinados ao Chefe da Secretaria, Moacir N. Vasconcelos, e à assistente Florence Bowe. Todos respondiam ao Secretário Geral, membro da Diretoria. Na gestão 1941-1943, o Secretário Geral era Rone Amorim. O expediente era das 9 às 18 horas com duas horas de almoço. Os serviços prestados por este departamento incluíam os fichários, o arquivamento de livros e papéis, a classificação de correspondências nacionais e internacionais e relações com o público. O movimento na Secretaria da segunda metade de 1941 mostra o volume e variedade do trabalho. Houve recebimento e expedição de mais de 1.500 cartas, mais de 1.500 telefonemas expedidos e recebidos, além de mais de mil informações dadas ao público e 400 visitas à sede. (cf. UCBEU, 1941, Relatório da Diretoria, pp. 5-6).

Na gestão de 1943-1945, o Chefe da Secretaria era Mucio Ferreira e na gestão seguinte era Higyno Aliandro. (cf. UCBEU, 1950b, Lista Nominal, p. 37). Um exemplo do trabalho extraordinário da Secretaria foi um levantamento de todos os estudantes e intelectuais que fizeram estágio nos Estados Unidos com o intuito de fundar um clube universitário com esse cadastro que somavam mais de 400 nomes, em 1942. Nesse mesmo ano, o trabalho da secretaria triplicou. Foram recebidos e expedidos 8.000 telefonemas e mais de 5.000 cartas. (cf. UCBEU, 1942, Relatório da Diretoria, pp. 2-3).

O seguinte trecho, do relatório da Diretoria referente ao exercício de 1944, demonstra a evolução da secretaria dos primeiros anos:

*O serviço da organização externa compreende fichário, arquivamento de papéis e livros, classificação de correspondência, comunicação com entidades culturais do país e do estrangeiro, organização de listas de bibliotecas de entidades culturais e universitárias que lecionam o português nos Estados Unidos. Além do Clube Universitário, Comissão de Bolsas, Comissão de Recepção e Alojamento de Estudantes, e de grupos similares que foram incrementados, está hoje União Cultural Brasil-Estados Unidos apta para atender qualquer consulta que se lhe faça.*

Em 30 de julho de 1941, o prof. Hunnicutt anuncia que, mediante contato com a embaixada norte-americana, existiria a possibilidade de adquirir “uma biblioteca

americana, bastando apenas que fossem fornecidas as listas dos livros escolhidos”. Na resolução número quatro, tomada pela Diretoria nessa ocasião, se lê: “Preparação das listas de livros a serem solicitados dos Estados Unidos”. (cf. UCBEU, 1941, Ata da reunião da Diretoria, julho, pp. 1-2). A biblioteca abriu, portanto, no mês seguinte (cf. UCBEU, 1941, Relatório da Diretoria, p.11) e a remessa de livros dos EUA continuou por vários anos. Em alguns casos, havia volumes extras que poderiam ser destinadas a outras bibliotecas. (cf. UCBEU, 1942, Ata da Reunião da Diretoria, maio, p.1).

Em 1942, a Diretoria contou com a colaboração de um professor de biblioteconomia chamado Francisco José Almeida de Azevedo que organizou o sistema de catalogação e fichamento das obras. A comissão da biblioteca elaborou o regulamento e houve pouco a pouco uma circulação de livros. Nesse período, a biblioteca contava com 1.200 livros e 35 revistas norte-americanas. A União contou com a colaboração de entidades norte-americanas como *American Library Association*, *Carnegie Endowment for International Peace*, a Divisão de Relações Culturais do Departamento de Estado e o OCIAA. A Diretoria contratou uma bibliotecária formada pela Escola Livre de Sociologia e Política para trabalhar na sala “George Washington”. Nos primeiros três meses de 1943, a biblioteca emprestou 258 exemplares e 217 revistas. (cf. UCBEU, 1943, Relatório da Diretoria, pp. 13, 20).

Em 1943, a União conseguiu negociar com cinco editores norte-americanos uma colaboração por intermédio da qual a União recebeu para sua coleção mais de 500 dos mais vendidos livros no mercado norte-americano. Em troca, mimeografaram listas dos livros com os respectivos autores e preços e as enviaram a 1.767 endereços de compradores potenciais no Brasil. Entre os editores que mais enviaram livros constam os nomes de MacMillan, McGraw Hill e John Willey & Sons. No final do ano, a biblioteca contava com 2.064 volumes. Foram emprestados 991 livros e 926 revistas. Na biblioteca da Escola de Inglês, no mesmo período, foram emprestados 2.932 livros e revistas e houve 9.469 consultas. (cf. UCBEU, 1943, Relatório da Diretoria, pp. 5-6).

Cópia de trecho do Relatório da Diretoria do ano 1944:

*Foram distribuídos 962 volumes das seguintes obras: "Benjamin Franklin", "Thomas Jefferson", "O Pensamento Vivo de Emerson", "O Gigante do Norte", "Pequena história da Literatura Americana", "O Pensamento Vivo de Thoreau". Esses livros foram distribuídos às escolas superiores, bibliotecas, instituições culturais, Centros diversos, Departamentos e Institutos Brasil-Estados Unidos. Além das obras acima mencionadas, foram distribuídos 87 volumes oferecidos pelos editores americanos: Macmillan Co; McGraw-Hill Book Co. e John Willey & Sons. (cf. UCBEU, 1944, Relatório da Diretoria, p. 10).*

Embora não se mencione a procedência dos livros citados logo acima, vale ressaltar que a União ainda recebia muito apoio de diversos órgãos ligados ao Departamento de Estado norte-americano.

Em 1944, a biblioteca possuía 3.207 volumes de livros e 70 revistas em Português e inglês. Os empréstimos de livros chegaram a ser mais de 7.000. Em função do aumento de volume do trabalho, foi necessário aumentar o quadro de funcionários para três pessoas, em tempo integral. Houve algumas melhorias nesse período: a biblioteca da Escola de Inglês se fundiu com a biblioteca geral, a instituição adquiriu obras em português e comprou uma coleção de traduções do Inglês.

Nesse ano, 1944, a Biblioteca recebeu dois bibliotecários norte-americanos que apresentaram sugestões, a maioria das quais a União executou, pelo fato de ter o hábito de valorizar a opinião norte-americana.

Em 1949, quando a sede da União se mudou para a rua Santo Antônio a fim de atender o crescimento da Escola de Inglês, o nome da biblioteca passou a ser Thomas Jefferson. De 1946 a 1950, o número de volumes da biblioteca cresceu para 7.800. (cf. UCBEU, 1950, Boletim Informativo, Outubro, p. 3).

Os pedidos de bolsas de estudos começaram efetivamente no final de 1941, em virtude de um contato feito pelo Presidente Antônio Carlos Pacheco e Silva com o Instituto de Educação Internacional, a primeira entidade norte-americana a conferir bolsas de estudo para brasileiros. Foram aos EUA, em 1941, vários estudantes por meio das próprias

fundações norte-americanas. Neste ano, foi uma estudante por intermédio da União com bolsa oferecida pela *American Association of University Women*, uma organização fundada nos EUA em 1882 para expandir as oportunidades das mulheres na educação superior e no mercado de trabalho. (cf. UCBEU, 1941, Relatório da Diretoria, p. 8).

Quando a União começou, efetivamente, a operar o sistema de bolsas de estudo, montou-se um roteiro para a escolha. A secretária publicava nos jornais a existência das bolsas e organizava as pastas dos candidatos com as recomendações dos diretores e professores da Universidade e de outras faculdades. Verificava, também, os dados a respeito da idoneidade do candidato, e só então, o pedido chegava à Diretoria e passava pelo exame dos membros presentes.

Cresceu a procura de bolsas de estudo em 1942 com a divulgação, com o aumento de fundações que encarregaram a escolha dos candidatos à União e com a iniciativa da União em aproximar as entidades intelectuais. Novecentas pessoas pediram informações na União sobre as bolsas e 85 foram selecionadas. Por vários motivos, apenas quinze conseguiram viajar; os problemas mais comuns eram as dificuldades de transporte e o momento da Segunda Guerra Mundial. A Diretoria examinou mais de cem solicitações de bolsas oferecidas pela Cidade de Nova York (8), Bureau de Meteorologia do Governo Americano (43) e o Instituto de Educação Internacional (55). Todos os viajantes pertenciam ao último grupo. Adicionou-se, em 1942, o exame de Inglês como fator de exclusão, mas essa foi a única mudança no sistema de seleção. (cf. UCBEU, 1942, Relatório da Diretoria, pp. 7-8).

Houve uma pequena diminuição da atividade de bolsas de estudo em 1943 devido à Guerra. Mas foram aos EUA cinco estudantes brasileiros nesse ano. (cf. UCBEU, Relatório da Diretoria, p. 4). Mesmo com um número pequeno de viajantes, a União e os EUA queriam manter a infra-estrutura do sistema de bolsas porque percebiam a futura importância desse tipo de intercâmbio para os EUA.

Em 1945, viajaram 18 bolsistas. A Diretoria nomeou uma nova comissão de bolsas para fazer o trabalho intermediado pela União, da qual faziam parte Rone Amorim e seis professores. Essa comissão modificou os formulários e questionários, e introduziu a publicidade em todos os jornais da Capital. Contavam-se entre as inscrições com mais de um candidato, as seguintes especialidades: agronomia, direito, enfermagem, língua inglesa, metodologia do ensino de línguas, medicina, nutrição, odontologia e psicologia. De um total de 71 inscrições, o maior número de candidatos adveio da área de medicina, com 16 candidatos. (cf. UCBEU, 1945, Relatório da Diretoria, pp. 37-39).

Os critérios também sofreram modificações. Todos os inscritos deveriam ter o conhecimento de Inglês, a possibilidade de aplicar os novos conhecimentos no Brasil, uma especialidade de interesse para a coletividade e trabalhos feitos após o término da Universidade. (cf. UCBEU, 1945, Relatório da Diretoria, pp. 37-39).

Até 1950, o sistema de bolsas de estudos era tão organizado que cada especialidade contava com sua própria subcomissão. Constavam 40 categorias de especialidades nesse ano. Para citar o exemplo de medicina, havia dois professores ou doutores em cada categoria de medicina para entrevistar e escolher os candidatos. As categorias eram anestesia, cirurgia, ginecologia endócrina, homeopatia, neurocirurgia, neuro-psiquiatria, pediatria, radiologia e serologia. Interessa a composição da Comissão de estudos e treinamento nos EUA. Havia oito membros dessa comissão geral, cuja composição se auto explana:

**Quadro III**  
**Comissão Geral de bolsas de estudos da UCBEU**

Presidente: Prof. Jayme A. de A. Cavalcanti. Faculdade de Medicina, USP
Presidente da União: Dr. Rone Amorim. Departamento de Cultura e Ação Social, Reitoria da USP
Vice-Presidente: Dr. Francisco Borges Vieira. Faculdade de Higiene e Saúde Pública, USP
Prof. Paulo Menezes Mendes da Rocha. Escola Politécnica, USP
Prof. Mário Wagner Vieira da Cunha. Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas, USP
Prof. Anita de Castilho e Marcondes Cabral. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, USP
Mr. Arthur W. Feldman. Vice-Cônsul Americano
Mr. Montgomery Merryman. Departamento de Cursos, União

*Fonte: UCBEU, 1950b, Estatutos e lista nominal, pp. 26-28.*

A diretoria da União ofereceu um almoço na sede da entidade em homenagem ao Diretor da Fundação W. K. Kellog, Dr. Benjamin G. Horning no dia sete de abril de 1951. Além de prestar serviços no desenvolvimento das ciências médicas no Brasil, a fundação trabalhava com a intermediação da União na concessão de bolsas de estudos nos EUA para estudantes e professores brasileiros das escolas superiores. O Presidente da comissão geral de bolsas da União, Prof. Jaime Calvalcanti conferiu no Dr. Horning a medalha da União por “merecimento por serviços relevantes à aproximação de países da América”. (cf. UCBEU, 1951, Boletim Informativo, maio, p. 9).

A Fundação Kellog tinha foco em aumentar a capacidade das pessoas ou sociedades de resolverem seus próprios problemas, normalmente associados com a pobreza. Trabalhava em micro-regiões, como o nordeste, e outros países da América Latina e o Caribe. Fundada em 1930 pelo magnata de cereais, Kellog, funcionava como umas das maiores fundações privadas nessas áreas. ([www.wkkf.org/LAC/English/Default.htm](http://www.wkkf.org/LAC/English/Default.htm). 9 de maio de 2003). Ao prestigiar o diretor da Kellog com um almoço, a União buscava sedimentar suas relações com essa instituição que emitia bolsas de estudo nos EUA.

Em 1950, o então Diretor de Cursos, Montgomery Merryman comunicou os números de bolsistas estudando nos EUA, utilizando-se da compilação do Instituto de Educação Internacional. Em 1949, havia 26.759 estrangeiros estudando nos EUA. Desse número, 2.528 eram da América do Sul, sendo 457 alunos brasileiros. Havia uma concentração de alunos nos seguintes estados: Nova York (5.000), Califórnia (3.000), Massachussets (2.000), Michigan (2.000), e Illinois (1.500). Só na Columbia University estudavam 1.140 estrangeiros. Os campos de estudos, em ordem de preferência eram engenharia, humanidades, medicina, ciências sociais, ciências físicas, administração comercial, religião, educação, agricultura e biologia. O Instituto de Educação afirmava que não só o Departamento de Estado custeava esses bolsistas, mas que havia verbos de várias outras fontes, incluindo o próprio Instituto (que era subvencionado pelo governo). (cf. UCBEU, 1950, Boletim Informativo, novembro, p. 3). (cf. UCBEU, 1950, Boletim Informativo, julho, p.2). As bolsas de estudo terão maior tratamento ao longo desse estudo. Mas nota-se que o número alto de estudantes estrangeiros contribuía aos fins do Departamento de Estado de promover *goodwill* aos EUA mediante a propaganda de “boca-a-boca”.

### **A Viagem de Pacheco e Silva**

Em 1941, o Presidente da Diretoria da União, Pacheco e Silva, e o Presidente do Conselho, Jorge Americano, viajaram a convite do Departamento de Estado norte-americano em uma missão para estreitar relações culturais. Jorge Americano era Reitor da Universidade de São Paulo, enquanto Pacheco e Silva era diretor do Hospital de Juqueri e professor da Universidade de São Paulo. Essa visita, entre abril e julho de 1941, possibilitou o entendimento entre os diretores da União e instituições norte-americanas, ampliando o intercâmbio cultural. (cf. UCBEU, 1941, Relatório da Diretoria, p. 4).

Jorge Americano e Pacheco e Silva fizeram os contatos em sua viagem pelos EUA utilizando os filmes cinematográficos que levaram consigo para mostrar o trabalho de educação feito na Universidade de São Paulo. Contataram universidades norte-americanas e chefes de divisões oficiais governamentais, como a Divisão de Relações Culturais do

Departamento de Estado, o Instituto de Educação Internacional e a União Panamericana. (cf. UCBEU, 1941, Relatório da Diretoria, p. 5). Esses contatos iriam facilitar o trabalho de divulgação do Brasil nos EUA, e no caso das entidades, possibilitariam até recursos para intercâmbios de estudos. A Divisão de Relações Culturais, por exemplo, funcionava como um braço do Departamento de Estado na área cultural. Parte de sua missão incluía “o motivo de encorajar e fortalecer as relações culturais e a cooperação intelectual entre os EUA e outros países”. A Divisão de Relações Culturais foi fundada em 1938 como concretização da recém-criada lei de “Convenção pela Promoção de Relações Culturais Inter-Americanas”, responsável por “intercâmbio cultural”. ([www.nara.org](http://www.nara.org), em 4 de agosto de 2002).

O Instituto de Educação Internacional teve um papel dos mais atuantes na concessão de bolsas de estudos para brasileiros nas diversas universidades norte-americanas. Criado pela *Carnegie Foundation*<sup>6</sup> em 1919, e financiado principalmente por esta fundação e pela fundação *Rockefeller*, atuou desde cedo na América Latina. A título de destaque, um grupo de professores brasileiros, escolhidos pela A.B.E. passou seis semanas nos EUA em 1937, conhecendo as instituições de ensino superior por meio do Instituto. Gustavo Lessa, que visitou o Instituto em Nova York em 1937, escreveu:

*A obra do Institute é das tais que, segundo a velha expressão inglesa, “make dreams come true”. Raramente se teria visto antes o espetáculo de um tal número de estudantes, professores, homens de letras e de ciências, afluindo em levadas anuais a um país, vindos de diversas partes do mundo, enquanto uma outra corrente, em sentido inverso, dele saía. O Instituto se tornou uma espécie de “clearing house” para bolsas oferecidas por instituições do Estados Unidos e de outros países. (Lessa, 1939).*

A União Panamericana surgiu dos conflitos na América do Sul no começo do século XIX. Mesmo nesse período houve conferências inter-americanas (Panamá 1826, Lima 1847, Santiago 1856, Lima 1864), com o objetivo principal de providenciar uma defesa comum. Em 1889, ocorreu em Washington a primeira conferência “moderna”, com

---

<sup>6</sup> A Carnegie Foundation, de 1905, é um centro de pesquisa educacional, atuando em áreas como política de ensino, sistemas de exames de classificação de universidades e trabalho com o custeio

representantes de todos os países do hemisfério presentes, menos a República Dominicana. O trabalho feito nessa ocasião almejava o estabelecimento de tarifas e o mecanismo de árbitro de disputas. Com os resultados, inaugurou-se o *Commercial Bureau of the American Republics*, posteriormente chamado de União Panamericana. ([www.encyclopedia.com](http://www.encyclopedia.com), 5 de agosto de 2002).

Nesse período de três meses de ausência do Presidente, os trabalhos não pararam. Nas Atas das reuniões da Diretoria, a participação de Rone Amorim e Benjamin Hunnicutt foi significativa para atingir os resultados obtidos durante esses três meses. Seguem algumas das tarefas que os dois cumpriram nesse período e que marcam a atuação da Diretoria.

A ata da reunião ordinária mensal da Diretoria de abril de 1941 mostra o volume de trabalho expedido naquele mês. Entre as dezoito resoluções tomadas nesse dia pelos diretores presentes, destacam-se as seguintes: instalar uma sede no centro da cidade; iniciar uma campanha para a adesão de novos sócios; realizar uma conferência na ocasião da visita a São Paulo do ator norte-americano Douglas Fairbanks, Jr., com uma recepção; organizar uma recepção aos Técnicos Agrícolas da *Carnegie Endowment for International Peace*; realizar uma conferência com os estudantes que retornaram de um curso de verão em Chapel Hill, EUA; elaborar um orçamento a fim de solicitar auxílio do Coordenador de Relações Comerciais e Culturais de Washington, D.C.; aprovar um orçamento para a impressão de mil exemplares dos estatutos da União; solicitar ao Ministro do Exterior cooperação moral e financeira; organizar folhetos em Inglês descrevendo a cidade de São Paulo para levar aos EUA e ajudar na obtenção de vistos mais apropriados para os estudantes norte-americanos no Brasil.

Além de mostrar a quantidade e variedade de projetos, nota-se entre os itens acima uma tentativa de manter uma cooperação de mão dupla no sentido cultural, e não apenas divulgar entre os paulistanos o modo de vida cultural dos norte-americanos. Neste período,

---

de educação para pessoas de renda mínima. ([www.carnegiefoundation.com](http://www.carnegiefoundation.com), em 4 de agosto de 2002).

o Presidente em exercício era o Prof. Benjamin Hunnicutt, que, junto com o Secretário Geral, Rone Amorim, elaboraram a reunião e sua subsequente ata. Em maio, com outros dois diretores, Hunnicutt e Rone tomaram treze resoluções. A primeira tratava da convocação do Conselho para discutir o orçamento, abrir a sede nova no centro, discutir o programa já proposto para 1941 e 1942 e aprovar a abertura de cursos de Inglês. A segunda resolução, de facilitar a viagem de estudos para os EUA de dois professores; a terceira, de imprimir os estatutos; a quarta de imprimir o discurso de Douglas Fairbank, Jr.; a quinta, de promover a proposta de novos sócios entre os membros; a sexta, de convidar o sr. Dr. Cecil M. Cross, Cônsul Geral Americano em São Paulo para participar das reuniões da Diretoria como membro nato do Conselho (Hunnicutt já tinha conversado com ele a respeito); a sétima, de resolver um problema de restrições a estudantes norte-americanos no Brasil com o Ministério da Educação, por comissão chefiada por Hunnicutt; a oitava, de implementar o curso de Inglês, por comissão também chefiada por Hunnicutt; a nona, de nomear uma comissão para estudar o orçamento da entidade, chefiada pelo mesmo diretor; a décima, de estreitar as relações com o Escritório do Coordenador de Assuntos Inter-americanos (OCIAA), (ambos os diretores tinham já conversado com membros do Escritório: Rone com E.H. Robbins e Hunnicutt com o próprio Rockefeller); a décima primeira, de fazer uma conferência com os estudantes bolsistas que regressaram de Chapel Hill, com comissão chefiada ainda por Hunnicutt; a décima segunda, de marcar a reunião seguinte e a última, de listar o novo Conselho votado para o biênio 1941-1943. (cf. UCBEU, 1941, Ata de Reunião da Diretoria, maio, p. 3).

Em julho, Hunnicutt conseguiu localizar e alugar as instalações novas para a União e contratar Florence Bowe para auxiliar a diretoria. Em fins de julho, o presidente Pacheco e Silva já havia voltado ao Brasil, e passou a presidir as reuniões da Diretoria normalmente, e os trabalhos continuaram, com uma participação menor de Hunnicutt.

O cônsul geral americano em São Paulo, Cecil Cross, começou a freqüentar as reuniões e foi um dos participantes mais consistentes ao longo de todos os anos da Guerra, (cf. UCBEU, 1941-1945, Atas de Reunião da Diretoria) participando, inclusive, em algumas comissões. (cf. UCBEU, 1945, Relatório da Diretoria, p. 6).

## A Abertura da Escola de Inglês

*Só a partir de 1831, quando os novos Estatutos das Academias de Ciências Jurídicas do Império incorporaram a estas instituições seis cadeiras para ministrarem os conhecimentos então exigidos- latim; francês; inglês; retórica; filosofia racional e moral e geometria -, a língua inglesa começou a ser exigida nos exames de admissão às faculdades de direito. (Oliveira, 1999, p. 168).*

Assim começava a necessidade de estudar Inglês no Brasil. Mais de um século depois, a ocorrência de aulas de Inglês ministradas na União foi mencionada pela primeira vez, na ata da Diretoria de 14 de maio de 1941. Ao convocar o Conselho Deliberativo para uma reunião no dia 26 de maio, entre muitos outros itens, consta: “abertura de cursos de inglês por professor americano”.

De onde vem esta idéia de o professor ser norte-americano em vez de brasileiro? Uma pista para chegar a uma possível resposta reside nas pessoas presentes nas reuniões de Diretoria. Nesse caso, como na reunião anterior, estiveram presentes somente quatro diretores e o Presidente em exercício, Hunnicut, e o Secretário Geral, Rone, tomaram conta da reunião, debatendo e trocando idéias (cf. UCBEU, 1941, Ata de Reunião da Diretoria, maio p. 2) a serem descritas em seguir.

Algumas hipóteses são cabíveis. Como já consta na primeira menção do assunto, o caso do curso ser ministrado por um professor norte-americano, pode ter sido levantado pelo Escritório do Coordenador de Assuntos Inter-Americanos, o OCIAA, liderado por Nelson Rockefeller. Mas a Cultura Inglesa, uma entidade congênere, já tinha cursos de Inglês em São Paulo desde 1935, e aqueles Diretores já sabiam disso. O próprio Professor Hunnicutt tinha sido conselheiro por um curto período na Cultura, e sabia que lá usavam professores britânicos e relatou nessa mesma reunião os acontecimentos de sua visita ao Rio de Janeiro onde esteve em contato com o Instituto Brasil-Estados Unidos (IBEU) daquela cidade, com a missão de estreitar as relações entre as duas entidades. O IBEU foi

fundado em 1937, com atividades culturais e cursos de Inglês, e mantinha uma infraestrutura parecida com a da União.

A respeito da escolha do primeiro professor na União, em outra ocasião (9 de outubro), ao discutirem os valores a serem cobrados como mensalidades do novo curso de Inglês, citaram as cobradas na escola do Instituto no Rio, como referência. Parece razoável concluir que podia ter sido o Prof. Hunnicutt quem trouxera à tona esse assunto pela primeira vez. Outra hipótese remete a Rone Amorim, sempre um participante ativo e criativo nessas reuniões. Uma curiosidade ocorre no livro de Atas das Reuniões do Conselho Deliberativo e das Assembléias Gerais, Livro 1, de 1938. Escrito à mão, no artigo dois das intenções da nova entidade, consta no final do item C, uma referência que não foi transcrita para as Atas da Diretoria e seus estatutos oficiais. Lê-se: “cursos, competições, conferências, palestras, reuniões e inclusive o ensino de língua e literatura dos dois países”. Não se sabe se essa referência foi lembrada nas posteriores discussões. Não obstante as dúvidas, com o início das aulas de Inglês, incide o momento determinante da existência da União.

Em uma reunião posterior da Diretoria, em 14 de maio saiu a resolução de abrir, “ad-referendum” do Conselho Deliberativo, o curso de Inglês. Nomeado para participar da comissão de estudos sobre os cursos de Inglês, aparece entre os membros ativos da Diretoria o nome de Hunnicutt, constatando, assim, seu interesse no assunto.

Com o Presidente da União, Pacheco e Silva, já de volta dos EUA, na reunião de Diretores de 30 de julho de 1941 houve uma discussão prolongada com vários participantes após a sugestão de implementar o quanto antes tal curso, além de uma proposta de oferecer cursos de literatura norte-americana na União em Português. Foi proposta do Presidente que as aulas de Inglês deviam possuir um conteúdo técnico para atender às necessidades de universitários; e, ainda, apareceu a sugestão de ministrar as aulas nas escolas da Universidade. O Prof. Hunnicutt informou que mediante a Embaixada Americana no Rio, seria possível a aquisição de uma biblioteca de livros norte-americanos. Nas resoluções da

reunião, decidiu-se devolver a questão dos cursos de Inglês à comissão e de autorizar o curso de literatura em Português.

O Presidente comunicou na reunião de nove de outubro que os cursos de Inglês seriam inaugurados em breve, junto com um curso de Português para norte-americanos. Já havia 30 interessados para o primeiro e 15 para o segundo. Foi nessa ocasião que a professora norte-americana, Sra. A.C. Newman, contratada e custeada pelo Departamento de Estado, foi aprovada para ser a primeira professora do curso de Inglês da União.

Portanto, as aulas de Inglês, efetivamente, começaram entre as duas reuniões ordinárias da Diretoria, pois, na reunião de sete de novembro, já se encontra em pleno andamento o curso com cerca de 60 alunos nas dependências da própria União. (cf. UCBEU, 1942, Relatório da Diretoria, p. 9). Com análise da participação dos Diretores na reunião de 30 de julho, o fato de Hunnicutt conhecer o IBEU e Nelson Rockefeller e o fato da professora ser oriunda do OCIAA, leva a acreditar que há maior probabilidade que Benjamin Hunnicutt teve bastante influência na decisão final de optar por professor norte-americano, em vez de brasileiro. Essa decisão pode ter surgido com base na tradição de ensino de idiomas no Brasil, pelas experiências do IBEU ou, simplesmente, pela facilidade de aceitar uma oferta do OCIAA para contratar e custear o empreendimento. Mas a questão procede, já que cria a precedência de favorecer o professor norte-americano na União.

## Anexo I

### Glossário dos participantes mais importantes do período: 1938-1951.

Entre as pessoas que mais influenciaram a trajetória da União figuram os nomes **Domingos Machado, Antônio Carlos Pacheco e Silva, Rone Amorim, Benjamin Hunnicutt** e os três diretores do Departamento de Inglês, mencionados acima. Domingos Machado e Pacheco e Silva aparecem na lista por serem fundador e primeiro Presidente, respectivamente. Rone Amorim consta na lista pelo trabalho que apresentou ao longo do período estudado. Hunnicutt está presente pelo seu empenho em 1941. Os três Diretores do Curso de Inglês (oriundos do OCIAA) coordenavam o crescimento da escola de Inglês, e há outras figuras que marcam a história da União que aparecem aqui como uma forma de facilitar a leitura do texto.

A respeito de **Antônio Carlos Pacheco e Silva**, nota-se sua participação em várias sociedades médicas, como a Sociedade de Neurologia de Paris, Academia Nacional de Medicina de Buenos Aires e a Academia Nacional de Medicina do Rio. Foi deputado estadual e federal. (Vida Intelectual nos Estados Unidos, vol. II. p. 121.) Sua própria formação inclui estudos na Escola Americana e a Faculdade de Medicina. Sua família era da elite paulistana, cujos filhos freqüentavam a Escola Americana (cf. Barbanti). Não é casual, portanto, a sua posição de destaque em uma entidade como a União. Os dados biográficos de Pacheco e Silva comprovam a posição que mantinha na sociedade paulistana, e a influência que acompanhava o seu *status*. Era Diretor do Hospital de Juqueri, professor catedrático da Faculdade de Medicina de São Paulo, autor de livros e trabalhos científicos e membro de sociedades científicas.

**Cecil Cross**, diplomata norte-americano, veio a São Paulo em 1941 e participou de quase todas as reuniões da diretoria da UCBEU, nos anos de sua formação. Formou-se com o grau de doutor de filosofia, em 1922, pela Universidade de Chicago. Antes de servir como cônsul geral em São Paulo, esteve em Washington, Palermo, Nápoles, Aden, Cidade do Cabo, Barcelona e Paris. (Vida Intelectual nos Estados Unidos, vol. I. prefácio).

**Benjamin Hunnicutt** veio ao Brasil em 1907, a convite do Instituto Evangélico de Lavras, em Minas Gerais, para organizar e dirigir uma escola de agricultura, onde trabalhou e lecionou até 1926. Foi presidente do Mackenzie College em São Paulo, de 1932 a 1955. A sua participação no desenvolvimento da União foi decisiva, pois, conforme está citado no capítulo II, exerceu o cargo de 1º Vice-Presidente, durante a gestão de Pacheco e Silva (1941-1943), e Presidente em exercício durante a viagem aos EUA de Pacheco e Silva. (Benedito Garcez. 1970. *Mackenzie*. São Paulo: Presbiteriana. pp. 191-202).

Entre as pessoas que mais influenciaram a trajetória da União, consta **Rone Amorim**, que começou sua carreira como secretário do consulado geral norte-americano e teve uma atuação crucial para o comparecimento do cônsul Carol Foster na inauguração da União, assim como atuou para manter estreitas as relações entre o consulado e a União durante a década de quarenta. Um dos fundadores da União, Rone exerceu o cargo de Diretor do Interior, fazendo o apoio dos incipientes institutos culturais do interior paulista. Formou-se

em Direito na Universidade de São Paulo. Era Secretário Geral, e depois, Presidente do Partido Liberal Acadêmico e Diretor da Tribuna Liberal. Trabalhou na Gazeta de Campinas, na Folha da Manhã e no Diário do Povo. Ocupou o cargo de Secretário Geral do OCIAA em São Paulo. O cargo de Rone Amorim como Representante em São Paulo do OCIAA, consta como um importante elo entre o OCIAA e a União, a partir de 1944. Ele exercia este cargo ao mesmo tempo em que atuava na União como Diretor dos Departamentos do Interior. Desta forma, daí em diante, até o término da Guerra, as relações entre o OCIAA e a União puderam ser ainda mais íntimas. Assim, além do trabalho incessante que ele produziu em prol da União, também facilitava tal trabalho com os vínculos que mantinha com os departamentos do governo norte-americano. Nos anos 1950-1952, o Presidente da União seria o próprio Rone Amorim. (Vida Intelectual nos Estados Unidos, vol. II. p.359). (Reunião da Diretoria de 11 de agosto de 1944. p. 1).

**Donald Pierson** veio ao Brasil em 1935, após completar o mestrado em Chicago. Defendeu a tese de doutoramento também na Universidade de Chicago, em 1939, com base em um estudo realizado na Bahia sobre as raças. No mesmo ano voltou ao Brasil para ensinar na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo. Publicou vários títulos importantes, como *A Cruz das Almas-a Brazilian Village*. Voltou aos Estados Unidos em 1955. Recebeu uma medalha de mérito da União em 1980. Serviu como 2º Vice-Presidente da União na gestão 1943-1945, quando seu chefe na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, Cyro Berlink servia como 2º Vice-Presidente da União na gestão seguinte. (Ata de reunião de diretores. 5 de dezembro, 1944. p. 1).

**Domingos Machado** veio de uma família tradicional da região de Pindamonhangaba; com 12 irmãos, era filho de um fazendeiro. Na Universidade, Machado foi logo se envolvendo com as atividades extracurriculares, sendo eleito Vice-Presidente, e depois Presidente, do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz da Faculdade de Medicina, em 1937 e 1938. Ainda estudante, foi nomeado inspetor federal do ensino secundário da Escola Normal de Santa Cruz do Rio Pardo.

**John Culver**, que era o primeiro Diretor de Cursos da União, veio a convite do Departamento do Estado norte-americano para dar direção à escola de Inglês da União. Serviu de 1942 a 1945, implementando as primeiras adaptações à metodologia, e organizando e acompanhando o crescimento da escola. Recebeu seu bacharelado em filosofia da Universidade de Wisconsin.

**Joseph Privitera** seguiu o Dr. Culver no cargo de Diretor de Cursos da União, de 1945 a 1948. Privitera recebeu um PhD. da Universidade de New York em Francês. Sua vinda para a União pelo Departamento de Estado fez parte de sua carreira diplomática com o U.S. Foreign Service. Escreveu um manual de pedagogia de ensino de Inglês, cujo conteúdo é estudado em essa dissertação.

**Noemá Silveira Rudolfer** era professora da USP, trabalhando nas áreas de educação e psicologia geral e educacional. Realizou ao convite do governo norte-americano, diversas viagens aos EUA, onde cursou a Universidade de Columbia. Foi 1º Secretário da União na gestão de Pacheco e Silva, e 2º Secretário na gestão seguinte.

**Geraldo de Paula Sousa**, candidato derrotado por Pacheco e Silva na primeira votação para Presidente da União. Serviu como 3º Vice-Presidente da União na gestão 1943-1945. Foi Diretor do Instituto de Higiene da USP. Em 1928, fez estágio de intercâmbio na John Hopkins University, na área de higiene pela Fundação Rockefeller.

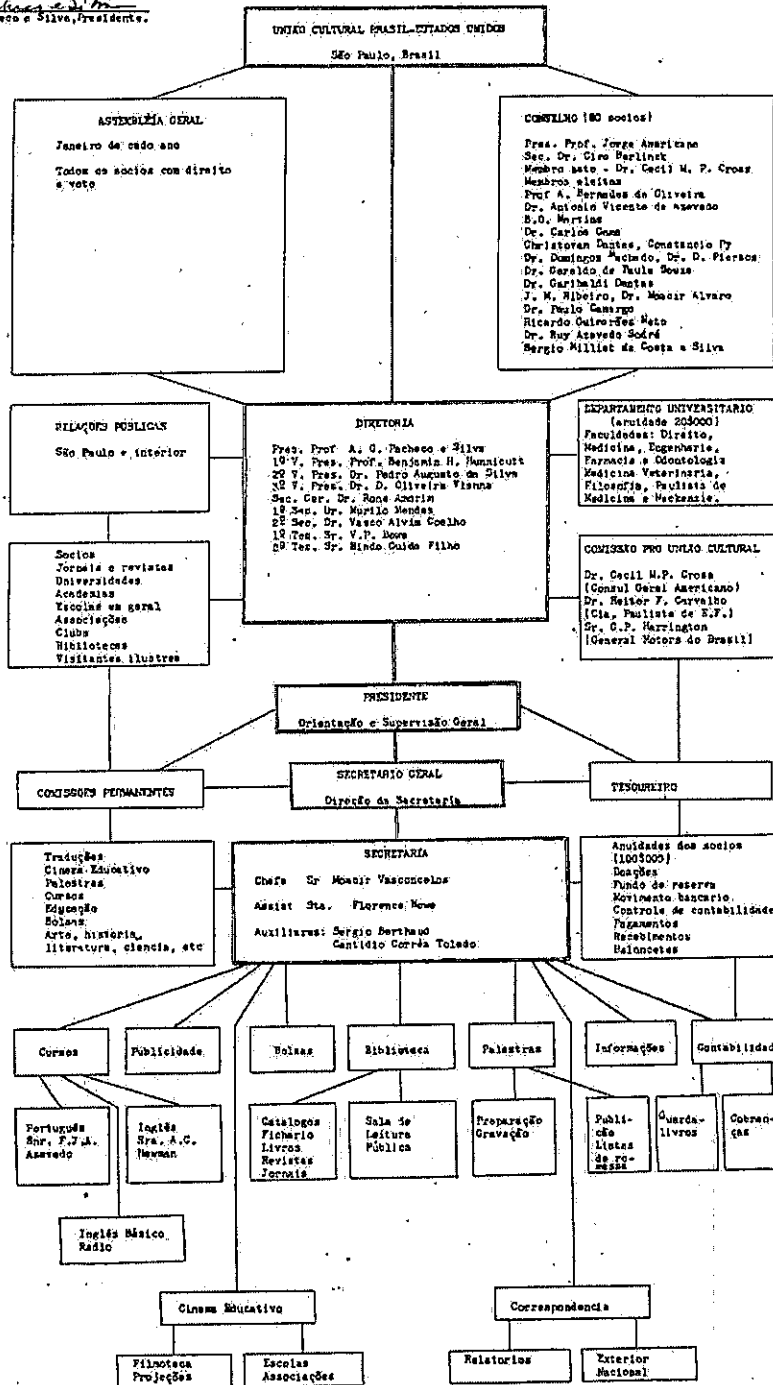
## Anexo II

# Organização da União Cultural Brasil-Estados Unidos, 1941

Aprovado no Conselho de Diretoria de  
22 de novembro de 1941.

*A. C. F. Pacheco e Silva*  
Dr. A.C. Pacheco e Silva, Presidente.

ORGANIZAÇÃO ATUAL DA UNIÃO CULTURAL BRASIL-ESTADOS UNIDOS



São Paulo, Brasil, 19 de novembro de 1941

Secretário Geral

*Paulo Amaral*

## Capítulo II O Curso de Inglês da União

Este capítulo relata o histórico do Departamento de Inglês, uma menção dos cursos contemplados no departamento, uma breve discussão da metodologia de ensino e uma discussão das principais figuras pedagógicas que marcaram a década, e, conseqüentemente, a história da União.

Após a abertura da escola de Inglês, descrita no capítulo anterior, o número de alunos cresceu rapidamente, e como conseqüência, a importância dessa escola. Sentindo a necessidade de ter um profissional para dirigir as atividades da escola, a Diretoria apelou para o OCIAA. Em maio de 1942, o norte-americano John Culver, oriundo do Departamento de Estado, formado em filosofia na Universidade de Wisconsin, chegou a São Paulo para dirigir o novo Departamento de Inglês. Além disso, a Diretoria criou uma secretaria especialmente para atender às necessidades da escola. Alugaram-se cinco salas no oitavo andar do mesmo prédio, e a escola e a secretaria da escola foram mudadas para operar nessas novas instalações. (cf. UCBEU, 1942, Relatório da Diretoria, p. 11). Por força da tradição e com o nome da União para zelar, a escolha do Diretor de Cursos, tanto como a primeira professora de Inglês, tinham que ser norte-americanos. O OCIAA ajudava nas convocações para esses dois profissionais, que até então residiam nos EUA.

O relatório da Diretoria, referente ao ano de 1942, apresentado em março de 1943, termina com a estatística da escola: em dezembro de 1942 havia 287 alunos e no mês do relatório, cerca de 800 alunos (março de 1943). Menciona ainda que alguns professores foram pagos pela própria União, mas que o Departamento de Estado, por meio do OCIAA, pagava o salário do Diretor e dos professores enviados dos EUA. (cf. UCBEU, 1942, Relatório da Diretoria, p. 11).

No balanço de 1942, a diretoria afirma ter recebido Cr\$ 38.756,50 em mensalidades e custos, somando Cr\$ 35.004,60. Os custos foram com o aluguel, despesas gerais e com os ordenados dos professores contratados localmente, totalizando Cr\$16.620,00. (cf. UCBEU, 1942, Anexo ao Relatório da Diretoria). A seguir, há os nomes de todos os professores do segundo semestre de 1942 e o número de alunos e grupos de cada um. Nota-se que em

outubro havia o Diretor e três professores dando aulas, enquanto havia seis professores e o Diretor dando aulas em novembro. Em fevereiro de 1943 havia nove professores e dois Diretores, John Culver e seu assistente, Benjamin Woodbridge, ambos oriundos dos EUA, ambos pagos pelo OCIAA.

**Quadro IV**  
**Alunos por turma e professor de Inglês (outubro de 1942)**

Professor	Nº de alunos por turma			Total
	a	b	c	
Mrs. Silva	16	14	12	42
Mr. Charles	13	16	6	35
Miss Bobe	13	20	-	33
Dr. Culver	48	12	-	60
<b>Total</b>				<b>170</b>

*Fonte: UCBEU, 1943, Relatório da Diretoria, Anexo.*

Ao examinar os números e os professores de dezembro do mesmo ano, percebe-se o ritmo em que a escola crescia, quase desde o início das atividades do ensino de Inglês.

**Quadro V**  
**Alunos por turma e professor de Inglês (dezembro de 1942)**

Professor	Nº de alunos por turma				Total
	a	b	c	d	
Mrs. Silva	10	18	22	12	62
Mr. Charles	16	22	13	3	54
Miss Bobe	13	23	14	6	56
Mr. Masure	17	9	-	-	26
Mrs. Thurston	23	-	-	-	23
Mrs. Cant	18	6	-	-	24
Dr. Culver	20	6	6	10	42
<b>Total</b>					<b>287</b>

*Fonte: UCBEU, 1943, Relatório da Diretoria, Anexo.*

Portanto, em dois meses, a equipe de professores dobrou, e o número de alunos aumentou em 70%. O número de turmas foi de 10 em outubro a 21 em dezembro. O número médio de alunos por turma girava em torno de 15. Uma turma de Dr. Culver chama

atenção por ter 48 alunos. Trata-se, provavelmente, de um curso extra-língua, como literatura ou cultura norte-americana.

**Quadro VI**  
**Alunos por período e professor de Inglês (fevereiro de 1943)**

Professor	Nº de Alunos		
	Parcial	Período Integral	Total
Doris Richers Silva	91	-	91
Charles Aepsi	88	-	88
Rose Madge Cant	72	-	72
Ralph Masure	27	-	27
Antonietta Angelucci	40	-	40
Harriette Thurston	26	-	26
Maria Rabelo	24	-	24
Ângela Matta	13	-	13
Lonis Dodd	43	-	43
Benjamin Woodbridge	-	93	93
John W. Culver	-	39	39
<b>Total</b>			<b>556</b>

*Fonte: UCBEU, 1944, Relatório da Diretoria, Anexo.*

Os índices apresentados no quadro acima, não permitem quanto aos números de alunos por turma e de turmas, mas mostra que o tamanho da escola dobrou e o OCIAA contratou Woodbridge para auxiliar Dr. Culver. Portanto, em 1943 havia onze professores na União. No relatório da Diretoria de 1947, constam 30 professores, entre os de tempo parcial e integral. Em março de 1951, o número de professores era 55. Os dados do departamento de cursos de 1951 permitem uma análise maior pela qualidade dos dados.

**Quadro VII**  
**Alunos e classes por modalidade de curso (1951)**

Modalidade de Curso		Alunos	Classes
Inglês			
<b>E S T Á G I O S</b>	I.1	1942	73
	I.2	822	34
	II. 1	747	31
	II. 2	665	26
	III. 1	590	24
	III. 2	360	16
	IV. 1	335	14
	IV. 2	192	10
	Crianças	242	14
	Writing I e II	84	5
	Conversação	94	5
	Short Stories	43	2
	Speech Clinic	11	1
	American History	16	1
<b>P O R T. T.</b>	<b>Português para estrangeiros</b>	142	8
	<b>Port. para Brasileiros</b>	52	2
<b>Total</b>		<b>6421</b>	<b>269</b>

*Fonte: UCBEU, 1951, Boletim Informativo, maio (modificado por ABB).*

A análise desses números de 1951 aponta primeiro para o decréscimo nos números de turmas e de alunos conforme o estágio. Embora um evento natural, não deixa de trazer um significado aos quadros de alunos da União, pois o número de professores com total fluência é menor em um caso de pirâmide como esse. Outro detalhe que chama atenção em esse quadro de dados é a taxa de evasão. O número de alunos no estágio I.1 em comparação com o número de alunos no estágio IV.2 mostra que para cada aluno que completa o último estágio, dez alunos começaram o primeiro estágio. Há vários fatores que podiam ter influenciado esse comportamento por parte dos alunos, como a dificuldade de acompanhar

um curso cada vez mais difícil. Esse seria uma conclusão razoável, pois números mais quebrados poderiam significar um custo maior do curso que não permitisse a permanência de boa parte dos alunos. Pode-se acompanhar a evasão do primeiro semestre de 1951.

**Quadro VIII**  
**Movimento de Alunos no 1º Semestre de 1951**

Estágio	Matrícula	Março	Abril	Maió	Aprovado	Reprovado	Incompleto
I.1	1956	1942	1877	1459	996	270	223
I.2	842	822	799	672	523	90	67
II.1	752	747	727	620	502	88	52
II.2	670	665	647	537	407	73	92
III.1	587	590	571	481	342	9	42
III.2	370	360	343	287	239	9	30
IV.1	337	335	322	262	233	10	23
IV.2	197	192	191	156	142	0	18

*Fonte: UCBEU, 1951, Boletim Informativo, agosto.*

O número de incompleto dividido pelo número de alunos em março fornece a taxa de evasão por estágio, em porcentagens, respectivamente: 11.4, 8.1, 6.9, 13.8, 7.1, 8.3, 6.9 e 9.4. É comum encontrar uma evasão decrescente conforme o nível do aluno vai subindo porque este começa a perceber o fato que está perto de receber o diploma. Mas no caso desse semestre em questão na União, não há esse resultado. A média de evasão para todas as turmas é de 8.99%. No quarto capítulo há matéria sobre dados que o OCIAA pedia dos centros culturais, como a União. Esses dados de evasão seriam importantes para o OCIAA determinar a rentabilidade da entidade e calcular o resultante apoio financeiro para distribuição. Mesmo com evasão, o número de alunos na União cresceu todos os anos desse período, como mostra quadro IX na página 53.

Sem embargo, o crescimento da escola de Inglês não ocorreu por decorrência da unanimidade. Em outubro de 1943, o 2º Vice-Presidente, Trajano Pupo Neto, salienta o “imperativo” de limitar-se o número de alunos dos cursos de Inglês, pois “o que se está verificando é a grande expansão do mesmo em detrimento de outras atividades igualmente importantes da União Cultural, e que se deve ter em mira qualidade e não quantidade. Mais inglês para menor grupo”. (UCBEU, 1943, Reunião da Diretoria, outubro, p 2).

Nomearam, então, três membros da Diretoria (Donald Pierson, Cyro Berlinck e John Culver) para estudar o assunto.

Em fevereiro de 1944, o Presidente da União, Jorge Americano, questiona a competência do Diretor do departamento de Inglês, conforme comprova o seguinte texto:

*o curso de inglês deve ser um curso tipo padrão e não com fins comerciais; as viagens que faz pelo interior do estado, sem ao menos dizer à diretoria que esteve ausente da Capital; a maneira de se esquivar, toda vez que se lhe pedem esclarecimentos a respeito de relatório de despesas dos cursos; e a impossibilidade de se manter com o diretor dos cursos de inglês uma relação íntima tão sincera quanto deseja a diretoria. (UCBEU, 1944, Reunião da Diretoria, fevereiro, p. 2).*

Jorge Americano afirma, então, que John Culver era “persona non grata” à Diretoria, que a União “parece resumir-se na escola de Inglês”, que John Culver assina sua própria correspondência, contrata professores sem prévia autorização, entre outras atitudes contrárias às recomendações feitas pela Comissão de Organização da Conferência dos Institutos Culturais. Um dos itens recomendados na conferência que tinha ocorrido no mês anterior à reunião de diretores da União, declara que o Diretor das escolas de Inglês deveria ser brasileiro. Assim, Jorge Americano decidiu com o apoio da Diretoria entrar em entendimento com o cônsul americano, Cecil Cross, presente na ocasião, a respeito da demissão de John Culver. (cf. UCBEU, 1944, Reunião da Diretoria, fevereiro, p. 2).

No mês seguinte, na reunião ordinária da Diretoria, Jorge Americano expressa para os demais Diretores os resultados de sua longa conversa com o cônsul, em que ficou decidido esperar o mês de junho e o término do contrato de John Culver. Ficou decidido que haveria reuniões mais freqüentes entre os dois para poder evitar situações semelhantes no futuro. (cf. UCBEU, 1944, Reunião da Diretoria, março, p. 1).

Apesar das recomendações da Conferência dos Institutos Culturais, o subseqüente Diretor do Departamento de Cursos foi o norte-americano Dr. Joseph Privitera, que assumiu, sob os auspícios do OCIAA, o cargo de diretor em março de 1945 e trabalhou na União até 1948. (cf. UCBEU, 1944, Reunião da Diretoria, dezembro, p. 1). John Culver

ficou no cargo de Diretor até a chegada de Privitera. De 1948 em diante, o norte-americano Montgomery Merryman foi o Diretor do Departamento de Inglês.

Em junho de 1945, os alunos pleitearam um novo local para as aulas noturnas de Inglês, ministradas então no Colégio Paulistano, pois queriam estudar em um lugar mais central. Na época, havia 2.500 alunos. Duas semanas depois, a União tinha conseguido alugar várias salas em um prédio na Praça da Sé. (cf. UCBEU, 1945, Reunião da Diretoria, junho, p. 1).

Em 1946, a União matriculou 3.418 alunos nos seus vários cursos, com 33 professores, incluindo-se os enviados pelo Departamento de Estado. (cf. UCBEU, 1946, Boletim mensal, abril). (cf. UCBEU, 1951, Boletim Informativo, abril, p.6). A escola de Inglês continuava a crescer, e, em 1949, após um ano de estudos, em que foi até traçada uma área apropriada no mapa do centro de S. Paulo, o Conselho Deliberativo encontrou uma casa antiga na rua Santo Antônio, 487, para uma nova sede. (cf. UCBEU, 1950, Boletim Informativo, abril). Nesse casarão poderiam funcionar todas as áreas da União em um único imóvel, pois a casa tinha espaço para 13 salas de aula (cf. UCBEU, 1951, Boletim Informativo, abril p. 6); deram-lhe o nome de “Casa Roosevelt”. Houve uma festa de inauguração:

*Foi uma realização digna de todos os aplausos a obtenção da nova sede da entidade pelos atuais dirigentes da União Cultural Brasil-Estados Unidos. A inauguração, no dia 12 de outubro, foi uma verdadeira apoteose. Esteve concorridíssima. Foram especialmente convidados para inaugurar a “Casa Roosevelt”, nome do edifício da UCBEU, o Embaixador Norte-Americano, Dr. Adolf Berle Jr. E o Representante do Interventor Federal, Dr. Jorge Americano, Reitor da Universidade de São Paulo. (UCBEU, 1946, Boletim Mensal, fevereiro).*

Até o final da década, a União teria matriculado mais de 5.000 alunos nos seus cursos de inglês. (cf. UCBEU, 1951, Boletim Informativo, junho). O crescimento da União em termos de números de alunos foi o seguinte:

**Quadro IX**  
**Alunos por ano (1941-1951)**

ano	1941	1942	1943	1944	1945	1946	1947	1948	1949	1950	1951
Nº de Alunos	60	287	1.150	1.700	2.500	3.429	4.653	4.838	5.047	5.822	6.479

*Fonte: UCBEU, 1951, Boletim Informativo, abril.*

Em 1950, a escola de Inglês consistia de um diretor, um assistente (ambos mandados pelo Departamento de Estado), cinco secretárias, 44 professores contratados localmente e pelo Departamento de Estado. (cf. UCBEU, 1951, Boletim Informativo, junho).

### Os Cursos

A União oferecia uma variedade de cursos, além do Inglês Básico. Isso ocorria por razões ligadas às propostas originais da organização. A União sempre se viu como um instituto cultural, cuja missão era estreitar as ligações culturais com os EUA. A Diretoria entendia que o tipo de cursos oferecidos tinha de corresponder com essa missão de difusão cultural. Por isso, a União oferecia para alunos mais avançados um curso de literatura americana, a partir de 1943, ministrado pelo próprio Diretor, John Culver. (cf. UCBEU, 1943, Relatório da Diretoria, p. 17). Mais tarde, os tipos de cursos foram se modificando para temas mais abrangentes e de menor duração. (cf. UCBEU, 1944-1950, Segunda Conferencia dos institutos de intercâmbio cultural, p. 2). Por exemplo, uma nota no Boletim Mensal de fevereiro de 1946 relata o resultado de um curso que “alcançou sucesso extraordinário: o Curso de “Literatura Brasileira” a cargo do Prof. Antônio Soares Amora, que contou com a presença de 100 alunos entre brasileiros e norte-americanos”.

No entanto, o “carro chefe” da União sempre foi o curso de Inglês de nível básico dividido em *Basic* e *Wider English*, ambos com duração de dois anos e subdivididos em quatro estágios, ou seja, quatro semestres.

O curso de Inglês funcionava sob outro nome; em 1945 chamava-se curso Júnior e Sênior com duração de quatro anos, dois anos de literatura, Inglês comercial, taquigrafia,

*speech clinic*, música americana e vida americana. Em 1946, criaram-se os cursos: *Public Speaking*, *Play Reading* e *Laboratory of American Life*. Em 1950, incluiu-se o curso de Português prático para brasileiros, como uma forma de manter a difusão de coisas brasileiras. A maioria desses cursos continuava atual em 1950.(cf. UCBEU, 1951, Boletim Informativo, abril, pp. 5-7).

Em 1951 a União publicou uma lista dos recipientes de diploma do curso básico para o ano de 1950. Ao contar o número de pessoas se formando e comparar o mesmo com o número total de alunos estudando na entidade, um resultado surpreendente surge: 32 pessoas se formaram de um total de aproximadamente 4000 alunos nos cursos básicos. Isso significa uma taxa de formação de menos de um por cento.

### **A Metodologia de Ensino**

A metodologia de ensino que a União usou na década de quarenta veio com a primeira professora enviada dos EUA. Denominada *Basic English*, baseava-se em um sistema de ensino por repetição. O sistema visava ensinar aos alunos um Inglês prático, de conversação, com base nas instruções dos professores os alunos repetiam, no início, e, mais tarde, com diálogos cada vez mais complexos. Uma apostila ajudava com diálogos escritos para memorização. No final da década, eram utilizados filmes curtos como forma de melhorar a pronúncia dos alunos, e o audiovisual, ou seja, filmes, gravações e outros artifícios para a melhor difusão do idioma.(cf. UCBEU, 1944-1950, Segunda Conferencia de institutos de intercâmbio cultural, p. 2).

Nessa nova metodologia, o *Basic English*, que tomou força nos anos cinquenta, não deveria haver o uso da língua materna em sala de aula:

*Por meio de auxílios audio-visuais, tais como gestos, pantomima, figuras, objetos, o aluno é acostumado a associar a palavra estrangeira à idéia que significa e não a uma palavra no próprio idioma que, por sua vez, representa, mais ou menos, a mesma idéia. Não há tradução.* (UCBEU, 1950, Boletim Informativo, maio, p. 11).

Os professores da primeira década da União usavam as técnicas de perguntas, ditados, imitação, fonética, estrutura, leitura, vocabulário, ortografia, anotações, pesquisas e testes para o desenvolvimento da conversação. (cf. UCBEU, 1951, Boletim Informativo, setembro, p. 4).

O uso das perguntas mantinha a mesma linha da metodologia de ensino adotada, visando que os alunos aprendessem vocabulário novo, provassem o progresso feito e fossem obrigados a pensar:

*Nada melhor que o ditado para dar destreza à conversação; por ele se obtém excelente prática oral, reconhecimento dos diversos sons de um idioma, enriquecimento de vocabulário e atenção à construção gramatical, assim como a boa grafia das palavras, regras de pontuação e prática na construção de orações.* (UCBEU, 1951, Boletim Informativo, setembro, p. 4).

Aprendia-se entonação e inflexão vocal mediante a imitação.

*Eis alguns conselhos aos professores que querem melhorar a qualidade da imitação de seus alunos: Olhar a classe ao fazer uma narrativa; selecionar com cuidado as palavras antes de escrevê-las no quadro; nunca repetir palavra, enquanto escrever no quadro, a não ser que esteja olhando a classe.* (UCBEU, 1951, Boletim Informativo, setembro, p. 4).

As respostas em coro eram também recomendáveis.

A fonética não deveria ser usada para ensinar a pronúncia, mas como um complemento. “Para seu próprio aproveitamento o professor deve ensinar estes três pontos importantes: ouvir antes de falar, falar antes de ver e ver antes de escrever”. Só após o estudo de muitos exemplos, o professor ensinaria as regras da pronúncia, para que houvesse uma maneira de os alunos chegarem à generalização da regra, pela dedução.

Estrutura: “O aluno deve aprender a usar construção gramatical correta quando fala”. Os alunos deviam chegar as suas próprias conclusões a respeito de regras, baseado em suas experiências em sala de aula. A gramática devia ser simples para mostrar aos

alunos o que seria necessário para a conversação. Alguns exercícios seriam usados para que o processo fosse automático para os alunos.

A leitura devia ser feita silenciosa e oralmente. Quanto à leitura oral, o professor não devia interromper a leitura para corrigir a pronúncia até o final da frase ou parágrafo.

Exercícios específicos auxiliavam no aprendizado de novo vocabulário. Sinônimos, antônimos, e famílias de palavras ajudavam nesse processo de aprendizado. Ao ajudar os alunos a notarem os cognatos de sua língua materna com o Inglês, o professor estava ensinando os alunos a aumentar o vocabulário.

Ortografia e soletração deviam aparecer na lição após a aprendizagem de boa pronúncia “com o auxílio do sentido da audição”.

Ambos os professores e os alunos utilizavam cadernos para anotações. Os alunos podiam aumentar seu vocabulário com esse método, e os professores podiam anotar as dificuldades detectadas na sala de aula.

As avaliações se constituíam de provas objetivas, “certo e errado, completar sentenças, leitura ditada, perguntas, resumos, etc.” (Boletim Informativo, setembro, 1950, pp. 4-5).

Ao longo da década, o método de ensino não mudou muito. Ainda em 1950, essa metodologia básica estava em uso. Em carta recebida pelo presidente da União, e publicada em seu boletim em 1950, uma professora atesta os bons resultados do uso do método “Basic English”:

*Prezado Dr. Amorim,  
Como professora de inglês da União Cultural Brasil-Estados Unidos e das escolas estaduais de segundo grau Alexandre Gusmão e President Roosevelt, gostaria de afirmar que melhorei meu ensino de inglês após a adoção do método do “Basic English” e os conselhos de nosso diretor Mr. Montgomery Merryman...(UCBEU, 1950, Boletim Informativo, julho, p. 3).*

Em 1947, o então Diretor do Departamento de Inglês, Joseph Privitera, publicou pela União “O Estudo de Inglês/ Pequeno Manual”. Neste livreto de doze páginas, o autor citava dezoito tópicos que ajudariam o aluno de Inglês a realmente falar o idioma, seguindo o raciocínio do método do *Basic English*.

Primeiro, o Dr. Privitera compara o sucesso de aprendizagem de outras línguas de crianças a adultos. Opina que o segredo de aprender outro idioma é de imitar as crianças, que leva em consideração “a ingenuidade e inconsciência que lhes são peculiares”. (cf. Privitera, 1947, p. 5).

O resto do livro trata dos dezoito pontos com o título “Aprendendo a Falar”. O primeiro assunto trata da gramática, que, segundo o Dr. Privitera deve ser esquecida, ou, quando muito, ensinada “disfarçadamente” por um professor competente. O autor aconselha que um vocabulário ativo pequeno tem mais utilidade do que um vocabulário passivo grande. Há no curso *Basic English*, nota o autor, um vocabulário de 850 palavras, que são as mais usadas na língua inglesa. Estas poucas palavras devem ser aprendidas bem em vez de se deparar com todo o vocabulário da cozinha, ou do motor do automóvel, cuja utilidade será postergada, enquanto o aluno estiver aprendendo ainda a se expressar de uma forma simples e direta.

O autor explica que na União os alunos aprendem nos primeiros dois anos apenas 1.200 palavras, tendo aula três vezes por semana, com duração de cinquenta minutos. Menciona que com um curso tradicional de gramática, o aluno poderia aprender mais de 3.000 palavras, mas indaga qual seria o valor de tal aquisição se não desenvolveu a habilidade de falar.

Após esse período inicial, o aluno deve aprender os cognatos e sinônimos para ampliar o vocabulário, tomando cuidado com os falsos cognatos, das quais oferece alguns exemplos. Adverte que não basta aprender as palavras individualmente por serem mais da esfera dos dicionários. Aconselha, portanto, que se preocupem com os grupos de palavras,

que dão o sentido. Nesse setor do livro há necessidade de reparar as expressões idiomáticas e os usos múltiplos de muitas palavras em Inglês, fator de muita confusão entre aprendizes.

Outros conselhos incluem o implemento de táticas como a repetição, a soletração, a leitura em voz alta, a gravação da voz do aluno para melhorar a pronúncia e a aquisição da habilidade de pensar em Inglês. Desse último, o autor comenta que o uso da tradução retarda o processo, e que pensar em Inglês deve passar a ser um hábito, difícil de adquirir, mas compensatório.

A contenção do autor de que erros fazem parte do processo de aprendizagem compõe a seção de “medo de falar”. Segundo Privitera, o aluno deve dominar o medo de ser “caçado”, e falar. “Digo mesmo que faça todos os erros que quiser - quanto mais, melhor - mas fale. O rápido progresso lhe dará ânimo, e despertará sua confiança, e, dentro de pouco tempo, estará bem adiantado”.

Entre os últimos itens do livreto consta o apelo a se adentrar na psicologia do Inglês, de adquirir o hábito da leitura e de possuir um bom dicionário de definições e não de traduções.(cf. Privitera, 1947, pp. 5-12).

O conteúdo desse livro resume adequadamente a metodologia empregada pela União na década de quarenta do século passado, e ilustra como em sala de aula, os conceitos de aprendizagem eram, ou deveriam ser utilizados.

Com referência ao método utilizado pela União, os especialistas comentam o método audio-lingual, que antecede o audio-visual, pondo o aluno em contato com a língua alva mediante a repetição apenas. Esse método deriva dos estudos de Skinner com o *Behaviorism*, que era, afinal de contas, uma teoria psicológica que foi subsequenteiramente usada para o ensino de línguas estrangeiras ao exército. Esse método, segundo Skinner, é uma aplicação da teoria de condicionamento e repete a forma em que as crianças aprendem a falar. O modelo de estímulo-resposta-reforço foi muito implementado no uso dessa metodologia. O hábito lingüístico era formado mediante essas práticas de repetição

constante. Nesse método, os erros eram recebidos com críticas imediatas, enquanto essa atitude foi mais amena com a metodologia implementada pela União. (cf. Harmer, 1991, p. 2).

Outras informações relevantes à metodologia praticada na União no início da década de 1950 vêm da palestra introdutória do nono seminário do Curso de Verão para Professores de Inglês. Esses seminários traziam professores de Inglês do ensino regular de outras cidades para serem treinados no ensino de Inglês. Para se ter uma idéia da organização desse evento, há um anúncio no Boletim Informativo. Prof. Montgomery Merryman, que substituiu Dr. Privitera, proferiu um discurso sobre a melhor forma de aprender uma língua estrangeira sob o título *Audio-Visual Aids in the Teaching of a Foreign Language*. Esse discurso traz à tona uma série de afirmações imperialistas, proferidas com a maior naturalidade. Para começar, o professor deve ser um “native speaker”, e quando isso não é possível, o professor deve ter o domínio do idioma resultante de ter aprendido com um professor nativo. O professor explica, então, que outros materiais devem ser usados, além do livro texto. Esses materiais são conhecidos como audio-visuais. O melhor apoio audio-visual é o próprio professor. Exemplos de materiais de natureza audio-visual incluem filmes, fotos, mapas, calendários, discos, jogos, debates e outras atividades, jornais, livros, cartazes e exposições. Se forem usados corretamente, afirma o palestrante, podem trazer o país estrangeiro até o aluno, permitindo-lhe a aprender o novo idioma da mesma forma que aprendeu sua própria língua. Com essa observação, pode-se concluir que esses materiais audio-visuais derivam do país do idioma sendo estudado, neste caso, os EUA.

Essas declarações na abertura do Seminário representam uma forma extravagante de perpetuar a hegemonia dos países de centro. Um exemplo específico ilustrativo demonstrado pelo palestrante se compõe de mapas de estradas, folhetos de cidades norte-americanas, que com fotos e textos trazem as informações sobre cidades. “Que forma maravilhosa de trazer o estado de Louisiana para dentro da sala de aula”. No seu baú, o professor Merryman tinha 36 mapas de diferentes tipos para ensinar os alunos brasileiros aspectos da vida norte-americana. (cf. UCBEU, 1951, Boletim Informativo, abril).

Na abertura do oitavo seminário para professores de Inglês (1950), o Diretor de Cursos, Montgomery Merryman discursou sobre os objetivos do seminário, mas também sobre objetivos mais amplos dos EUA. Ao dar exemplos de que significa ser um bom professor, Merryman usou a analogia de ensinar “como ser uma grande nação”. Citou vários países, mas concluiu: “Certamente os EUA é bem qualificada”. As melhores formas de ensinar outras nações a se desenvolver, continuou Merryman, seria espalhar completas e corretas informações sobre si, por todo tipo de mídia de massa. Citou, em seguida, que era exatamente isso que os EUA tenta fazer, diferente de propaganda, de que se constituem mentiras. Outra forma de ensinar países a se desenvolver seria encorajar todo tipo de profissional, fazendeiros, industrialistas, cientistas, técnicos, professores, artistas e políticos, etc. a visitar os EUA e ver tudo com os próprios olhos. Essas pessoas poderiam aplicar algumas das técnicas que considerem valiosas. E, era isso, observou Merryman, que o Departamento de Estado fazia, além de mandar especialistas norte-americanos a outros países.

Talvez a melhor forma seria encorajar o aprendizado do idioma Inglês, para permitir ao estrangeiro valiosas informações por meio de textos, uma pequena quantidade dos quais podiam ser traduzidos.

*Mas eu sou norte-americano, nascido...e lá aprendi muito de que poderia ser de valor duradouro se aplicado no Brasil. É parte desse motivo que entidades como a União existem...O governo iluminado do povo dos EUA ajuda e apoia tal trabalho mantido por esta e outras entidades porque está firmemente convencido do bom que isso faz para as duas nações, esse trabalho realizado pelos programas implementados pela União. (UCBEU, 1951, Boletim Informativo, abril).*

O resto do discurso se dirigia a assuntos ligados ao trabalho do seminário de professores, de pouco interesse aqui. Como funcionário do Departamento de Estado dos EUA, não é de se admirar que ele era treinado até o ponto de poder utilizar uma analogia dessas reproduzida acima para seus fins maiores.

O Presidente da União, Rone Amorim, concedeu entrevista ao jornal *A Manhã*, no Domingo dia 4 de março de 1951. Afirmou Rone Amorim:

*É para mim grande satisfação ver os destinos da política internacional do Brasil colocado em mãos tão hábeis. O que cumpre fazer na hora presente é manter-nos fieis aos princípios da carta de S. Francisco e dar à ONU todo apoio moral e político. Sobre a próxima reunião dos chanceleres em Washington, posso dizer que o Brasil, peça importante do sistema inter-americano, estará muito bem representado ali. (UCBEU, 1951, Boletim Informativo, abril).*

Essas declarações afirmam a posição da entidade em relação aos desígnios hegemônicos norte-americanos. A Carta das Nações Unidas consagra o Estatuto da ONU e foi assinada por representantes de 50 países em São Francisco a 26 de Junho de 1945, no final da Conferência das Nações Unidas sobre a Organização Internacional. ([http://www.pgr.pt/portugues/grupo\\_soltas/efemerides/onu/origem.htm](http://www.pgr.pt/portugues/grupo_soltas/efemerides/onu/origem.htm)).

A metodologia moderna, explica Merryman, promove a compreensão entre as nações. Em sua introdução, o autor procura expressar o relacionamento errôneo de substituir as palavras de um idioma para as equivalentes em outro idioma e se sair com a impressão que esteja aprendendo.

A nova metodologia, afirma, porque conduz o aluno a pensar no novo idioma, consegue evitar o uso da língua nacional desde o primeiro dia.

*Não há tradução. Por meio de auxílios audio-visuais, tais como gestos, pantominas, figuras, objetos, o aluno é acostumado a associar a palavra estrangeira à idéia que significa e não a uma palavra no próprio idioma que, por sua vez, representa, mais ou menos, a mesma idéia. Esta técnica tem mais a vantagem de captar o interesse do aluno por causa do movimento e variedade que dá às aulas. Mas exige que o professor seja algo mais que um dicionário ambulante, que tenha a imaginação de um ator, que possa transmitir, pela ação e pela expressão, o sentido de palavras novas.*

*Depois do aluno apreender o significado de uma palavra, seu emprego é demonstrado repetidamente, e pela prática, pela repetição, ela se incorpora no vocabulário ativo do aluno. A compreensão, sem a prática, de nada vale. A repetição é a chave do problema.*

*Também de grande importância na nova metodologia é a limitação do vocabulário que se propõe a ensinar ao principiante. Limitando-se o vocabulário a mil palavras, das mais comuns, o aluno pode aprender a manejá-las com mestria, formando-se desta maneira, uma base sólida em que construir com segurança.*

*Mencionei no início, o ensino de regras gramaticais. Qual a importância da gramática na moderna metodologia e como é ela ensinada? Por se ter percebido que a gramática é uma coisa e a língua é outra, e que é possível saber a gramática sem, no entanto, ter adquirido a habilidade de se expressar na língua cuja descrição se conhece, hoje em dia os professores mais progressistas não esperam que o aluno conheça regras gramaticais a ponto de poder citá-los. Na União Cultural e nos demais centros culturais congêneres de toda a América Latina a metodologia decorre da grande importância dada à língua viva. Tenta-se ensinar a falar, não se contentando com a passividade da leitura. Os que planejam um curso de ensino, incluindo a escolha de livros didáticos, terão, portanto de examinar e responder a questão dos objetivos gerais do ensino dessas matérias. (UCBEU, 1950, Boletim Informativo, maio, pp. 11-12).*

Esse artigo nos ajuda a entender os básicos conceitos envolvidos na aprendizagem do Inglês, como ensinado na União. Não parece haver grandes diferenças da metodologia desde o início do curso de Inglês, oito anos antes.

### **A influência norte-americana na pedagogia de ensino de inglês no Brasil**

Uma grande onda de imigração do leste e do sul da Europa para os Estados Unidos nas últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX criou problemas de ordem nacional para a elite norte-americana. Como essa imigração causou tensão nas áreas de política urbana e educação, e, de fato, em todas as áreas da sociedade urbana, a elite se mobilizou na tentativa de diminuir o impacto de tantos estrangeiros chegando ao porto de Nova York. Os processos que desencadeavam nesse período para combater os males percebidos pela elite foram denominados **americanização**, uma tentativa de assimilar os novos norte-americanos. Entre as cidades mais atingidas figuram Nova York, Chicago e Boston. Não é coincidência que, nas primeiras duas foram criados departamentos próprios de ensino de Inglês nas universidades como uma segunda língua. Em torno dessa discussão se põe uma problemática relevante: a criação de métodos de ensino de Inglês para

estrangeiros. E da mesma forma, torna-se importante descobrir como o ensino de Inglês no Brasil foi afetado por esses processos.

Antes do período em questão, a maior parte da imigração fora oriunda do noroeste da Europa, especialmente Inglaterra, Irlanda, Alemanha e Escandinávia. Na década de 1880 a origem da imigração, que tinha ligeiramente sido alterada ao longo dos anos, mudou definitivamente. Em vez do noroeste da Europa, vinham os imigrantes do sul e do leste do continente europeu, principalmente de Itália, Áustria-Hungária e Rússia. Esses novos grupos de imigrantes não recebiam as boas-vindas universalmente. Até esse período, as transições sociais tendiam a unificar os Estados Unidos. Com a notável exceção da Guerra Civil, muitos fatores promoviam a unificação e homogeneidade, como a centralização do governo, as comunicações, e a participação em duas guerras. A comunicação teve um papel forte com a malha ferroviária, os telégrafos e os jornais. As guerras hispânicas-americanas e a Primeira Guerra Mundial tiveram um profundo impacto para a unificação do povo norte-americano e fomentou um nacionalismo nunca antes visto. As diferenças físicas e religiosas dos imigrantes novos, assim como suas diversidades, assustaram os norte-americanos, antes em sua maioria branco e protestante (cf. Butts, 1953, pp.306-314). Por isso, começou a se preparar uma nova forma de receber esses imigrantes, principalmente nas escolas urbanas.

O dilema da imigração em massa para os Estados Unidos desembocou com toda a força no campo educacional. Englobou o ensino de Inglês para crianças americanas e crianças imigrantes, além de adultos.

Como incorporar toda essa população tornou-se um complexo problema educacional. A forma de assimilação da população nova foi predominantemente pelo modelo “*Anglo-conformity*”, ou seja, pelo processo de inculcar nesses imigrantes os valores e interesses anglo-saxônicos (cf. King, 2002, p. 85). Essa política de assimilação, utilizada em praticamente todos os campos sociais e culturais, teve como um dos seus pilares, o envio massivo das crianças e mesmo dos jovens e adultos para escolas criadas e mantidas por

norte-americanos ou, o que é mais importante, pautadas nos princípios da assimilação cultural e ao domínio pleno da língua inglesa.

Nas três primeiras décadas do século XX, as escolas criadas pelos imigrantes, nas quais a língua privilegiada era a de origem, foram impedidas de funcionar, em favor do ingresso das crianças, jovens e adultos em escolas ou outras modalidades de instituições de ensino nas quais a língua obrigatória era o Inglês.

Da política de assimilação pela língua, os padrões de ensino de Inglês tiveram que ser acelerados e profundamente revistos, face à tradição já instalada nas escolas do uso de padrões de ensino da língua a crianças norte-americanas; anglofônicas, portanto.

Um número grande de departamentos para trabalhar métodos novos para o ensino de Inglês como segunda língua foram criados em diversas universidades dos EUA. Tratava-se de uma questão nacional, que justificava a ampla mobilização de vários setores nacionais.

Em 1906, o congresso dos EUA ratificou uma lei exigindo competência em Inglês para todos os imigrantes que se naturalizavam norte-americanos. Como o número de imigrantes se naturalizando norte-americano não correspondia com as expectativas de um grupo de pessoas que se distinguiu pelas características de serem brancos, comprometidos com o protestantismo, o liberalismo e com um senso de autovalor e prosperidade que os fizeram os escolhidos de Deus, nasceu a campanha de Americanização. A escola pública, a partir de 1918, começou a adotar um livro específico (*Federal Citizenship Textbook*) para o ensino de Inglês e cidadania aos imigrantes. Com essa medida, o número de imigrantes procurando se naturalizar norte-americano aumentou. Houve nesse período uma intensa campanha de Americanização com o programa “*American First English*” (cf. King, 2002, pp. 87-89).

Há fatores centrais que dizem respeito à assimilação desses novos padrões para o ensino do Inglês no Brasil. Sarah Louise Arnold, conhecida no Brasil pela *Cartilha de Arnold*, escreveu e lançou livros de ensino de Inglês no primeiro decênio do século XX.

Entre os títulos, constam *The mother tongue. Book one. Lessons in speaking, reading and writing English* e *A primary language book with pencil and pen*. Da mesma forma que Oscar Thompson trouxe ao Brasil e encomendou a tradução da *Cartilha de Arnold* para o Português, outras obras dessa e outros autores podem ter chegado a ser utilizados no Brasil. Outro indício desse interesse envolve Horace M. Lane, que visitou a exposição de Saint Louis com Oscar Thompson (Warde, 2002b, pp. 447-450). Diretor da Escola Americana de São Paulo, e posteriormente Presidente de *Mackenzie College*, Lane era um educador influente em São Paulo e seu interesse na educação dos EUA representa uma alavanca de ensino norte-americano no Brasil. De qualquer forma, por meio do processo de americanização como idealismo, há o desenvolvimento de material escolar para um ensino de Inglês em massa que acaba se manifestando também no Brasil. Esse tema merece um estudo maior.

Mesmo nos anos 40 e 50, havia muita atividade nas escolas de idiomas nos EUA, como atesta uma ex-bolsista da União e do Departamento de Estado. Em entrevista de 1951, Nidia Malferrari narra suas experiências de seis meses nos EUA. Ela visitou muitos colégios para ver o ensino de Inglês, mas as escolas particulares de Inglês a impressionaram mais: “Já os institutos especializados em cursos de inglês para estrangeiros...deixaram-nos entusiasmadas pelo novos métodos que estavam experimentando naquele ensino”. Em seguida, ela descreve os métodos de ensino que testemunhou. O princípio fundamental desses novos métodos era fazer que primeiro e exclusivamente os alunos aprendessem o idioma estrangeiro por meio de reconhecimento auditivo, somente depois de bem dominado tal idioma é que lhes permitiram entrar em contato com a ortografia. Ela elogia as escolas que tinham laboratórios para o treino de repetição. Assim, enquanto os alunos passavam muito tempo com o trabalho auditivo e repetido, os professores poderiam se poupar do trabalho monótono de repetição. Ela relata que fez um curso de seis semanas no “*American Language Center*”, da Universidade de Columbia. Lá ela teve aulas de fonética, gramática e literatura norte-americana.

*O estudo de línguas nos EUA tomou recentemente grande impulso e é com muito interesse e entusiasmo que os diretores e professores das escolas em geral e dos institutos especializados em particular, lutam pela propagação do ensino nesse campo. Há mesmo certa rivalidade interessante de observar entre os professores das diferentes escolas,*

*rivalidade essa que, longe de prejudicial, serve pelo contrário de incentivo para que haja aproveitamento cada vez maior e mais rápido para os estudantes de línguas. UCBEU, 1950, Boletim Informativo, abril, p. 8).*

Nota-se que o interesse em ensinar Inglês aos imigrantes norte-americanos não se restringia aos três primeiras décadas do século XX.

### Capítulo III      **As Publicações da União Cultural Brasil-Estados Unidos**

Gerson Moura afirma categoricamente em sua obra *Tio Sam Chega ao Brasil* que o fluxo de quem ia para os EUA para aprender se resumia em uma quantia pífia em comparação ao trabalho e dinheiro que aquele país investiu nessa época da pré-Segunda Guerra Mundial e ao longo do curso da própria guerra, (cf. Moura, 1986, p. 50) para mandar ao Brasil jornalistas, professores, cientistas, empresários, técnicos, pesquisadores – “que levou o ministro Osvaldo Aranha à tirada bem-humorada de que ‘mais uma missão de boa vontade e declaramos guerra aos Estados Unidos!’”.

Por outro lado, nota-se o caminho inverso da União, ao trabalhar com vários órgãos norte-americanos para obtenção de verbas para mandar brasileiros para os Estados Unidos. Este quadro de eventos não altera, para parodiar a metáfora de Moura, o fato de que o remédio para o “paciente” era o mesmo. Moura declara: “Em poucas palavras, os brasileiros iam aos Estados Unidos para aprender; os americanos vinham ao Brasil para ensinar”. (Moura, 1986, p. 50).

#### **Os primeiros discursos criam o tom**

Ao inaugurar o Instituto, em outubro de 1938, o primeiro Presidente, Antônio Carlos Pacheco e Silva, observou que o objetivo da nova entidade era aproximar os universitários dos dois países. (cf. UCBEU, 1940, Boletim da União Cultural Brasil-Estados Unidos, p. 7).

Na iminência da Guerra, o discurso de Pacheco e Silva revela uma preocupação com o alinhamento político. No seguinte trecho, há dois fatores que se salientam:

*Ao calor das terras jovens, homens oriundos de todos os continentes, raças as mais diversas se fundiram na América, despidas de preconceitos, erguendo nova e pujante civilização, onde a força se inclina perante a razão; onde o respeito aos tratados emudece a voz do canhão; onde as soluções pacíficas constituem o lema por todos preferido, onde a liberdade merece culto apaixonado.*

*Daí o motivo por que as palavras proferidas no país líder da América, nessa grande e poderosa nação que os Estados Unidos formam, chegam até nós, se incorporam ao nosso pensamento, se identificam aos nossos sentimentos. É que alimentamos as mesmas aspirações e problemas análogos agitam as nossas consciências.*(UCBEU, 1940, Boletim da União Cultural Brasil-Estados Unidos, p. 8).

O primeiro fator de interesse se encontra nas fotos da comemoração da inauguração da União; vê-se a presença de dignitários: os professores da USP, o cônsul americano e outras pessoas da elite paulistana. Este foi um discurso com objetivos políticos, pois se pode perceber que, entre outros, alguns dos comentários, tal como “onde a liberdade merece culto apaixonado”, são referências abertas à ameaça do nazismo. A polêmica dos ideais do nazismo versus os ideais democráticos marca todos os discursos de Pacheco e Silva dessa época. Ademais, a afirmação da influência norte-americana no Brasil, resultando da opinião de que os dois países alimentavam “as mesmas aspirações”, mostra a tentativa do palestrante de promover e envolver a audiência no alinhamento político em prol dos EUA. Termos como “o respeito aos tratados” representa um benefício para o povo brasileiro, enquanto “canhão” se configura como uma representação de conflito armado, que pode ser atribuída ao Eixo.

O outro fator que aponta para uma visível apropriação norte-americana no Brasil ocorre no final do discurso:

*Nesse propósito foi criada a União Cultural Brasil-Estados Unidos, fadada a constituir um dos mais fortes elos entre as classes intelectuais de São Paulo e o meio cultural americano, que tamanha influência tem exercido sobre a vida política, econômica e cultural brasileira.* (UCBEU, 1940, Boletim da União Cultural Brasil-Estados Unidos, p. 9).

Como Presidente recém eleito da União, este discurso de inauguração da entidade representa o início de uma prática mantida ao longo dos anos na tentativa de disseminar a cultura norte-americana entre os membros da sociedade paulistana mediante palestras oferecidas ao público na sede da União.

## O conteúdo e os objetivos dos relatos publicados

Entre os títulos das palestras que constam nas publicações internas, aparecem, entre tantos outros, alguns como “Os Estados Unidos de Hoje”, “Do Sonho à Realidade Americana”, “Impressões da Minha Primeira Viagem aos Estados Unidos”, “Minha Experiência Escolar nos Estados Unidos”, “Reminiscências de um Professor em Princeton”, datados de 1939 a 1944. Pelas características da guerra em curso, a incidência de discursos que promovem de alguma forma a vida nos EUA é compreensível.

Após a guerra, porém, a mesma prática continua, com a apologia ao culto da cultura norte-americana. Muitas celebridades e intelectuais passaram pela União e fizeram palestras, como “O Brasil e os Estados Unidos”, proferido pelo Embaixador Maurício Nabuco, nas comemorações de quatro de julho de 1952; “A Evolução da Literatura dos Estados Unidos” pronunciada por Cassiano Nunes em uma conferência no início dos anos 50; “A Música nas Univerdades dos Estados Unidos”, proferida pelo Deão da Escola de Música da Universidade de Kentucky e “*What and How does Modern Art Communicate*” da pintora norte-americana Minna Citron. Aqui há menção de exemplos dos temas variados que constam nas publicações da União: arte, música, literatura e relações culturais.

A temática desses discursos segue o momento de euforia pós-guerra. Mais do que isso, representa um momento de esforço por parte da União de fixação da imagem dos Estados Unidos como líder cultural, em uma época em que se inicia a Guerra Fria.

A União coordenou uma série de três palestras em Inglês sobre aspectos da vida nos EUA. Com a intenção de fazer propaganda positiva, os escolhidos foram professores da própria entidade. Miss Ann Logan discursou sobre “memórias de Texas”. Catherine Kelly falou sobre “a vida no campus universitário”. O último palestrante, Douglas Ellerby, falou sobre “a terra dos lagos”, no norte dos EUA. (cf. UCBEU, 1950, Boletim Informativo. Outubro, p. 6).

## A palestra de Maurício Nabuco

Para cada palestra ou discurso que trata de aspectos culturais brasileiros, há vários que tratam exclusivamente de uma dominante cultura norte-americana. Ao examinar o teor das palestras mencionadas, tornam-se mais evidentes alguns aspectos da promoção dessa cultura. Todos, brasileiros e norte-americanos, se esforçam para mostrar as qualidades irrestritas dos Estados Unidos nessas áreas. Maurício Nabuco afirma:

*É para mim causa de satisfação íntima contribuir para a celebração, no Brasil, desta grande data, que já ultrapassa o Continente para tornar-se Universal, de 4 de Julho. E sobretudo fazê-lo nesta sala que traz o nome de meu pai e que foi inaugurada sob os auspícios do meu amigo Senhor Rone Amorim... (UCBEU, 1952, Revista da UCBEU, p. 3).*

Este trecho não só indica o lugar de destaque que o dia de independência norte-americana representa para o Embaixador, mas também as conexões sociais que o levou a discursar na União, cujo Presidente naquela época era Rone Amorim. Há outros exemplos dessa rede de conexões interpessoais da elite paulistana que prestigiava a União e suas missões, especialmente no período dos anos quarenta e cinquenta do século passado. “Nenhum outro povo pode merecer mais a nossa benevolência do que aquele cuja cultura tentais disseminar” completa Nabuco, referindo-se à entidade como um todo. Após essa afirmação, o palestrante passa a desacreditar a França em prol de sua posição a respeito dos EUA, referindo-se a uma frase dos franceses que dizia “*Tout Homme a deux patries, la sienne et puis la France*”. Segundo Nabuco, essa frase pertence mais ao passado do que ao presente. (cf. UCBEU, 1952, Revista da UCBEU, p. 4). Essas afirmações, por parte de um diplomata, atestam às novas tendências pós-guerra da importância cultural norte-americana para esse grupo da elite paulistana.

Outro aspecto de interesse do discurso do diplomata brasileiro reside em suas considerações sobre o interesse norte-americano no Brasil e sobre Joaquim Nabuco, seu

pai, o primeiro Embaixador dos Estados Unidos no primeiro decênio do século vinte. Após rever as façanhas do pai, Nabuco procura a remota data de 1778 como exemplo do interesse dos EUA pelo Brasil. Ele cita a carta de Thomas Jefferson que dizia:

*“Como norte-americano, estou firmemente convencido que meu país não somente deseja, mas tem necessidade de um Brasil amigo, independente, forte, para empreender no Hemisfério Sul a missão que corresponde à nossa no Norte....para formar um bloco capaz de resistir a qualquer agressão oriunda da Europa”.* (UCBEU, 1952, Revista da UCBEU, p. 9).

Nabuco reconhece as críticas feitas na época sobre a queda do interesse oficial político por parte dos EUA no Brasil (como resultado do término da guerra), mas faz apologia, citando os esforços de uma Comissão Mista que, com o Import-Export Bank, conseguiu empréstimo para a integração das três estradas de ferro do Estado entre Santos e Jundiaí. (ibidem, p. 9). Esse discurso começa com elogios extremos e termina com considerações pessoais sobre a importância da continuidade do alinhamento político e cultural com os EUA.

### **As palestras sobre arte, poesia, música**

O teor da discussão cultural pode ser verificado nas palestras sobre arte, literatura e música. A discussão em primeiro plano de Cassiano Nunes contempla a temática da literatura norte-americana ao longo dos séculos. Aparentemente sem intenções políticas, apenas com uma leitura atenta se podem destringer exemplos de apelo para a disseminação cultural norte-americana no Brasil. Ao questionar a existência de longa data das relações culturais entre o Brasil e os EUA, o autor pergunta: “Havia ligações entre os democratas brasileiros e os democratas americanos?”. Suas indagações o levam a indicar a autobiografia de Benjamin Franklin como sendo um texto que esbanja o valor e o desejo de cooperação. “Acho que esse livro deveria ser distribuído gratuitamente à juventude de todos os países democráticos, pois é uma cartilha de honestidade, de otimismo, de diligência e de consideração para com o próximo”.

A hipérbole inicial do discurso não obstante, é um dos raros momentos em que Nunes extrapola de seu tema. Outro momento em que o autor opina sobre a produção literária norte-americana e sua contribuição para outros países, como o Brasil, acontece ao término da introdução, em que o autor escreve que, olhando o conteúdo de perto, a literatura norte-americana não o entusiasma. Mas “ouvido de longe, o canto da América não apresenta dissonâncias. O hino deriva amplo, sonoro, tocante e imperturbável. Tudo nele é harmonia e sublimidade”. (UCBEU, 1952, Revista da UCBEU, p. 98).

A palestra sobre música, proferida pelo professor Dwight Anderson não contém comentários específicos comparando aspectos de ensino de música nos EUA e no Brasil. Apesar de ter ocorrido na União, o professor visitante se restringe a comparar duas instituições de ensino superior de música dos EUA. Contudo, o objetivo da União é plenamente alcançado com as afirmações altamente positivas a respeito da disseminação do conhecimento musical em nível universitário. Ao divulgar aspectos culturais relacionados à música, a União se espelha na União Pan-americana, cuja Secção de Música foi criada em 1941, com o intuito de fomentar conhecimento e integração da cultura musical do continente.

Embora não tivesse sido proferida nas instalações da União, o Instituto publicou em sua Revista uma palestra apresentada na rádio norte-americana, depois de junho de 1952. O palestrante foi o diretor de estudos latino-americanos da Boston University, Maurice Halperin que compara suas duas visitas ao Brasil, destacando as evidências do seu progresso. Como ver-se-á, no discurso de cunho cultural do Professor Halperin, a bagagem pessoal e o ponto de vista do autor pesam muito na apresentação. Neste caso, novamente, os objetivos da União se realizaram plenamente mediante os comentários do professor norte-americano.

O palestrante não faz críticas ao Brasil para seus ouvintes norte-americanos. Ao discutir as dificuldades econômicas do país, ele utiliza as estatísticas do governo para ilustrar a piora na economia do Brasil da primeira para sua segunda visita. Ele chama os efeitos negativos do crescimento de um paradoxo brasileiro, mas trata de demonstrar que

são conseqüências naturais da expansão econômica. (cf. UCBEU. 1952, Revista da UCBEU, p. 121).

Pode-se atribuir a presença desse texto entre as publicações da entidade a seu último parágrafo, em que o palestrante conclama a cooperação bilateral como forma de garantir o equilíbrio na região. Alguns trechos deste parágrafo ilustram o teor apelativo para um alinhamento contínuo: “Este (o alinhamento político) é um assunto de grave importância para os EUA”, “Um Brasil amigável é a melhor garantia para a segurança na América Latina”, “Uma das impressões mais fortes que trago de volta do Brasil é a genuína amizade dos brasileiros para os EUA...”.

Mas o final da apresentação na qual o autor utiliza um artifício conhecido da retórica política para enfatizar seu ponto de vista é mais contundente:

*Communists are active in Brazil and anti-American slogans are not uncommon on the walls in the large cities. But so far they have failed to create any significant anti-American feeling. This, unfortunately, is not true about a number of other Latin American republics. Thus Brazil, our traditional ally, more than ever plays a key role in maintaining a harmonious climate for effective inter-American relations.*<sup>7</sup>

E o teor desse trecho contribui para a mensagem da União, seu implacável trabalho de disseminar a ‘*American way of life*’ e promover as melhores relações culturais possíveis.

A União publicou em seu Boletim Informativo de outubro de 1951 um outro artigo de Halperin, com um comentário sobre sua visita a São Paulo, com o seguinte apelo:

*O professor Halperin realiza um trabalho extraordinário de divulgação e estudos brasileiros, merecendo por esse motivo toda a cooperação do povo brasileiro. A UCBEU faz por meio deste Boletim*

---

<sup>7</sup> *Revista da UCBEU*. p. 122. “Os comunistas são ativos no Brasil e slogans anti-americanos não são raros nas cidades grandes. Mas até agora não conseguiram gerar sentimentos significativos anti-americanos. Isto, infelizmente, não é o caso para outras repúblicas latino-americanos. Portanto, Brasil, nosso aliado tradicional, mais do que nunca, cumpre um papel chave em manter um clima harmonioso de relações inter-americanas bem-sucedidas”.

*Informativo, caloroso apelo a todos os homens de boa vontade para que enviem ao endereço abaixo, livros revistas e publicações sobre o Brasil. (UCBEU, 1951, Boletim Informativo, outubro, p. 9).*

Assim, mesmo não possuindo a verba ou a habilidade de contribuir com esse material, ao apelar para as contribuições de seus leitores, a União procurava manter ativo o intercâmbio entre as duas culturas.

### **Os objetivos da União e suas publicações mais importantes**

O último artigo dessa primeira revista da União constitui uma sinopse da missão da entidade, elaborada pela redação interna. Rico em informações e sinteticamente apresentado, este artigo representa um bem-sucedido resumo das intenções da entidade e suas principais características.

Apresentado em inglês e português, o artigo se intitula “*O Que é a UCBEU?*”. Trata-se da introdução da história da entidade, das leis que a amparam e da seguinte frase de propaganda: “Sendo o ensino da língua e literatura dos Estados Unidos uma das maneiras mais eficientes para realizar suas finalidades, a UCBEU oferece cursos de Inglês e Português a mais de 6.000 estudantes regulares”. Já se pode verificar algumas alterações nos objetivos da entidade com o advento dos cursos de Inglês.

Um resumo das características da União e suas atividades incluem os cursos oferecidos, o método, o Seminário de Verão para Professores de Inglês, o calendário social, a biblioteca, o coro, as bolsas de estudo para os EUA e a doação de um terreno pelo município para a construção de um prédio próprio. Neste breve artigo de sete páginas, os alunos e a população em geral puderam conhecer diferentes aspectos da União ao mesmo tempo em que este pôde fazer sua divulgação.

Em outra publicação, de janeiro de 1944, ao realizar uma conferência dos centros binacionais brasileiros, de que fazia parte a União, apareceram os seguintes títulos: “As Relações Culturais Vistas dos Estados Unidos”, “Dois Meses Entre os Norte-americanos”,

“A América se Emancipa”, “Minha Experiência Escolar nos Estados Unidos”, “A Participação da Mulher Norte-americana na Guerra” e outros. Novamente, existe uma variedade temática, porém, há sempre nessas publicações muitas contribuições de brasileiros que haviam voltado de uma estada nos Estados Unidos. A maioria desses tinha passado uma temporada nos EUA mediante bolsa de estudos concedida pela própria União, por meio do Departamento de Estado norte-americano, e o OCIAA. Ao regressar da viagem, o participante era convidado a compartilhar suas experiências com o público da União em uma palestra em um dos salões da União, às vezes transmitida pela rádio.

A qualidade da contribuição aos objetivos da União era variável, dependendo do indivíduo que discursava e sua experiência a ser relatada. Evidentemente, não era com o intuito especial de promover os objetivos da União que muitos discursavam. Mas há em todos os casos, elementos que contribuem para atingir os fins almejados pela União com essas publicações. Destaca-se desse gênero de obras “A Vida Intelectual nos Estados Unidos”, publicada pela União, durante a Segunda Guerra, em dois volumes. No volume dois, por exemplo, há 27 ensaios que totalizam mais de quatrocentas páginas. Entre os mais interessantes no sentido de ilustrar os objetivos da União são os artigos “O Papel das Relações Culturais no Tempo da Guerra” e “Que Poderemos Esperar do Intercâmbio Cultural com os Estados Unidos?”.

Em “O Papel das Relações Culturais no Tempo da Guerra”, o palestrante Dr. Charles Thomson, diretor da Divisão de Relações Culturais do Ministério do Exterior dos EUA, discursa brevemente sobre sua visão e a posição de seu governo. Em almoço oferecido pela União, em 21 de novembro de 1942, Thomson leu as resoluções aprovadas por um comitê do Ministério do Exterior dos EUA. (cf. UCBEU, 1945, Vida Intelectual nos Estados Unidos, vol. II, p. 376). No bojo do discurso, encontra-se a ênfase em manter o programa cultural para além da guerra, a importância de preservar e propagar a cultura, e, na abertura, dados sobre o conhecimento da cultura brasileira por parte dos cidadãos norte-americanos. Neste trecho, cita os programas de Português nas universidades, os intelectuais brasileiros conhecidos pelos norte-americanos e a tentativa de mostrar interesse pelo Brasil

muito antes da guerra. Esse discurso segue os moldes do discurso político, esforçando-se por unir os povos de diferentes países com suaves apelos à irmandade. Exemplo:

*As nações americanas dar-se-ão mutuamente mão forte tanto durante a guerra como depois dela...Devem a nações do Novo Mundo manter entre si respeito e confiança mútuos, resultantes da verdadeira fé e compreensão. Criar essa compreensão é obra da alçada das relações culturais, podendo os institutos como o vosso, contribuir grandemente para a consecução dessa obra. (UCBEU, 1945, Vida Intelectual nos Estados Unidos, vol. II, p. 381).*

Prova de intento político reside em um trecho surpreendente que apela para melhorias da distribuição de riqueza: “Precisamos para isso um programa inter-americano que procurará elevar o padrão de vida...da distribuição cooperativa dos excedentes agrícolas...para o adiantamento econômico e do bem-estar social.”

O Dr. Moacir Eyck Álvaro, autor de “Que Poderemos Esperar do Intercâmbio Cultural com os Estados Unidos?”, utiliza a retórica do “advogado do diabo” em sua palestra, ao perguntar:

*Não é a nossa formação espiritual totalmente diversa da americana? Não é o nosso gênio, legitimamente orientado para a latinidade, avesso ao pragmatismo anglo-saxônico? Não haverá nesse súbito interesse um motivo escondido, uma segunda intenção que redunde em nosso detrimento? Um propósito imperialista que devemos temer? (UCBEU, 1945, Vida Intelectual nos Estados Unidos, vol. II, p. 408).*

Em seguida, o médico menciona as fontes principais do interesse brasileiro pela cultura norte-americana, como “Seleções” e o cinema hollywoodiano. Concede a utilidade do intercâmbio cultural e o interesse mútuo no comércio de idéias, no entanto insiste: “Que influência poderá ter sobre nós uma cultura proclamadamente pragmática e empírica como a anglo-saxônica?” Mas, ao meio do discurso, começa inexoravelmente a recomendar tal intercâmbio com frases como “A nosso ver essa influência será talvez a mais desejável de todas”, “muito teremos de lucrar” e “... reconhecer a preeminência dos Estados Unidos nas diversas manifestações de cultura”.

Outros artigos dessa publicação possuem características informativas, como “Fatos Observados e Episódios Vividos em Rápida Viagem na América”, em que o Diretor da Escola Superior de Agricultura Luís de Queirós e secretário de Agricultura de São Paulo, Prof. José de Melo Morais, conta suas experiências, começando assim:

*Sinto-me às vezes, inclinado a declarar-me suspeito para falar a respeito dos Estados Unidos da América do Norte. É que uma viagem rápida não é suficiente para que se conheça um país. Além disso, desconfo que me encontro, no pertinente às afortunadas terras descobertas por Colombo, como um rapazote de 15 anos, que ama pela primeira vez. Para este, a sua Dulcinéia é jóia sem jaça. É a mulher perfeita, a rainha de seus sonhos. É que deixei a América do Norte verdadeiramente deslumbrado. (UCBEU, 1945, Vida Intelectual nos Estados Unidos, vol. II, pp. 73-74).*

Dessa maneira, por meio da publicação dessa palestra, a União não só dissemina informações sobre os EUA, mas sempre positivas. Entre os alunos que acompanharam o professor nessa viagem, o estudante de agronomia, Benjamin Harris Hunnicutt, Jr., cujo pai fundou a escola, foi Vice-Presidente da União e diretor do Mackenzie, relatou, em entrevista, a generosidade de Nelson Rockefeller, que, além de custear a viagem mediante o OCIAA, cedeu o carro emprestado ao jovem durante a tarde. Hunnicutt, ao contar a história sessenta e um anos mais tarde, lembrou a atenção que o veículo de Rockefeller chamou em Washington. Ele também confirmou o encontro do grupo com o Vice-Presidente dos EUA, Wallace.<sup>8</sup> Tal cuidado com o programa de cooperação interamericana por parte de autoridades norte-americanas propaga o sucesso da investida na hegemonia cultural, deixando os participantes impressionados, prontos para ver com outros olhos as relações positivas com os EUA, e com lembranças duradouras, disseminadas entre seus conterrâneos. Outros discursos informativos da cultura norte-americana nesse volume incluem “Aspectos da Vida Norte-Americana”, pelo professor de medicina e romancista, Cecílio J. Carneiro, e “Aspectos Históricos do Estados Unidos”, pelo autor e professor de Inglês José Luís Campos Jr.

---

<sup>8</sup> Ibidem. p. 75./ entrevista do autor com Benjamin Harris Hunnicutt, Jr. em 23 de julho de 2002.

No volume I de “Vida Intelectual nos Estados Unidos”, intelectuais conhecidos, profissionais liberais associados à União, proferiram seus pontos de vista sobre algum aspecto das relações culturais. Jorge Americano, Reitor da Universidade de São Paulo, professor de Direito e Presidente da União falou sobre aspectos jurídicos nos EUA em agosto de 1942 e sobre os tribunais daquele país, em julho de 1941. Noemy Silveira Rudolfer, professora da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP e primeira Secretária da União, discursou em setembro de 1941 sobre aspectos culturais dos norte-americanos, especificamente sobre o tema de cooperação. Dr. Trajano Pupo Neto, advogado do City Bank e Secretário geral da União, discursou sobre suas impressões da cidade de Nova York e sobre a experiência da universidade. Nesse primeiro volume, a União publica as palestras da elite paulistana, muitos dos quais eram figuras de importância dentro da própria organização, assim realçando a contribuição da União para as relações culturais.

Em seu artigo, Noemy Silveira Rudolfer escreve suas impressões de viagem. Comenta que os filmes de Hollywood, os produtos de consumo, o vendedor e o turista representam os ‘tipos’ em que os brasileiros baseiam suas conclusões a respeito do típico norte-americano. Mas a autora reluta em aceitar essas como provas do tipo americano. Sugere: “acho dever de cada um de nós que vai à grande nação do norte, em missão cultural, relatar suas impressões com a fidelidade que uma intenção sincera por certo garante”.

Rudolfer explica que a viagem em questão é a terceira que faz, sempre com o apoio da *Carnegie Foundation* e a *International Institute* da Universidade de Colúmbia. O primeiro aspecto de diferenças entre o Brasil e os EUA que a autora aponta refere-se à tensão e à aceleração. Em outras palavras, está transmitindo sua surpresa em sempre ter uma agenda lotada. Rudolfer se apegou à democracia e à igualdade de oportunidade. Viu inúmeros tipos de escolas: uma educação eficiente para cada cidadão. “Em Filadélfia, ainda vi escolas para crianças doentes, hospitalizadas, para paralíticas cegas, surdas-mudas, crianças com defeitos de prolação, etc.” Refere-se também às oportunidades para crianças superdotadas.

Quanto às crianças estrangeiras, Noemy Rudolfer explica que há classes de assimilação que fornecem a formação necessária para que se integre logo no ambiente cultural norte-americano. “E, fazendo-o, possa compartilhar do viver geral, com harmonia”. Essa reflexão resulta dos anos em que havia um grande esforço de americanização dos imigrantes, um tema tratado nessa dissertação.

Em outra parte do discurso a autora diz: “Tive a impressão de que a recreação sadia socialmente eficiente é tão importante nos Estados Unidos como o trabalho digno”. Essa reflexão veio após ter visto operários jogando golfe em um campo cedido e mantido pela prefeitura.

Em suas declarações de abertura, Noemy Rudolfer declara ter tido uma agenda tão cheia, que não teve chance de descanso. Parece que para os participantes de intercâmbios, havia interesse de sobrecarregar as agendas para poder impressionar o visitante. É assim que o Departamento de Estado estabeleceu suas prioridades, para que os bolsistas voltassem a seu país, com uma favorável impressão dos EUA. Esse assunto será retomado no capítulo IV.

Nesse mesmo volume de Vida Intelectual nos Estados Unidos, encontram-se também duas inserções de dados sobre a União. A primeira está na contracapa na qual a União declara seus objetivos mediante uma lista de sete atividades principais. Estas reiteram atividades publicadas em outras ocasiões, tais como: a recepção a personalidades norte-americanas, visitas de intercâmbio, conferências e palestras, publicação de obras sobre instituições culturais brasileiras e norte-americanas, organização de uma biblioteca inter-americana, etc. A outra inserção aparece na primeira página como uma homenagem ao Dr. Cecil M. Cross, o cônsul geral americano em São Paulo, e contém a biografia do cônsul e frases como “...em quem as relações culturais entre o Brasil e os Estados Unidos da América encontraram o seu maior animador”.

No prefácio ao primeiro volume de “Vida Intelectual”, o presidente da União, Antônio Carlos Pacheco e Silva, reforça os objetivos da União e não deixa de expor a importância do trabalho cultural da nova entidade, escrevendo: “Nesta hora grave da vida das Américas, em que uma união mais forte e indissolúvel se impõe para a defesa, não só territorial como de princípios democráticos, cabe papel de relevo às classes intelectuais ...conservar as tradições de liberdade, cultura e independência...”.

### **Os Estatutos da União e seu significado em relação aos objetivos da instituição**

Além das publicações cujo objetivo era disseminar a cultura norte-americana como descrito acima, há o material da União que trata dos objetivos da entidade de outras formas. Entre as fontes evidentes para esse levantamento estão os estatutos. Publicados primeiro em 1941, foram homologados novos estatutos em 1950.

Houve poucas mudanças. A União se tornou uma entidade sem fins lucrativos, um Conselho de ex-presidentes da entidade foi criado e o departamento de cursos foi incluído. Os estatutos refletiam os objetivos de aproximação cultural aos Estados Unidos e os cursos de Inglês representavam um elemento de crescente importância.

O capítulo 1, artigo 3, trata dos objetivos de intercâmbio cultural entre o Brasil e os Estados Unidos, e cita o reconhecimento do governo norte-americano, e no artigo 4, os objetivos da entidade. São quinze itens que compõem esse artigo, cada um intimamente ligado à propagação de interesses de estreitamento das ligações entre o Brasil e os Estados Unidos:

*1- promover e incentivar, por todos os meios aconselháveis, relações culturais, reciprocamente, entre o Brasil e os Estados Unidos da América.*

*2- receber personalidades americanas em visita ao Brasil, procurando facilitar-lhes o conhecimento do país e da sua cultura.*

*3- trabalhar pelos ideais da União Pan-Americana, promovendo a divulgação dos seus princípios.*

*4- encaminhar candidatos e conceder bolsas de estudos, estágios práticos e cursos de aperfeiçoamento no Brasil e nos Estados Unidos*

*da América, por meio de uma comissão especializada presidida, sempre que possível, por um membro da Diretoria.*

*5- promover visitas de intercâmbio, viagens de estudos e facilidades para transporte e hospedagem de seus membros no país e no exterior.*

*6- congregar os antigos alunos de universidades norte-americanas, bem como os estagiários e bolsistas em geral, em associação ou clube destinado a promover, entre outros fins, a sociabilidade e união entre eles.*

*7- facilitar e auxiliar a vida dos clubes ou associações de alunos e ex-alunos da UCBEU que tenham por finalidade promover a sociabilidade entre eles e cujos fins não colidam com os da UCBEU.*

*8- realizar e manter cursos regulares e seriados, principalmente de Português, Inglês, Literatura Norte-Americana e Brasileira, de aperfeiçoamento de professores, e de cultura brasileira e norte-americana em geral.*

*9- promover, por todos os meios de divulgação, inclusive imprensa e rádio, a difusão cultural entre o povo, realizando conferências, palestras, seminários e reuniões literárias e artísticas, bem como campanhas educativas de interesse nacional.*

*10- divulgar obras científicas, literárias e artísticas de real valor.*

*11- organizar guias, monografias e publicações em geral de valor cultural.*

*12- manter biblioteca e discoteca, ambas públicas e circulantes.*

*13- cooperar com as entidades públicas e particulares, sugerindo medidas que venham contribuir para maior intercâmbio entre o Brasil e os Estados Unidos da América.*

*14- manter, em São Paulo, a sede denominada Casa Roosevelt, a fim de realizar suas finalidades educacionais e culturais, podendo ter, no interior do Estado, filiais, departamentos ou centros culturais filiados.*

*15- promover a sociabilidade entre os seus membros. (UCBEU, 1950, Estatutos da União, pp. 6-7).*

Os outros capítulos tratam do patrimônio, dos direitos e deveres dos membros, do conselho superior, das assembleias gerais, do conselho deliberativo, da diretoria e da organização administrativa.

Concernente ao conteúdo do artigo 4, já no item dois se propõem atividades culturais específicas. Com a divulgação feita pelo escritório de Nelson Rockefeller , (vide capítulo 4º) visitas de norte-americanos conhecidos se tornaram concretas. Em 1942, o próprio Rockefeller visitou a União e foi recebido pelo presidente A. C. Pacheco e Silva. Os escritores brasileiros Érico Veríssimo e Oswald de Andrade visitaram a União em 1943. A União recebeu as visitas do Embaixador norte-americano William Pawley em 1946 e do

brasilianista Richard Morse em 1948. Hellen Keller visitou em 1953. Também nos anos cinquenta os músicos e atores de Hollywood Dizzy Gillespie, Edward G. Robinson e Fred MacMurray, entre outros, visitaram a entidade.

O trabalho de disseminação da cultura norte-americana se exemplifica no número de intercâmbios promovidos pela União, assunto dos itens 4 e 5, mediante organizações governamentais e não-governamentais norte-americanas. Entre as instituições que cediam bolsas para intercâmbio, podemos mencionar: a fundação Rockefeller, o Departamento de Estado por meio do Escritório de Assuntos Interamericanos, o Instituto de Educação Internacional, o Consulado Americano, a Biblioteca do Congresso e a União Panamericana. Para ilustrar o desenvolvimento dessa atividade pela União, nota-se um significativo número de comissões para entrevistar candidatos à bolsa. São 40 áreas com mais de sessenta pessoas encarregadas da seleção, entre as quais: agronomia, antropologia, canto, contabilidade, desenho, educação, engenharia, Inglês, múltiplas áreas da medicina, música e secretária. (cf. UCBEU, 1950, Lista Nominal, pp. 27-28). Professores universitários norte-americanos eram convidados regulares para oferecerem palestras à comunidade da União. Essas palestras freqüentemente apareciam nas suas publicações. O ensaio sobre o ensino de música em Kentucky, mencionado acima, é apenas um exemplo.

Os itens 6 e 7 tratam de associações ou clubes. O objetivo maior da União de promover a cultura norte-americana poderia ser significativamente avançado por meio dessas entidades. A associação mais significativa desse gênero se fundiu em 1943, com o nome de Grêmio XII de Outubro, uma referência de importância tanto para o Brasil como para os EUA. Tinha surgido, originalmente, como um clube de conversação e tinha mais de trezentos sócios nos anos 40, alcançando os fins de sociabilidade almejados pelos fundadores. (cf. UCBEU, 1945, Relatório da Diretoria, p. 31).

Ausentes do ato de fundação da União, os cursos de Inglês se tornaram a atividade mais importante da entidade (vide capítulo II). Iniciaram-se as aulas de Inglês em 1941 com 60 alunos, atingindo mais de 2000 até o fim da guerra. Mencionado no capítulo I, artigo 4, item 8, todos os cursos citados faziam parte dos oferecidos pela União. Adicionalmente,

desde o início do curso de Inglês, a entidade promovia um curso de aperfeiçoamento para professores de Inglês.

O item 9 trata da disseminação cultural por meio de palestras, conferências, difusão radiofônica, etc. ensino de Inglês e os intercâmbios, que formam o alicerce do trabalho mais importante da divulgação cultural. O primeiro acontecimento dessa natureza data de 4 de julho de 1938, quando a União foi convidada pelo cônsul norte-americano para fazer uma transmissão de felicidades aos EUA pelo rádio. Convém notar que já nesse momento havia o interesse norte-americano nas atividades da União, cujas aspirações poderiam ser compartilhadas pelo governo norte-americano.

Os itens 10 e 11 apontam para a publicação de obras culturais. Com sua própria editora, e um convênio com a USP, a União publicava traduções, feitas por professores, de obras norte-americanas, para contribuir com a disseminação cultural. Entre as publicações desse gênero se encontram a “Ode à Independência dos Estados Unidos da América pelo professor Clemente Ferreira em 4 de julho de 1876”, publicado em 4 de julho de 1948 e “Exposição de Livros Infantis Norte-americanos sob o patrocínio da União Cultural Brasil-Estados Unidos e do Virginia Museum of Fine Arts”, de 1951. Há outras publicações, celebrando eventos como o dia Pan-americano, o 15 de novembro, o centenário de Edgar Allan Poe, o centenário de Ruy Barbosa e o dia das nações unidas.

No item 12, aparece mencionada a biblioteca que foi inaugurada em 1942 e, em um ano, somava 2.000 títulos, muitos dos quais eram em Inglês.

O item 13 funciona como um “guarda-chuva” para atividades culturais fora do âmbito do triângulo: curso de Inglês, intercâmbio e publicações. Alguns exemplos de atividades que se encaixam neste item foram a Seção de Difusão Cultural de 1947 e a Seção de Artes, que funcionava dentro da biblioteca.

O último item concerne à sociabilidade dos membros. O coral se apresentou no dia 4 de julho de 1950 e a performance foi transmitida pela Rádio Difusora.

### **Os objetivos da União reiterados pelas conferências dos centros binacionais**

Pelas conferências de 1944 e 1950 podemos entrever que os objetivos da entidade eram divididos em áreas distintas, como ensino, biblioteca, seleção de estágios e atividades culturais. (cf. UCBEU, 1950, Lista Nominal, pp. 29-33).

As conferências dos centros binacionais contribuíram com os objetivos da instituição. Ocorridas em janeiro de 1944 e agosto de 1950, foram momentos decisivos que afetaram os objetivos.

Uma elaboração dos objetivos da União ocorreu na conferência de 1944 e começava com a criação de uma nova comissão, a de atividades sociais e conferências públicas, que mais tarde renomearia a comissão de atividades culturais. Incluídos na lista de assuntos estavam: música, jogos e excursões, recepções, cinema e exposições de arte e artes dramáticas. (cf. UCBEU, 1944, Revista do Instituto Brasil-Estados Unidos, p. 119). A nova comissão deveria estudar a implantação das atividades e sua organização e divulgação. Essas atividades culturais constituíam uma natural evolução de objetivos, haja vista a maior organização que a entidade ia adquirindo ao longo de seus primeiros anos de existência. Traços culturais norte-americanos podiam ser revelados com a prática dessas novas atividades, como por exemplo, os planos de divulgação de música que incluíam a obtenção de discos de música folclórica norte-americana e brasileira.

### **Os objetivos da União segundo seu Presidente Rone Amorim**

Em abril de 1950, ao ser transformado em fundação brasileira, sofreu profunda reforma, baseada em seus doze anos de experiência. Conservou-se, segundo Rone Amorim, a mesma estrutura, mas ampliaram-se os seus objetivos. Além dos cursos em língua e cultura, há a difusão cultural:

*A difusão cultural, franqueada ao povo, complementa os cursos regulares. Há exposições, foruns de debates, palestras seminários, conversas ao pé do fogo, cafezinhos, cinema educativo, reuniões sociais e serões culturais. Em 1949 mais de cem mil paulistanos se serviram dos recursos do nosso instituto, freqüentando nossas reuniões públicas.*

*Os professores, formados por Universidades, são especialmente preparados para o ensino de inglês, como uma Segunda língua. Em 1941, quando a Diretoria da UCBEU iniciou os cursos regulares, contava com uma professora de Inglês e 60 alunos. Hoje tem 45 professores americanos e brasileiros, contratados localmente, que, somados aos 30 funcionários e cinco professores visitantes, perfazem o total de 80 pessoas que trabalham na intensa colmeia que é a Casa Roosevelt.*

*A missão de professores visitantes do Departamento de Estado é composta de cinco especialistas no ensino da língua para estrangeiros. Sob a orientação destes e por meio de lições práticas e diretas, cursos de aperfeiçoamento e edição de novos textos de ensino, a UCBEU vem realizando verdadeira revolução na metodologia do ensino direto, prático, sem abandonar os seus fundamento teóricos, e o propósito de ensinar a ler, escrever e falar correta e fluentemente a língua. As lições são variadas e obrigam a pensar diretamente no idioma inglês. Só é possível realmente aprender uma língua, penetrando na alma de seu povo, conhecendo a sua literatura, a sua vida e a sua civilização.*

*O encaminhamento de bolsistas é uma das suas atividades importantes. Com as bolsas de estudos, professores, assistentes técnicos, cientistas, artistas e pessoas formadas pela nossas escolas superiores vão para os EUA para cursos de aperfeiçoamento. Até agora 114 bolsas foram concedidas por intermédio da UCBEU, para estudos nos EUA. Esse trabalho é feito em conjunto com o Institute of International Educadtion, New York, o o International Exchange of Persons do OIE, Washington D.C. e outras fundações americanas, por meio duma comissão central de professores, auxiliares por sub-comissões especializadas. Idênticas oportunidades têm os jovens que trabalham nas oficinas e escritórios com estágios práticos nos EUA....*

*A cooperação do Departamento de Estado, de Washington D.C. efetiva-se de acordo com as recomendações das convenções Panamericanas sobre intercâmbio cultural, e principalmente da Carta da Organização dos Estados Americanos, assinada em 1948 em Bogotá, em bases idênticas às das Universidades Brasileiras e Latino-Americanas, através das oportunidades oferecidas para o intercâmbio de estudantes bolsistas, professores visitantes de inglês e literatura, discos, livros e publicações. ) O que a UCBEU e suas irmãs em outras cidades vêm realizando, principalmente no Brasil, está em perfeita consonância com esse ideal da união de todas as nações da América. Forma-se assim uma mocidade antes de tudo brasileira, e, também de mentalidade internacional, Dom os*

*olhos, o cérebro, e o que é mais importante, o coração, voltados para os outros povos da terra.* (UCBEU, 1950, Boletim Informativo, junho, p. 2).

A decisão de fazer esse discurso resumia-se nas novas leis que passaram a dar utilidade pública à União. Aproveitando o momento, o Presidente Amorim reiterou o tipo de trabalho que a entidade vinha fazendo e teve a oportunidade de citar as novas leis em vigor a favor da entidade.

**CAPÍTULO IV      A União e as políticas culturais norte-americanas**

*THE WHITE HOUSE  
WASHINGTON  
May 7, 1941*

*My dear Dr. Pacheco:*

*The President has requested me to thank you and the members of the Brazil-United States Cultural Union for your most courteous action in conferring upon him honorary membership in your Society, and also to express his appreciation of the letter and the diploma which you left with me upon the occasion of your recent visit.*

*The objectives of your organization are deserving of the highest commendation and the President is delighted to be associated with you in this splendid organization.*

*Very sincerely yours,  
Edwin M. Watson  
Presidential Secretary<sup>9</sup>*

A carta acima recebida pelo Presidente da União Cultural Brasil-Estados Unidos do Presidente Roosevelt constitui uma importante pista para demonstrar como os EUA participavam na abertura e propagação dos estudos de língua inglesa no Brasil. Ela reforça

---

9 Carta recebida do Presidente Roosevelt pelo primeiro presidente da União Cultural Brasil-Estados Unidos:

A Casa Branca

Meu Caro Dr. Pacheco:

O Presidente me pediu para lhe agradecer junto aos membros da União Cultural Brasil-Estados Unidos pela cortesia em conferir um título de sócio honorário em sua instituição, e gostaria de expressar sua apreciação da carta e do diploma que o Sr. deixou comigo em sua recente visita.

Os objetivos de sua organização merecem a maior distinção e o Presidente está contente em ser associado a esta esplêndida organização.

Sinceramente,  
Edwin M. Watson  
Secretário do Presidente

a importância dada pela Casa Branca às relações diplomáticas entre esses dois países, e ao mesmo tempo reforça a teoria de que as ações norte-americanas, nos campos de cultura e educação no Brasil, foram feitas de um modo consciente e sistemático na tentativa de ganhar alinhamento de países latino-americanos à causa norte-americana durante os primeiros anos da Segunda Guerra Mundial, e além. (Para enfatizar esse cenário, a carta aqui foi apresentada em sua versão original com a tradução na nota de rodapé.) A carta foi o resultado da visita de Antônio Carlos Pacheco e Silva, como já se informou, o Presidente da UCBEU, aos EUA, a convite do governo norte-americano, com o intuito de estreitar relações culturais, e conjuntamente mostrar as últimas técnicas adquiridas pelos cientistas norte-americanos aos brasileiros. Segundo a percepção do governo norte-americano, era imprescindível que os brasileiros aprendessem Inglês, e por isso, havia interesse em ajudar essa escola, a União.

Uma das maneiras pelas quais esses grupos e departamentos governamentais espalhavam sua influência no âmbito cultural/ensino era por meio dessas bolsas que Pacheco e Silva usufruiu para fazer sua viagem.

O Sr. Charles A. Thomson, chefe da Divisão de Relações Culturais do Departamento de Estado dos Estados Unidos, proferiu uma palestra na ocasião de um almoço oferecido pela União em honra de sua presença no Brasil em cuja introdução, diz:

*É também natural sentir-se lisonjeado e animado ao demonstrar algum interesse nas idéias e propósitos por ele apresentados, procurando compreendê-los com espírito de cooperação. Dá-se isso com os governos não menos que com os indivíduos, e ao fazer uso da palavra na União Cultural Brasil-Estados Unidos que fundastes com o fim de vos inteirar, como indivíduos e como nação, do nosso modo de vida nos Estados Unidos, fazendo-nos conhecer, concomitantemente, os vossos traços característicos, sinto-me transbordante de gratidão...(UCBEU, 1941, Vida Intelectual nos Estados Unidos, vol. I, p. 275).*

Este início de discurso sugere que poderiam existir intenções governamentais norte-americanas de atuar na área da diplomacia cultural com objetivos de dominação cultural e, portanto, econômico. Nota-se que esse tipo de discurso se apóia em frases de efeito, apelando para protocolos diplomáticos, levando a uma generalização do discurso. A

menção de que essas ações culturais pudessem ocorrer por via estatal reforça a hipótese de ações sistemáticas governamentais. (cf. Warde, 2001, p. 11).

Na construção da hegemonia norte-americana, há evidências claras de atividades culturais constantes. (cf. Warde, 2001, pp. 5-6). A União oferecia um grande número de cursos e atividades para seus alunos e para o público em geral; alguns exemplos além dos cursos de língua e literatura são: História Americana, Artes, Música e Cultura Americana. Essas atividades demonstram que a União tinha forte interesse em divulgar aspectos da cultura norte-americana aliados ao ensino do idioma Inglês. Era a penetração da cultura como estratégia para ganhar corações e almas brasileiros. De certa forma, portanto, pode-se argumentar que, por meio dessa escola paralela de Inglês, desenvolviam-se ações com a intenção de promover a hegemonia cultural dos EUA no Brasil. Embora em um campo restrito, o de escola paralela de Inglês, aparentemente os EUA estavam operando no sentido de difundir sua cultura entre o povo brasileiro.

A participação da estrutura estatal dos EUA na propagação da União foi um importante passo nas relações culturais Brasil-Estados Unidos. Esse apoio visava uma maior aproximação dos dois países em termos culturais e educacionais, concedendo bolsas de estudo para candidatos indicados pela União para universidades norte-americanas, incentivando o intercâmbio cultural mediante visitas de personalidades ilustres com palestras e apoiando financeiramente a União na produção de filmes culturais e cursos de Inglês radiofônicos, entre outros empreendimentos. O próprio Departamento de Estado dos Estados Unidos mandou uma carta à União já em 1939, pedindo que a União se organizasse no sentido de estreitar as relações culturais entre os dois países. Na sua resposta, Pacheco e Silva escreve que a Diretoria da União está convicta da necessidade imperiosa de atender a esse pedido. Em reunião da Diretoria, elaboraram uma série de sugestões para atingir tais fins. Pacheco e Silva subseqüentemente mandou uma carta ao cônsul geral, Carol Foster, com uma lista de quinze itens:

1. *Recursos para a União ter sede própria e biblioteca com livros técnicos dos EUA.*
2. *Abrir casas de editoras para poder mandar os livros diretamente para os intelectuais brasileiros.*

3. *Organizar caravanas de intercâmbio entre os dois países para fomentar amizade entre os dois povos.*
4. *Organizar por meio de agências de viagem excursões com vantagens especiais para professores e alunos.*
5. *Organizar revistas técnicas de intercâmbio.*
6. *Organizar cursos de férias nos EUA para médicos sul-americanos.*
7. *Facilitar o ingresso de estudantes brasileiros nas Universidades norte-americanas.*
8. *Divulgar no Brasil, por intermédio de revistas editadas em Português, as últimas aquisições da ciência americana.*
9. *Incentivar a criação de cursos de língua inglesa para os brasileiros e língua portuguesa para os americanos.*
10. *Promover em ambos os países facilidades para os artistas que desejassem participar na obra de intercâmbio artístico.*
11. *Crear facilidades para as empresas cinematográficas americanas que desejassem filmar panoramas das belezas naturais do Brasil e das principais cidades para mostrar nosso progresso.*
12. *Instituir prêmios para os escritores brasileiros autores dos melhores trabalhos que pudessem servir de motivo para representações cinematográficas.*
13. *Organizar nos Estados Unidos, em horas determinadas, irradiações em Português, contenda uma parte de noticiário, música e informações comerciais e econômicas.*
14. *Utilizar os intelectuais mais apropriados para tornar o intercâmbio mais eficiente.*
15. *Incrementar o estudo da História do Brasil e da América, que demonstra grande afinidade entre as duas repúblicas. (UCBEU, 1940, Boletim da União Cultural Brasil-Estados Unidos, pp. 77-78).*

Alguns desses itens vieram à fruição ao longo dos próximos anos. O Departamento de Estado fomentou essa reflexão por parte da Diretoria da União e certamente concordou com os itens de intercâmbio.

Nesse contexto da participação da estrutura estatal dos Estados Unidos, o departamento que mais atuava no Brasil e que teve representativo impacto na trajetória da União foi o Escritório de Assuntos Inter-Americanos, o OCIAA, subordinado ao Departamento de Estado, que operava no Brasil em três frentes: informação, saúde e alimentação. A primeira incluía ações nas áreas de imprensa, rádio, filmes e educação. Incluía também a assessoria para a criação e implantação de escolas e cursos, nas áreas de administração pública e de empresas, agronomia, ensino vocacional, engenharia, secretariado, língua inglesa entre outros:

*O governo americano deu incentivos também à difusão do ensino de inglês, por meio de livros, filmes, discos e exposições itinerantes. Os funcionários do Birô (OCIAA) no Brasil notavam com satisfação, em 1943, que as escolas americanas precisavam ser urgentemente ampliadas, devido à demanda crescente de matrículas por parte das famílias brasileiras de classe média. Começaria a partir daí o declínio do francês como língua por excelência das chamadas elites culturais do país. (cf. Moura, 1986, pp. 46-47).*

O comentário acima de Moura expressa um claro interesse na divulgação do Inglês no Brasil por parte dos EUA, e as últimas conseqüências dessa.

### **O Relatório da Divisão Brasileira do OCIAA**

O relatório da divisão brasileira detalha todo o trabalho do OCIAA desde a sua implantação no Brasil em 1940 até maio de 1942 quando foi enviado ao Coordenador Nelson Rockefeller em Washington. O OCIAA tinha escritórios em São Paulo e no Rio de Janeiro. O sexto parágrafo do relatório resume, não os trabalhos feitos, mas os objetivos alcançados pela divisão, segundo a opinião do relator:

*Cada atividade da divisão brasileira do escritório do Coordenador tem a completa cooperação dos oficiais da embaixada. O programa tem o apoio dos oficiais governamentais brasileiros do Presidente Vargas para baixo. Tem aberto o caminho para uma compreensão dos objetivos dos Estados Unidos. Assistência concreta para indústrias em crescimento ou o desenvolvimento de atividades até agora inexistentes só podem produzir um sentimento amigável para a nação implementando a boa ação. Este sentimento é claramente evidente por todos os lados. Exceto entre umas poucas pessoas insatisfeitas por motivos puramente pessoais, não existe mais sentimento anti-americano no Brasil. (OCIAA, 1942b, p. 1).*

Sobre as atividades cumpridas, o relator especula quais têm maior importância para os fins da divisão, mencionando como possibilidades a estada de Orson Welles versus o desenvolvimento na Amazônia; a propaganda gerada pelos jornalistas brasileiros transmitindo notícias de Nova York versus o intercâmbio entre estudantes e cientistas; o trabalho das comissões do OCIAA em pesquisas sobre matéria prima enviadas a Washington versus o constante fluxo de informações entre o escritório e Washington que permitiam a avaliação para a mais efetiva realização do trabalho no Brasil.

O relator, Berent Friele, do posto mais alto do OCIAA no Brasil, prossegue a opinar que os trabalhos mais importantes podem ser aqueles que resultaram em uma reação visível e favorável do público, e por isso, relata-os primeiro, começando com a visita de Orson Welles. Os motivos que o levam a acreditar que o filme de Welles pudesse ser o trabalho mais importante da divisão até então, mesmo que o filme não estivesse concluído, se baseiam na crença de que a vinda ao Brasil de uma tal celebridade que usava atores brasileiros e filmava o cenário local, indicava uma apreciação sincera das coisas brasileiras. Isso ele relata como uma sutil lisonja, que afetava favoravelmente o público brasileiro.

A vitória seguinte da divisão, segundo Friele, captou a imaginação do povo brasileiro. O OCIAA patrocinou, nos moldes da celebração norte-americana, uma festa em homenagem ao aniversário do Presidente Vargas, chamado *President's Day*. Os brasileiros acompanharam as festividades com entusiasmo quando souberam que foi patrocinado pela Sociedade Americana do Rio de Janeiro “(onde o crédito oficial foi colocado)”. “As outras colônias estrangeiras roeram as unhas em vexação ao não ter pensado nesse projeto que valeu o tempo e esforço pelo *good will* que produziu”, segundo Friele.

Todos os dias novas idéias são trocadas pelos membros da equipe, relata Friele. Entre as mais bem sucedidas consta o envio dos jornalistas, cujas transmissões atingem todo o Brasil e por estar sendo muito bem aceito resultou em planos das autoridades brasileiras em adicionar mais minutos ao programa. A liberdade dos jornalistas em apresentar fatos que acontecem nos EUA está de acordo com as expressas instruções do Presidente Roosevelt, que desejava que todo o possível fosse feito para divulgar as atividades e o desenvolvimento dos EUA entre os povos da América Latina. (OCIAA, 1942b, p.2).

Os tópicos que se seguem e que foram mencionados no relatório dizem respeito a alguns aspectos da agricultura. O OCIAA trouxe ao Brasil especialistas na criação de animais, que deram conselhos sobre a melhor forma de trabalhar. Consta também no relatório a visita de especialistas norte-americanos em óleos vegetais. Vieram a convite do

governo brasileiro e o resultado do intercâmbio deveria trazer uma alta no comércio de produtos dessa natureza, segundo o relator. Faz-se também menção a um grupo de estudantes de agricultura de Piracicaba na página três do relatório. Esse mesmo assunto apareceu no relatório anual dos diretores da União de 1942. Houve uma “caravana” de cinco professores, seis assistentes e 39 estudantes da escola Luiz de Queiroz. As passagens foram custeadas pelo governo do Estado de São Paulo e todas as despesas nos EUA foram custeadas pelo OCIAA.

Os diretores da União notaram com satisfação que o intercâmbio dos alunos de Piracicaba tinha sido um sucesso e colocaram em seus relatórios a sua participação:

*Como delegado da União, acompanhou a caravana o professor Benjamin H. Hunnicutt Jr., da Escola Prática de Agricultura José Bonifácio, de Jaboticabal. Na qualidade de nosso representante o Sr. Hunnicutt Jr. fez excelente propaganda da nossa organização e fomentou a fundação de associações culturais semelhantes à nossa em várias capitais do norte do Brasil. (UCBEU, 1942, Relatório da Diretoria, p. 9).*

A referência é do filho do Vice-Presidente da União. Oito anos depois, em 1950, a Fundação Rockefeller repassaria mais de sete mil dólares à Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, para a aquisição de equipamentos. (cf. UCBEU, 1950, Boletim Informativo, setembro, p. 5).

Entre as atividades rotineiras do OCIAA no Brasil consta a ajuda aos visitantes norte-americanos que vieram ao Brasil pelos programas da divisão. Uma vez aqui, o OCIAA assistia o visitante em viagens dentro do Brasil, hotéis, câmbio monetário, correio e ajudava a fazer o contato com os proeminentes brasileiros, associados aos interesses particulares de cada um.

Para se ter uma idéia do grau de organização do OCIAA no Brasil, basta ler o trecho sobre rotinas do escritório em Rio de Janeiro:

*A divisão se esforça para fornecer assistência secretarial, equipamentos e espaço no escritório para os visitantes do escritório em Washington, e os*

*outros que são apresentados à divisão com oficialmente de Washington. A mesma assistência é dada aos membros da equipe do OCIAA que vêm ao Brasil para projetos especiais, e todos os esforços são feitos para aliviar essas pessoas do peso do trabalho extra administrativo e de contabilidade inerente em operações estrangeiras. Toda a equipe fala português, um fato importante para as pessoas que visitam o escritório.*

*Se há um aspecto das atividades do escritório do coordenador que não tem refletido crédito, pode-se dizer que é o próprio anonimato em que se trabalha. O crédito quase sempre se coloca em outro lugar. O público brasileiro provavelmente não sabe que existe este escritório aqui no país. As autoridades, é claro, sabem e são entusiastas.*

*Centenas de telefonemas e entrevistas acontecem semanalmente entre os membros do escritório e as altas autoridades do governo brasileiro. (OCIAA, 1942b, p. 3).*

Pode-se inferir que os planos presidenciais de promover a boa vontade no Brasil foram seguidos pela divisão brasileira que patrocinava palestras, muitas em conjunto com a União, programas de rádio, cinema e o intercâmbio de profissionais brasileiros aos EUA para adicionais estudos.

O OCIAA operava no Brasil com reuniões semanais. Cada membro da equipe pertencia aos comitês de reuniões e deveria participar e proporcionar novas idéias e soluções para os projetos em andamento, em conjunto com os outros membros dos comitês formados pela equipe da embaixada e os especialistas vindos para implantar cada projeto. Uma frase nesse relatório salta aos olhos do leitor: “As reuniões servem de um *clearing house* para as idéias que, em qualquer outra situação ou sistema seriam sujeitas ao método de *trial and error* que causa um desperdício de tempo e esforço”. (OCIAA, 1942b, p. 5). Essa frase serve como uma base comum de contato entre o relator, Friele, e o coordenador, Rockefeller, uma vez que alude à eficiência puritana. Pode-se afirmar que as operações do OCIAA inculcavam em seus membros essa herança e, possivelmente, aparecia evidente aos brasileiros que tinham contatos com a divisão.

O resto do relatório trata dos projetos específicos completos e em andamento, divididos em cinco categorias: seção comercial e financeira, comissão de desenvolvimento inter-americano, divisão de comunicações, seção cultural da divisão brasileira e subsídios para viagens.

As três primeiras categorias foram estudadas por Moura e Tota em detalhe nos livros já referidos. As duas últimas categorias contêm informações relevantes ao trabalho da União. A seção cultural da divisão brasileira contém um resumo e a descrição de vinte projetos. O resumo menciona no primeiro parágrafo o trabalho do OCIAA com os institutos culturais e o primeiro projeto detalhado sintetiza as atividades do escritório com os institutos. Leia-se na página 22 do relatório o seguinte trecho:

*O Instituto Brasil-Estados Unidos recebeu uma subvenção de \$11.000,00 dólares norte-americanos, que está sendo usada para incrementar suas atividades e dois professores foram contratados pelo total de \$5.000,00 dólares para ministrar as aulas de inglês. O instituto em São Paulo, a União Cultural Brasil-Estados Unidos recebeu uma subvenção de \$7.500,00 dólares, que subseqüentemente foi aumentada em \$600,00 e uma professora foi contratada pelo desenvolvimento dos cursos de inglês lá. O instituto em Florianópolis, entendemos, recebeu a soma de três mil dólares do Departamento de Estado. Um orçamento está sendo elaborado recomendando que a soma de \$30.000,00 seja alocada para o uso dos institutos culturais no Brasil com sugestões de criar um controle um pouco melhor desses recursos por um representante responsável no campo. Essa colocação não se intenciona como uma crítica aos indivíduos que lidaram com os recursos no ano passado, mas meramente uma tentativa de centralizar o controle para maior eficiência. (UCBEU, 1942b, p.22)*

O relatório continua com as descrições de todos os projetos culturais. Faz-se menção dos pedidos das várias instituições, inclusive a União, para envio de livros. Reafirma também os contatos com o Ministério da Educação sobre as possibilidades de abrir uma cátedra na Universidade de língua e literatura americana. Esses planos não se realizaram, pois a cadeira de Inglês da Universidade de São Paulo durante a década de quarenta permaneceu sob o controle de ex-diretores da Cultura Inglesa, até mesmo Douglas Redshaw, o fundador da Cultura Inglesa. A cadeira existia no currículo, mas só veio a funcionar em 1940, com a divisão de Letras Clássicas e Línguas Estrangeiras. Os antigos diretores da Cultura Inglesa ampliaram a cátedra com os cursos de língua e literatura

inglesa e literatura anglo-americana. Regeu interinamente a cadeira, em 1949, o assistente Lic. Hygino Aliandro, ex-chefe de secretaria da União (vide capítulo I).<sup>10</sup>

### Os Relatórios dos Institutos Culturais

O OCIAA pedia vários tipos de relatórios aos institutos culturais, a saber: um relatório geral básico, um relatório mensal e um quadrimestral. O relatório geral pedia informações detalhadas dos institutos em um tom cordial: *“Will you kindly supply, as completely as possible, the following information...”*, cuja tradução seria: Por favor, tenha a gentileza de fornecer, tão completamente quanto possível, as seguintes informações. Em apenas uma folha, com nove perguntas, o relatório pedia uma descrição das instalações, com uma planta e fotos, se possível. Pedia os nomes, nacionalidades e informações pertinentes sobre os dirigentes. Pedia uma lista dos funcionários que trabalhavam em tempo integral com a descrição de suas funções, salários e nível de Inglês. Solicitava ainda informações de cunho financeiro, fontes de renda e uma descrição das atividades do Centro.

O relatório mensal visava manter o OCIAA informado das mudanças ocorridas desde o envio do último relatório. Indagava a respeito do número total de sócios, sócios perdidos no mês e sócios novos no mês. Queria saber sobre as mudanças nas instalações, nos funcionários e nos dirigentes. Pedia um resumo completo das atividades das aulas de Inglês e outras atividades culturais. Por exemplo: “Liste todas as funções patrocinadas e a frequência de cada, enumerando as aproximadas proporções de norte-americanos e nacionais” (OCIAA, 1942a, anexo B, Relatório mensal dos institutos culturais). Os funcionários do OCIAA queriam saber nesse questionário quantas publicações foram feitas no período pela entidade e pediam uma lista de circulação de livros, separada nas categorias de número de leitores e de usuários da biblioteca por categoria de obra procurada, seguida por uma lista de temas e espaço para o preenchimento. Evidentemente, queriam saber o conteúdo da leitura da população latino-americana.

---

<sup>10</sup> Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Universidade de São Paulo, 1939-1949, vol.II, 1953. São Paulo: Secção de Publicações. pp.489, 490).

O relatório quadrimestral se concentrava em aspectos financeiros. O OCIAA queria detalhes sobre receitas e despesas e providenciava no questionário itens específicos para o preenchimento. No final do relatório, requisitava uma “avaliação crítica do instituto e um relatório nas condições gerais da situação cultural” (anexo B, Relatório quadrimestral dos institutos culturais).

### **A União e o OCIAA**

Em 1942, a União recebeu o Sr. Nelson Rockefeller e ofereceu uma recepção que contou com “a presença de numerosos elementos de maior destaque social e intelectual de São Paulo”. As imprensas radiofônica e impressa noticiaram o evento. (Relatório da Diretoria, 1942, p. 10).

Nelson Rockefeller (à dir.) cumprimenta Antônio Carlos Pacheco e Silva, 1942.



*fonte: UCBEU, 1997, União 60 Anos., p. 28.*

Sabemos que a União preenchia e enviava esses relatórios ao OCIAA porque há uma carta do OCIAA agradecendo o recebimento:

*Coordinator of Inter American Affairs  
Of the United States of America*

*29 de Janeiro de 1943.*

*Prezado Doutor Pacheco:*

*Tenho o prazer de acusar o recebimento de sua estimada carta de 14 do corrente mês, dirigida ao Senhor Berent Friele, junto à qual nos enviou um resumo estatístico das múltiplas atividades da União Cultural.*

*Desejaria, por esse motivo, felicitar à Vossa Senhoria e a todos os seus distintos colaboradores, distinguindo, sobretudo o infatigável Doutor Rone Amorim, cuja visita no decorrer do mês findo, nos causou um vivo prazer.*

*Faço os votos mais sinceros pela sua saúde e felicidade, e espero que, no transcorrer do ano novo, o valioso programa da União, cuja presidência Vossa Senhoria tanto honra, atinja um desenvolvimento ainda maior.*

*Reitero os protesto da minha alta consideração e apreço.*

*Cordialmente,  
Frank E. Nattier, Jr.  
Representante Especial Interino*

*(anexo 5 do Relatório da Diretoria).*

Há pelo menos duas menções das intenções da diretoria da União em pedir auxílio do OCIAA e tentar organizar suas relações de trabalho com o OCIAA e o departamento cultural do consulado norte-americano. Eis o item número dez das resoluções da diretoria da União de 14 de maio de 1941:

*Aprovar os entendimento tidos pelo secretario geral dr. Rone Amorim com o snr. E. H. Robbins, Assistente do Coordenador das Relações Comerciais e Culturais do E.U.A.(antigo nome do OCIAA) no sentido de receber a União a cooperação desse órgão, afim de ativar sua vida e atuação no campo do intercambio cultural. O snr. Presidente a este respeito comunica que teve a oportunidade de fazer também idênticos entendimentos com o mesmo representante do snr. Nelson Rockefeller jr., quando esteve no Rio de Janeiro. (UCBEU, 1941, Reunião da Diretoria, maio, p. 11).*

E, em outro ano:

*O Dr. Donald Pierson, após tecer judiciosas considerações, propôs que a União Cultural, por sua Diretoria, entrasse em contacto com os srs. Arnold Tschudy, representante do Coordenador dos Assuntos Inter-Americanos, e com o sr. Roy Nash, Adido Cultural ao Consulado Geral Americano, a fim de que, logo de início, ficassem perfeitamente deliberados os respectivos campos de ação no setor cultural. A proposta foi aprovada por unanimidade e o sr. Presidente se comprometeu a dar os passos necessários no sentido de se promover uma reunião conjunta das partes interessadas na questão. (UCBEU, 1943, Reunião da Diretoria, abril, p. 1).*

Sabe-se que a União recebia fundos do OCIAA, fato comprovado pelo relatório da sua divisão brasileira. Há muitos outros tipos de ajuda. Em reunião da Diretoria da União em quatro de maio de 1942, o Dr. Rone Amorim informa que o OCIAA tinha mandado mil pés de filmes coloridos, virgens, para filmagem de instituições culturais de São Paulo, para exibição nos Estados Unidos. Em outro relatório se anunciava que o sistema de intercâmbio de filmes já tivera início com o começo da filmagem de uma fita colorida sobre o Instituto Butantã. (cf. UCBEU, 1942, Relatório da Diretoria, p. 13).

No mesmo relatório consta uma lista dos membros da União, pertencentes à categoria de cooperadores, ou seja, aqueles que faziam contribuições monetárias anuais. Entre os nomes se encontram Rockefeller, Thomson, Foster, Cross e Friele. (cf. UCBEU, 1942, Relatório da Diretoria, p. 15).

Em meados de 1944, o OCIAA decidiu parar de pagar as despesas de viagens de inspeção das escolas no interior, mas até então tinha sido praxe essa ajuda financeira. (cf. UCBEU, 1944, Reunião da Diretoria, agosto, p. 2). Em reunião de dez de outubro de 1945, a diretoria da União agradeceu o OCIAA, por causa do trabalho de Arnold Tschudy em mobiliar a nova sede.

Mas em fins de 1945, a União recebeu uma carta do Departamento de Estado dos Estados Unidos (responsável pelo OCIAA), na qual constavam as instruções pela qual

cancelavam a contribuição que o Departamento vinha remetendo à União, anualmente. A Diretoria da União, que já não precisava mais da subvenção em virtude do grande número de alunos, decidiu apenas solicitar um aumento no número de bolsas de estudo para distribuição. (cf. UCBEU, 1945, Reunião da Diretoria, dezembro, p. 1).

### **Fundação Rockefeller no Brasil**

Em termos, pelo menos de orçamento, nenhuma atividade científica se iguala à atuação no Brasil da fundação Rockefeller. Criada em 1909 para “promover o bem-estar e o avanço da civilização dos povos dos Estados Unidos, seus territórios e possessões e de países estrangeiros na aquisição e disseminação do conhecimento, na prevenção e alívio do sofrimento e na promoção de todos e quaisquer elementos do progresso humano”, a Fundação diminuiu dramaticamente suas atividades no Brasil somente em 1965 quando o governo brasileiro começa a investir em ciência. Em 1916 a Fundação mandou comissões médicas para o Brasil visando pesquisar a situação da febre amarela e a existência de escolas de medicina que pudessem receber apoio. Geraldo de Paula e Souza, que mais tarde seria o 1º Vice-Presidente da União Cultural Brasil-Estados Unidos, recebeu uma bolsa para fazer uma especialização na Johns Hopkins School of Hygiene and Public Health, junto com outro médico, em 1918 (cf. Marinho, 2001, p. 58). O auxílio pecuniário foi utilizado para a construção de laboratórios de anatomia, fisiologia, química, patologia e higiene na Faculdade de Medicina de São Paulo. (cf. Schwartzman, 1979, pp. 242-247).

Com o início da Segunda Guerra Mundial, a Fundação teve que parar suas atividades na Europa e se concentrou na América Latina com um de seus especialistas, Harry M. Miller. Este identificava os pesquisadores e instituições promissoras, e os premiava com bolsas de estudos ou recursos. A Faculdade de Filosofia da USP foi beneficiada nos setores de genética, física e química. (cf. Schwartzman, 1979, p. 247). Diferente do modelo francês, nas ciências sociais, não houve o mesmo tipo de colaboração entre a Faculdade de Medicina e a Fundação. O *officer*, no caso dos anos 40 e seguintes, Harry Miller, escolhia o cientista que iria receber a bolsa. As condições impostas nos recipientes incluíam a necessidade de voltar a atuar no mesmo departamento em que

trabalhava antes de receber a bolsa. Esse critério não se negociava. A bolsa podia ser considerada uma “transferência unilateral”, no sentido que não houve procura por parte do recipiente. De certa forma, constituía de uma “transferência sutilmente imposta”, uma vez que o recipiente não ia negar o equipamento, a bolsa ou o benefício.( cf. Marinho, 2001, p. 46).

A importância da Fundação Rockefeller no Brasil pode ser traçada em três pontos. Primeiro, os pesquisadores tiveram, pela Fundação, sua iniciação à ciência. O segundo aspecto é o acesso a uma instituição de qualidade. E o último aspecto se refere ao papel da Fundação em ceder bolsas de estudo para o exterior. (cf. Schwartzman, 1979, p. 250). Embora atuando dentro de critérios estritamente delineados pelo próprio John D. Rockefeller e seus assessores, descritos em detalhes no livro sobre a Fundação e a USP, escrito por Maria Gabriela Marinho, essas bolsas representavam exatamente o tipo de trabalho que o Departamento de Estado criava com departamentos públicos. Ao ser obrigado a voltar ao país de origem, o bolsista passa a atuar em prol (normalmente) dos EUA, em termos de disseminação cultural. Essa imposição resulta, portanto, na replicação do trabalho do governo norte-americano, uma demonstração dos padrões de crenças em comum entre a filantropia norte-americana e seu governo. As ligações entre Geraldo de Paula Souza, a Faculdade de Medicina de São Paulo, a União Cultural Brasil-Estados Unidos e a Fundação Rockefeller não ocorrem por acaso. As pessoas ligadas à União tinham trajetórias e crenças em comum. Não é coincidência que Geraldo de Paula Souza foi o concorrente de Pacheco e Silva para ser o primeiro Presidente da União. Ambos continuaram suas carreiras de médicos ao mesmo tempo em que permaneciam constantemente envolvidos com as atividades da União, e os valores que esta entidade representava para eles.

## **A Guerra**

Situando a vida política brasileira desses primeiros anos da União, durante a Segunda Guerra Mundial, cria dimensões para um entendimento melhor das atividades e comportamento dos principais atores da União.

A Guerra, longe de atrapalhar os planos de Getúlio Vargas, de fato, ajudou-o a alcançar muitos de seus objetivos. Criticado por se concentrar quase exclusivamente na política, em 1940 ele pôde traçar os planos para o desenvolvimento do país. (cf. Dulles, 1967, p. 205). Longe de ser a única realização desse período, mas simbolicamente talvez a mais importante, a siderurgia de Volta Redonda estava finalmente sendo negociada. Vargas considerava a siderurgia “um teste muito importante da política da boa vizinhança”. Quando Krupp, cônsul da Alemanha, mostrou interesse na construção da siderurgia, Vargas alegou a Washington que um empréstimo de 15 a 20 milhões de dólares do Banco Import-Export ajudaria o Brasil a fazer a construção independente de qualquer corporação estrangeira. Após vários meses, em que a Alemanha tinha invadido a França e os países baixos, a notícia do empréstimo de 20 milhões de dólares saiu. Em 1941, este valor subiu para 45 milhões. Era nesse período que Vargas viajou pelo sul do país onde a grande comunidade de descendência germânica ouviu a declaração de que todos deviam sua fidelidade ao Brasil e que o Brasil não era nem pró Alemanha, nem pró Inglaterra. A ênfase era em neutralidade, mas em qualquer controvérsia, o Brasil agiria de acordo com as outras nações americanas. (cf. Dulles, 1967, p. 209).

A Alemanha invadiu Dinamarca e Noruega, a França estava caindo e a Itália estava entrando na Guerra, Roosevelt anunciou suas simpatias pelos inimigos do Eixo. No dia seguinte, Vargas fez seu discurso famoso que tanto consternou os norte-americanos.

As maiores divergências entre os EUA e o Brasil na segunda metade de 1940 concerniam a proteção do nordeste brasileiro e o fornecimento de armas ao Brasil. Os generais norte-americanos queriam uma base militar com soldados norte-americanos no nordeste, enquanto os generais brasileiros consideravam Alemanha como sua melhor fonte de armas modernas. O lote de armas disponíveis para distribuição pelos norte-americanos estava quase todo destinado à Inglaterra.

O Brasil argumentava que, com armas, podia proteger a própria costa. Nesse período, as negociações de Volta Redonda ajudaram significativamente. Vargas mandou

felicitações no primeiro de maio de 1941 a Hitler. Ele sentia que Washington se interessava mais nas necessidades brasileiras se havia dúvidas sobre sua posição. (cf. Dulles, 1967, pp. 214-219).

Entre março e julho de 1942, 79 pessoas morreram em oito barcos brasileiros afundados pela Alemanha. Depois, em agosto, um grande ataque matou mais de 600 pessoas dentro de 40 quilômetros da costa de Bahia e Sergipe. Cinco dias depois o Brasil declarou guerra contra Alemanha e Itália. (cf. Dulles, 1967, p. 235).

### **O Pan-americanismo**

As conferências pan-americanas se mostravam particularmente interessante para os EUA, que, apesar de algumas resistências, foram assegurando sua hegemonia. Com a entrada dos EUA na Guerra, houve uma nova conferência no Rio, em 1942. Não obtendo apoio suficiente, os EUA adotaram outras medidas para garantir o êxito dos “valores pan-americanos”. Trataram de dar

*novo alento às instituições pan-americanas já existentes e a órgãos governamentais americanos, tais como a Divisão Cultural do Departamento de Estado e o Comitê Interdepartamental de Cooperação com as Repúblicas Americanas. A decisão talvez mais importante foi a criação do OCIAA (Office of the Coordinator of Inter-American Affairs), entregue à direção de Nelson Rockefeller e encarregado de contrabalançar a crescente propaganda do Eixo na América Latina. (Moura, 1980, p. 139).*

Mesmo rompendo com o Eixo e declarando guerra ao mesmo, o Brasil relutava em entrar para as Nações Unidas. Isso preocupava Roosevelt, que acabara de se encontrar com Churchill em Casablanca, norte da África. Roosevelt veio ao Brasil e encontrou com Vargas em Natal em janeiro de 1943, com dois itens na agenda: a adesão às Nações Unidas e uma participação mais ativa na Guerra. (cf. Moura, 1980, p. 29).

O Brasil concordou com a criação de uma Força Expedicionária Brasileira (FEB), mas o lento progresso do mesmo causava problemas políticos com os EUA no final de 1943.

Enquanto Dutra queria o envio de tanques para o nordeste, Marshall observava que a FEB não estaria em condições para ir aos campos de batalha antes de 1944. Por causa de escaramuças na bacia da Prata, os armamentos que os brasileiros tanto clamavam começaram a fluir rapidamente. (cf. Moura, 1991b, p. 35).

Os EUA estavam cientes de sua posição em uma “nova ordem internacional”. A Guerra havia dado aos EUA uma oportunidade única de estender seu poder; a aliança com o Brasil oferecia apoio político e a base física no nordeste para o controle do continente sul-americano. (cf. Moura, 1991b, p. 36). As tropas norte-americanas no nordeste brasileiro não só funcionavam como suporte à Guerra, mas também visava no cenário pós-guerra a manutenção da liderança dos EUA na região. O plano incluía treinamento das forças na América do Sul o que iria consolidar o controle do fluxo e do tipo de armas para o sul. (cf. Moura, 1991b, p. 36).

O papel da FEB na Itália é uma história conhecida de sucesso brasileiro no final da Guerra. Para ler mais sobre isso, ver Dulles, pp. 239-244 e Moura, 1991b, pp. 39-40.

### **Após a Segunda Guerra Mundial**

Quando Pearl Harbor foi atacada em dezembro de 1941, havia mais de cem conselheiros militares dos EUA trabalhando em todas as nações da América Latina. Depois da Guerra, “esses vínculos militares facilitaram a transmissão de valores anticomunistas para os militares latino-americanos, substituindo instrumentos de política externa menos sutis como o corolário Roosevelt e a Emenda Platt”. (cf. Schoultz, 2000, p. 343).

No Brasil, o Embaixador Adolf Berle fez um discurso pouco depois da rendição do Japão em que expressava a gratidão pelo apoio de Getúlio Vargas durante a guerra, mas “deixou claro que os EUA ficariam contentes com um fim à sua ditadura velada”. (cf. Schoultz, 2000, p. 354). Portanto, durante a Guerra a estabilidade política importava mais do que processos democráticos, mas depois da Guerra os EUA começavam a zelar por

democracias, temendo o comunismo, mas, sobretudo em uma luta pela liderança hemisférica que vinha se desenvolvendo há décadas. (cf. Schoultz, 2000, p. 355).

Em 1948, o Secretário de Estado, George Marshall, deixou claro que a ajuda governamental monetária estava destinada aos países destruídos na Guerra e que a América Latina deveria buscar fontes da iniciativa privada para seu desenvolvimento. Mas não era só pela destruição; a Europa havia se tornado o local de confronto entre o comunismo e o capitalismo, entre o totalitarismo e a democracia. (cf. Schoultz, 2000, p. 370).

Embora fosse o discurso democrático que operava no início da década de cinquenta, a realidade ditava que um governo forte, mesmo uma ditadura reprimiria o comunismo, o grande medo dos EUA. (cf. Schoultz, 2000, p. 382).

No final de outubro de 1945, Vargas foi deposto e viajou para Rio Grande do Sul. Além de um processo de democracia, havia outro motivo pela queda de Vargas.

*Embora o motor da ação política que levou à queda de Vargas fosse especificamente brasileiro, Washington não assistiu passivamente aos acontecimentos: acompanhou de perto, foi consultado por forças de oposição a Getúlio e, quando julgou necessário, interveio para ajudar a modelar os acontecimentos. Embora não tenha sido a "causa" da queda de Vargas, a ação do governo dos EUA teve um peso específico naquele acontecimento. (Moura, 1991b, p. 42).*

Há um contraste entre esse episódio e os anos em que Washington deu apoio irrestrito a Vargas.

Menos de um ano depois, Vargas tinha se eleito senador de seu estado. O governo de Dutra combateu o comunismo. Todos os comunistas conhecidos perderam seu mandato no executivo do governo. A polícia tentava banir todas as reuniões públicas de comunistas. Militares "detiveram" 200 comunistas e ocuparam a sede do Partido Comunista. (cf. Dulles, 1967, p. 282). O senado votou em 1947 para excluir todos os comunistas de postos eletivos e o Tribunal Eleitoral Superior oficialmente banuiu o Partido. (cf. Dulles, 1967, p. 286).

Quando Vargas decidiu se candidatar para a Presidência, ele consultou os militares, pois foram eles que o tinham deposto em 1945. Vargas se elegeu Presidente em 1951. (cf. Dulles, 1967, p. 299).

Na Conferência Inter-americana do Rio de Janeiro de 1947, criou-se o TIAR (Tratado Inter-americano de Assistência Recíproca), com a URSS em mente. A colaboração EUA-URSS da época da Guerra tornou-se competição e rivalidade. Agora havia duas superpotências. A URSS declarara-se um novo tipo de Estado, no qual o proletariado era quem dispunha de todo o poder, acusando os EUA de atrasados. Enquanto isso, os norte-americanos se consideravam privilegiados. Com essas diferenças, a URSS fazia dessa rivalidade uma característica da luta de classes universal.

*A guerra fria, além de ser uma luta ideológica, é também uma forma internacional de luta de classe. Isso tem duas conseqüências: o resultado das lutas locais fortalece a URSS ou os EUA, mas também as realizações de um ou outro afetam as lutas locais dos demais países. Os partidos comunistas locais fortalecem o bloco soviético quando sobem ao poder, mas são também auxiliados nisso pelas realizações da União Soviética.* (Murray, 1961, p. 53).

Ao longo dos seguintes anos, os governantes norte-americanos vieram a reconhecer no TIAR uma fonte de recursos que deveria ser protegida. Assim os objetivos eram os seguintes:

1. *Produção e fornecimento contínuos e crescentes de matérias primas estratégicas essenciais;*
2. *Manutenção da estabilidade política e segurança interna de cada nação, de modo a assegurar proteção às instalações das quais dependem a produção e fornecimento de materiais estratégicos;*
3. *Cooperação mútua de todas as nações latino-americanas em apoio aos Estados Unidos;*
4. *Proteção de linhas vitais de comunicação;*
5. *Fornecimento, desenvolvimento, operação e proteção, por parte das nações latino-americanas, daquelas bases que podem ser requeridas para uso dos Estados Unidos e para proteção das linhas de comunicação;*
6. *Proteção coordenada das áreas nacionais das nações contra invasão e reides;*
7. *Proteção coordenada, pelas nações latino-americanas, daquelas forças armadas necessárias ao cumprimento do disposto acima;*

8. *Fornecimento, pelas nações latino-americanas, de forças que excederem as necessidades do acima disposto, a fim de apoiar os Estados Unidos em outros teatros.*

*A conclusão é irrecusável: do ponto de vista dos seus principais mentores, o TIAR, desde o seu nascimento, era menos um tratado de defesa hemisférica e muito mais um canal de articulação político-militar da hegemonia norte-americana no continente.*

*A aliança proposta pelos Estados Unidos à América Latina não visava a algum perigo externo, mas antes à consolidação das partes e do conjunto de um sistema de forças que fazia dos Estados Unidos uma superpotência ao final da Segunda Guerra Mundial. A ameaça (real ou imaginária) da União Soviética ajudava a solidificar as partes do sistema, mas não era o centro da questão: era apenas a sua contrapartida. (Moura, 1991b, p. 76).*

Os empréstimos de 1952 garantiram uma posição subalterna do Brasil, em relação ao centro hegemônico. Vargas comemorou uma Comissão Brasil-Estados Unidos para Desenvolvimento Econômico que liberaria mais de 100 milhões de dólares, com mais de duas vezes esse valor no futuro. Esperava-se do World Bank por volta de 300 milhões de dólares. (cf. Dulles, 1967, p. 310).

Contudo, a posição da União era clara. O Presidente da União, Rone Amorim, concedeu entrevista ao jornal *A Manhã* no Domingo, dia 4 de março de 1951. Afirmou Rone Amorim:

*É para mim grande satisfação ver os destinos da política internacional do Brasil colocado em mãos tão habéis. O que cumpre fazer na hora presente é manter-nos fiéis aos princípios da Carta de S. Francisco e dar à ONU todo apoio moral e político. Sobre a próxima reunião dos chanceleres em Washington, posso dizer que o Brasil, peça importante do sistema inter-americano, estará muito bem representado ali. O equilíbrio do sistema inter-americano foi, com a carta da Organização dos Estados Americanos, assinada em Bogotá, em 1948, completamente consolidado. É o regimen da consulta e o da votação pela maioria. A obra que os norte-americanos aliados aos brasileiros, estão realizando no mundo precisa ser melhor compreendida e entendida pelo povo. É o destino da civilização que se joga nesta hora incerta. (A Manhã, 04/03/1951, In: Boletim Informativo, abril, 1951, p. 10).*

No boletim informativo da União, onde a entrevista de Rone Amorim foi reproduzida, há menção de que a entrevista constitui declarações “em caráter pessoal”; porém, não há motivos para acreditar que a opinião do resto da Diretoria da União diferiria.

Nos anos pós-guerra, o governo norte-americano trabalhou extensivamente em busca de soluções aos problemas percebidos da crescente Guerra Fria. Com a liquidação em 1946 do OCIAA, o Departamento de Estado continuou seu trabalho de apresentar “um completo e justo retrato dos EUA” para o resto do mundo. Em 1948, o congresso dos EUA inaugurou o Smith-Mundt Act para contrabalançar a propaganda soviética. O Presidente Truman queria em 1950 uma vigorosa “campanha de verdade” como resposta “às mentiras comunistas”. Em 1950, o Brasil e os Estados Unidos assinaram um tratado cultural bilateral para estabelecer entidades culturais nos dois países, escritórios de informações, bibliotecas e centros de filmes. O Serviço de Educação e Informações (USIE) estabeleceu uma série de convênios de intercâmbio entre o Brasil e os Estados Unidos. As visitas de brasileiros influentes constituíam a melhor forma de “fornecer uma compreensão genuína dos EUA e seu povo, sua forma democrática de governar e suas instituições políticas e sociais”. Os brasileiros que retornaram ao Brasil em geral tinham fortes impressões positivas dos EUA e disseminavam essas posições entre seus conhecidos. (cf. Haines, 1989, pp. 160-165). Os norte-americanos que aqui vieram “ajudavam” a desenvolver a ciência e a tecnologia. Em uma reportagem sobre convênios entre os EUA e o Brasil, o Boletim da União publicou:

*O Brasil ocupa lugar de merecido destaque entre as repúblicas americanas beneficiadas com a assistência técnica dos Estados Unidos em virtude dos grandes mananciais de recursos de que dispõe para o esforço comum da defesa do hemisfério. Graças ao programa de intercâmbio cultural, os Estados Unidos vêm proporcionando o treinamento de estudantes brasileiros em escolas e Universidades e outros centros especializados. O Departamento do Interior dos Estados Unidos encarregado do programa de conservação dos recursos naturais mantém um grupo de cientistas...Um de seus departamentos mais conhecidos é o de pesquisas geológicas, pois dele provêm os modernos métodos de pesquisa, localização e investigação de recursos minerais e potencial hidráulico. (UCBEU, 1951, Boletim Informativo, julho, p. 10).*

Conclui-se que os motivos maiores do governo norte-americano, além da Guerra Fria, envolviam a participação de empresas de iniciativa privada norte-americanas. Era dessa forma que os EUA visionavam o crescimento e desenvolvimento do Brasil. (cf. Haines, 1967, pp. 61 e segs).

O Departamento de Estado continuou seu trabalho de apropriação da União com o restabelecimento de bolsas de treinamento em indústria norte-americana. Por meio do *Bureau of Apprenticeship* dividiam-se as bolsas assim: todas as despesas pagas pelo Departamento de Estado, incluindo a viagem de ida e volta, ou parte das despesas pagas pelo candidato ou empregador. Com essas bolsas, os profissionais teriam a oportunidade de conhecer de perto “todas as faces da indústria em que estiverem interessados”. Para inscrições e informações adicionais, os candidatos de São Paulo deveriam se dirigir à União. (cf. UCBEU, 1950, Boletim Informativo, fevereiro, p. 7).

Em outubro do mesmo ano o Brasil e os EUA assinaram um convênio para um maior entrelaçamento de relações culturais e maior intercâmbio de estudantes, professores e especialistas. Esse convênio foi assinado pelo Secretário de Estado, Dean Acheson, do Departamento de Estado, e pelo Maurício Nabuco, Embaixador do Brasil nos EUA. O acordo previa viagens, intercâmbio de livros, o direito de estabelecer órgãos culturais, “tais como institutos, escritórios de informações, bibliotecas e cinemas”. Assim, o Departamento de Estado criou mecanismos de difusão de propaganda pró-norte-americana. (cf. UCBEU, 1950, Boletim Informativo, dezembro, p. 2).

Baseado nesses acordos culturais com Washington, a União, como intermediário, organizou uma caravana de brasileiros para fazerem um curso intensivo de Inglês na Universidade de Louisiana State. O curso se planejava a acontecer durante sete semanas em janeiro de 1952 e constaria de gramática, fonética, conversação, composições, história e cultura americanas, conferências e visitas aos Estados de Mississippi, Alabama e Louisiana. Os alunos iriam ficar alojados na própria Universidade. (cf. UCBEU, 1951, Boletim Informativo, dezembro, p. 2). Essa viagem de intercâmbio se realizou, como mostra a foto tirada do grupo de intercambistas:

*Caravana para Louisiana, 1952.*



*fonte: UCBEU, 1997, União 60 Anos, p. 52.*

Tudo indica que essa forte propaganda funcionava bem para melhorar a imagem dos EUA, com a disseminação positiva de informações a respeito dos EUA por parte dos participantes. Até 1953, havia dezenove agências federais norte-americanas diferentes engajadas em intercâmbio no Brasil. (cf. Haines, 1989, p. 166).

A Rádio Cultura de São Paulo ajudava na disseminação de informações pró-norte-americanos ao conceder entrevistas de ex-bolsistas, que eram publicadas nos boletins da União. No 26 de outubro de 1951, a senhora Ruth Sandoval Marcondes falou sobre sua visita ao estado de Arizona. Ela afirma na entrevista que os estudos nos EUA são mais “práticos e objetivos” do que no Brasil. Divulga sua área de estudos como sendo educação sanitária e nutrição. Opina que “em matéria de educação sanitária e nutrição estamos (brasileiros) na trilha dos Americanos; a base teórica, porém, é a mesma, usamos os mesmos livros periódicos e publicações. Resta-nos seguir-lhes o exemplo na aplicação dessa teoria”. (UCBEU, 1951, Boletim Informativo, dezembro, p. 17).

Outro exemplo de como as bolsas de estudo funcionavam como relações sistemáticas entre o Departamento de Estado e a União, e como a União foi apropriada para os fins de propaganda dos EUA, ocorre também pela Rádio Cultura no dia 12 de outubro de 1951. O entrevistado, Dr. José Policiano, um periodontista, relata suas experiências como ex-bolsista da União. Ao responder à pergunta sobre o motivo da viagem aos EUA, Policiano afirma que viajou para conhecer as “novas aquisições no campo da periodontia... (e para)... por-me em contato direto com as universidades norte-americanas o que me possibilitaria, como de fato possibilitou, o conhecimento dos métodos didáticos referentes ao curso...”. Northwestern University, em conjunto com o Instituto de Educação Internacional, concederam a primeira bolsa que ele recebeu, conforme informa na entrevista. Policiano participou do programa mediante seu cargo de professor assistente na Faculdade de Farmácia e Odontologia, na USP. No final do estágio, Policiano relata que ele recebeu o título de “*Doctor of Dental Surgery*”. Em seguida, ele se candidatou a uma bolsa da Kellogg Foundation. “Essa Fundação vem desenvolvendo junto à Faculdade de Farmácia e Odontologia da nossa Universidade, um trabalho que se pode bem comparar ao desenvolvido pela Fundação Rockefeller da Faculdade de Medicina”. O entrevistador pergunta se existe real valor para os dentistas brasileiros fazerem estágios em universidades norte-americanas. Policiano menciona em sua resposta afirmativa o aspecto do ganho coletivo desse tipo de estudos. (cf. UCBEU, 1951, Boletim Informativo, novembro, p. 9). Quase todos os meses o Boletim Informativo trazia entrevistas de ex-bolsistas que foram aos Estados Unidos e voltaram para disseminar a propaganda pró EUA determinada pelo Departamento de Estado. O interesse do Departamento de Estado na União era de tal tamanho que convidaram cada presidente da União para visitar os EUA:

*Ao Dr. Armando de Arruda Pereira, seguiu-se o Dr. João da Silva Monteiro Filho. De 1947 a 1948 foi o Dr. Monteiro presidente incansável. Sob sua orientação progrediu a UCBEU vertiginosamente. Esteve nos Estados Unidos em 1948, como convidado do governo dos Estados Unidos, pois o Departamento de Estado seguiu invariavelmente a política de estender convite a cada presidente da Diretoria, para visitar a grande República amiga como hospede oficial. Prestou, lá, grandes serviços ao Brasil. Sua atuação foi tão importante que o Ministro da Educação o considerou emissário especial do governo brasileiro. Durante a ausência do Dr. Monteiro, três meses, substituiu-o na presidência o Prof. Dr.*

*Cantídio de Moura Campos*. (UCBEU, 1951, Boletim Informativo, setembro, p. 1).

Além de convidar e pagar as despesas dos Presidentes da União em suas visitas a Washington, membros do próprio Departamento de Estado visitaram a União em 1950. Com a intenção de fortalecer os laços, na continuidade do trabalho de bolsas de estudo para atender os fins hegemônicos norte-americanos, foram à sede da União os senhores Forney Rankin e Charles Hulten, respectivamente diretores da Divisão de Relações Públicas e Serviços de Informações e Intercâmbio Educacional do Departamento de Estado, Washington, D.C. Houve homenagem e agradecimento pelo envio pelo Departamento de Estado de cinco professores de Inglês, aparelhos de rádio e livros para a biblioteca. (cf. UCBEU, 1950, Boletim Informativo, dezembro, p. 1). O trabalho do Departamento de Estado, portanto, não terminara com o fim dos conflitos armados, e sim, continuou forte no período da Guerra Fria.

A União teve, no pós-guerra, aspirações de modernizar sua sede, que ocupava um casarão antigo na rua Santo Antônio. O desenho de um prédio de dez andares foi publicado no Boletim Informativo em outubro e dezembro de 1951. Seriam três torres, com piscina na cobertura, restaurante, salão de festas, apartamentos para professores visitantes, salão de exposições, recreios, escritórios, salas de aula e biblioteca, entre outras coisas, como garagem para 30 carros e teatro. Posteriormente foi construído um prédio de quatro andares na rua Coronel Oscar Porto, em Jardim Paulista, para onde mudou a sede da União em 1962. Há paralelos entre esse episódio e os eternos diálogos entre os governos brasileiro e estadunidense. O governo brasileiro, sob Getúlio Vargas e Café Filho, queria o desenvolvimento de indústrias pesadas e expansão econômica rápida, por meio de empréstimos governamentais, como o Import-Export Bank ou o BIRD. O Brasil percebia os EUA como a nação mais rica e poderosa do mundo e constantemente “pressionava e implorava” (Haines, 1989, p. 62) para receber assistência para sua modernização. Por outro lado, para financiar o crescimento e desenvolvimento econômico do Brasil, os políticos dos EUA queriam usar capital privado, leia-se norte-americano. O dinheiro público disponível estava sendo usado na reconstrução da Europa e da Ásia. Só em último caso, quando cedia

empréstimos, o governo norte-americano exigia um planejamento econômico severo. (cf. Haines, 1989, p. 62).

O sistema de educação dos EUA era considerado muito moderno pelos próprios norte-americanos que queriam reestruturar as instituições educacionais brasileiras. Enfatizaram uma educação pragmática, que treinaria engenheiros, cientistas, técnicos e administradores. Tal sistema promoveria a aceitação de produtos e estilo de vida norte-americanos. “Eles seriam mais como nós”. Oficiais norte-americanos implantaram um programa massivo de informações. Tentaram influenciar jornais, rádio e televisões para poder espalhar a mensagem norte-americana. (cf. Haines, 1989, p. 190).

Geraldo de Paula Souza recebeu da União uma homenagem póstuma em janeiro de 1951 por seus serviços e atividades à causa de uma maior aproximação entre o Brasil e os Estados Unidos. Atuou na União como membro fundador, conselheiro, Vice-Presidente e membro da Comissão de estudos e treinamento nos EUA, na área de saúde pública. Foi Diretor da Faculdade de Higiene da USP e servia na Diretoria do Serviço Sanitário, nomeado por Washington Luiz. (cf. UCBEU, 1951, Boletim Informativo, dezembro, pp. 4-9, elaborado por Kajkumari Amrit Kaur).

Há, portanto, uma interessante ironia. As relações entre o Brasil e os EUA nunca eram relações de igualdade, mas de subordinação, uma relação de concessão e recebimento. Isso lembra as relações entre a Fundação Rockefeller e a Faculdade de Medicina de S. Paulo. E a ironia: mesmo com as relações de subordinação, o recipiente agradecia de tal forma, que, como no caso de Geraldo de Paula Souza, se afiliava e trabalhava em prol de uma entidade cultural como a União.

## Conclusão

Nos anos quarenta do século XX, a União Cultural Brasil-Estados Unidos, para a elite da população de São Paulo, representava democracia, liberdade e um mercado de comércio livre, voltada às relações culturais com os Estados Unidos. O ensino de Inglês, que começou em 1941, tornou a entidade crescentemente conhecida em São Paulo. Mas, mesmo nos primeiros anos de sua formação, a importância da União já se manifestava com episódios como o voto de confiança dado pelo cônsul norte-americano no ato da fundação da entidade, a visita de Nelson Rockefeller e as publicações que visavam aumentar a visibilidade da entidade e disseminar a cultura norte-americana entre os paulistanos.

O crescimento inesperado do curso de Inglês causou consternação entre algumas das autoridades da União, como Jorge Americano. Sem embargo, nos anos quarenta a procura intensa da União serviu de suporte para a consolidação de sua metodologia de ensino baseada na repetição dirigida ao fomentar a conversação. No início da década seguinte, a União centrou suas atenções no ensino de Inglês, na publicação de material cultural norte-americano e, principalmente, no implemento do intercâmbio entre bolsistas brasileiros e norte-americanos.

Nessa última modalidade de atividade, a entidade se empenhou tanto quanto no ensino de Inglês. As comissões de seleção de candidatos ganharam vulto, e o número de bolsas concedidas por instituições norte-americanas não cessou de aumentar naqueles anos. O empenho de ambas as partes, as comissões de bolsas e as instituições que cediam tais bolsas, como o Instituto de Educação Internacional, agradaram o Departamento de Estado norte-americano, cujos interesses em relação ao Brasil tinham se alterado com o término da Segunda Guerra Mundial.

Nesse período, eram preocupações do Departamento de Estado: estancar o comunismo no mundo ocidental, criar mercados para o comércio e a exportação de produtos norte-americanos e fomentar entre outros povos uma atitude positiva ao estilo de vida norte-americano. Ao Departamento de Estado interessava que o Brasil seguisse os

Estados Unidos em termos econômicos e políticos, de sorte a não correr risco de infiltração comunista e a não inviabilizar as principais iniciativas norte-americanas. Assim, o Brasil teria uma relação de comércio livre extremamente lucrativa para os EUA.

De fato, os EUA foram bem-sucedidos nos anos 50. O Brasil se tornou grande consumidor de produtos norte-americanos, ao mesmo tempo em que implementava e modernizava a sua própria produção industrial, por meio da abertura das fronteiras às tecnologias norte-americanas. Automóveis, eletrodomésticos, arranha-céus, rodovias, refrigerantes, lojas de departamento, bem como músicas, filmes, técnicas de marketing de massa e gíria norte-americanos invadiram a vida dos brasileiros.

Nesse processo, a participação de instituições como a União foi limitada aos campos cultural e educacional. Porém, exatamente esses âmbitos foram fundamentais para a conquista dos corações e das mentes; por isso, não se pode ignorar ou menosprezar, nesse período, o papel da União em São Paulo, maior centro comercial, financeiro e industrial do país.

## Epílogo

### A abertura do mercado

Nos anos 50, com a mídia de massa e o comércio livre, começou a abrir o mercado de consumo em crescente escala. No ensino de Inglês, apareceram mais escolas, agora como estabelecimentos para o comércio de serviços. Consta como a primeira rede de escolas de Inglês, aberta como sociedade anônima com fins lucrativos, o Yázigi, criado em 1950.

A escola começou com um professor considerado bastante carismático, um César Yázigi e seu sócio, Fernando Silva. Em pouco tempo, não havia mais horários livres para o professor, o que exigiu a contratação de mais professores. Além da personalidade de César Yázigi, não havia nesse momento nenhuma grande inovação pedagógica; o que estava em jogo era o incremento da demanda paulistana.

Com um empréstimo bancário e uma sala comercial alugada, os dois pagaram os primeiros anúncios de escola de línguas em jornais. Enquanto César Yázigi dava aulas de Inglês, Fernando Silva dava aulas de Português para estrangeiros, cuja presença tornava a crescer em São Paulo por força do novo ciclo de industrialização. Utilizaram o método direto na tentativa de ensinar conversação e tiveram bastante sucesso. Para poder crescer, Silva começou a assistir as aulas de Yázigi para aprender o método de ensino utilizado. Assim, puderam contratar e treinar mais professores com vistas ao crescimento das atividades. Entre os primeiros professores consta Richard Fisk. Ainda na década de 50, o Yázigi expandiu e abriu filiais em São Paulo, Rio de Janeiro, Campinas e Porto Alegre. No final da década de 50, Yázigi formava uma rede de 30 escolas. Com Richard Fisk cumprindo o papel de Mr. Pep na televisão, o Yázigi chegava à elite, enquanto nas escolas,

as camadas médias podiam ter suas aulas de Inglês. O Yázigi não cessou de crescer, e no final da década de 60 tinha mais de 30.000 alunos. (cf. Silva, 2000, pp. 42, 43, 66, 74).

Em 1961, a Associação Alumni abriu em São Paulo como uma entidade sem fins lucrativos. Ao longo dos próximos anos, outras escolas conhecidas na virada do milênio abriram, como Fisk e CCAA, estas últimas duas nos anos 70.

### **A situação recente**

Neste começo do século XXI, a disseminação de cursos paralelos ao ensino regular é fato consumado no Brasil. Nas grandes cidades como São Paulo, encontram-se todos os cursos imagináveis: cursos para atender deficiências de educação básica como alfabetização, leitura “dinâmica”, memorização e supletivos. Há cursos para o corpo como escolas de futebol, lutas marciais, ioga, *tai chi chuan*, balé e outras danças. Há cursos esotéricos como tarô, búzios e outros. Há escolas de música, escolas de arte, cursos de kumon, de culinária, de cabeleireiro, de cerâmica, tricô e bordado. Há cursos profissionalizantes como informática e idiomas. Por que tantos cursos paralelos no Brasil?

Os motivos que podem explicar este fenômeno são muitos. Com as políticas monetárias do “Plano Real”, a venda de estatais e a constante mecanização dos meios de produção, a redução relativa do número de empregos tem criado um mercado de trabalho novo, com ênfase em serviços e empregos de alta tecnologia. Como o trabalhador se prepara para competir em um mercado restrito e, portanto, extremamente exigente? Só para citar um exemplo, para se conseguir emprego na recepção de um hotel de porte médio em meados dos anos 90, era necessário ter completado o Ensino Fundamental. No novo milênio, esta mesma vaga exige a conclusão do Ensino Médio, noções de informática e Inglês básico. Existe até uma escola paralela de hotelaria, que é o Senac. Muitas mudanças ocorreram: a oferta é grande e as empresas podem exigir maiores qualificações. Mas o número de empresas e clientes de poder aquisitivo médio diminuiu neste período e criou maior competição entre as empresas restantes, fato que resultou na exigência de maior qualidade. Em 2001, a revista *Mais*, cujo alvo são leitores femininos de renda baixa para

média, publicou uma matéria em que perguntava por que o estudo de Inglês era importante. Os resultados surpreenderam, em parte por se tratar dessa faixa de mercado de consumo. Os depoimentos demonstraram a larga difusão que o conceito de adquirir o conhecimento de Inglês já alcançou e, de certa forma, relega a possibilidade de atingir um conhecimento de Inglês básico ao segundo plano. Entre as centenas de respostas serão transcritas apenas duas representativas:

*Alcançar horizontes; hoje o mundo gira em torno do idioma inglês. O campo de trabalho hoje exige que você domine o inglês fluentemente. Para trabalhar ou estudar em outro país se não tem o inglês a pessoa sofre muito. No meu caso, eu quero alcançar outro horizonte e necessito.*

*Sei escrever, sei ler, sei mexer em computador, mas sou completamente analfabeta em inglês. E hoje inglês é uma necessidade, principalmente na área de mercado.<sup>11</sup>*

## **O Inglês e o mercado de trabalho**

Há a presença de multinacionais novas no país, que muitas vezes manufaturam um produto e querem sair dos centros urbanos para reduzir custos.<sup>12</sup> Conseqüentemente, parte da mão de obra é “importada” das cidades e parte precisa de cursos paralelos para concorrer às vagas de menor porte. Normalmente, estes cursos são de idiomas e de informática.

O curso que tem maior número de alunos é o de Inglês; o estudo de Espanhol não passa de cinco por cento do mercado (cf. The English Company, 2000). Das capitais às pequenas cidades, o estudo de língua inglesa é ubíquo, fazendo parte do dia-a-dia de milhões de brasileiros. Os motivos econômicos são mesclados de apelos culturais.

Um artigo publicado na revista *Folha On-line*, em 17 de setembro de 2001, por meio de uma pesquisa divulgada pelo Grupo Catho, mostra que os ganhos de executivos fluentes

---

<sup>11</sup> Cupons preenchidos por leitores da Revista Mais, na expectativa de receber descontos no curso de inglês.

<sup>12</sup> Um exemplo foi a guerra fiscal entre os estados da Bahia e Rio Grande do Sul a respeito da Ford. Outro exemplo é a fábrica da Chevrolet na zona rural de Mogi das Cruzes, no interior de S.P.

em Inglês chegam a ter um acréscimo no salário de até R\$1.300 por mês (cf. Futema, 2001). Por outro lado, o crescimento das indústrias de entretenimento tem fomentado o surgimento de maior curiosidade sobre a vida de celebridades e as notícias saem vinte e quatro horas por dia em vários canais de televisão a cabo. Nos Estados Unidos, a obsessão cultural é pelos *reality shows*, os escândalos pessoais de estrelas de Hollywood e de políticos, o ritmo musical do momento e por tudo o que tem a ver com o consumismo. Nos anos quarenta, esse fenômeno de “americanização” já foi apontado por Fernando de Azevedo no seu livro *A Cultura Brasileira*:

*As estatísticas das obras consultadas denunciam não somente um notável alargamento de cultura e maior variedade de tendências e ambições intelectuais, como ainda o interesse crescente pelas obras norte-americanas, sobretudo em São Paulo e no Rio de Janeiro, graças à influencia das idéias norte-americanas no movimento de renovação educacional, ao impulso que tomou, sobretudo depois da guerra (1939), a política pan-americana, à penetração dos romances, de autores anglo-saxônicos, escoltados pelos grandes filmes, e à criação, em 1938, ... (d) a São Paulo União Cultural Brasil-Estados Unidos, que se inaugurou nesse mesmo ano em São Paulo, com o fim de facilitar a cooperação intelectual e promover, entre os dois países, um melhor conhecimento e mútua compreensão, por meio de conferências, exposições de livros americanos e outras iniciativas culturais. (Azevedo, 1964, p. 678).*

Na Inglaterra, as atenções se concentram na família real, nas bandas novas de música e na moda. Nesses dois países a vida cultural se revolve em torno da televisão, cujos programas são transmitidos ao redor do mundo. A cultura “pop”, americana e britânica, reina suprema.

### **A escola como empresa**

O último decênio do século XX marca, no Brasil, um movimento no ensino particular bastante peculiar: escolas paralelas de línguas – destacadamente de Inglês – estão firmando contratos com escolas particulares regulares para oferecer seus serviços dentro desses estabelecimentos; esses contratos são justificados, perante as famílias dos alunos, como um benefício a elas quer financeiro quer de proteção aos seus filhos que podem permanecer nas escolas em período integral, sem necessidade de deslocamentos.

Entre as mudanças mais notáveis, destaca-se a concepção da escola de Inglês como uma empresa, os diretores e coordenadores como mantenedores e as secretárias como vendedoras. Talvez a mais surpreendente novidade nessa época em relação ao giro de enfoque de escola para empresa se encontra ainda na terminologia. A partir da segunda metade do último decênio do século passado, virou praxe denominar o “aluno” de “cliente”. Pesquisas demonstraram que adultos que aprendiam Inglês por motivos profissionais não se viam como alunos, e sim, como clientes. A era do enfoque no cliente, de “como encantar seu cliente” estava assim, demarcando seu território em mais um campo dos empreendimentos sociais.

### **O mercado em mudanças e o crescimento do sistema de *franchising***

Os jornais no Brasil noticiavam largamente as implacáveis quedas na produção industrial durante os anos noventa do século XX, sinalizando, portanto, os motivos pelos quais alguns profissionais de colarinho branco, que, outrora trabalharam em empresas de porte médio e grande, migravam para atuações alternativas no mercado de trabalho. Muitas vezes com seus fundos de garantia, oriundos, nessa época, de demissões (posteriormente, o acesso ao fundo se tornaria mais fácil), esses profissionais corriam para fazer seus investimentos, muitas vezes na área de serviços, um setor da economia em franca ascensão. Tornou-se cada vez mais comum a abertura de um negócio pelo sistema de *franchising*, em que um empresário local compra os direitos de uso de marca e o conhecimento de um franqueador, especialista no ramo, para depois gerenciar as operações no dia-a-dia. Na longa lista de negócios franqueados no Brasil, além dos cursos de idiomas que lideraram esse movimento, encontram-se ramos como informática, vestuário, lavagem-a-seco, restaurantes do gênero *fast food*, serviços automotivos, perfumes e toda uma gama de atividades. Esse setor da economia começou a crescer de forma vertiginosa, principalmente nessa época de escassez de emprego tradicional (cf. Associação Brasileira de Franchising, 2000).<sup>13</sup> Havia mais de 40 redes de franquias de escolas de idiomas operando no Brasil na

---

<sup>13</sup> Censo, 2000. Associação Brasileira de Franchising. (O número de unidades de franquias em 1995 totalizou 23.765, e em 1999, 46.534; ou seja, o crescimento do segmento foi de 96%.)

virada do milênio. Deste número, 21 dessas redes possuem mais de dez escolas espalhadas por uma devida região ou estado, três têm por volta de mil escolas cobrindo o país inteiro e cinco dessas redes possuem entre 200 e 500 unidades de ensino de Inglês. Segundo ainda o censo da Associação Brasileira de Franchising (ABF), havia em 2000 um total de 5.000 escolas de línguas funcionando no Brasil. Em uma capital, como São Paulo, é fácil encontrar em torno de 20 escolas de idiomas em um determinado bairro de aproximadamente 250.000 habitantes. O idioma Inglês é responsável por 90% desses negócios.

### **Uma comparação entre meios de mídia de massa para influenciar consumidores**

Para ilustrar o fenômeno de comercialização do ensino de inglês no Brasil, basta manusear as malas diretas recebidas pelos “mantenedores” de escolas de línguas. Os folhetos distribuídos apelam para a necessidade de o profissional da escola de Inglês se preparar para um mercado cada vez mais agressivo, e uma briga maior por um aluno cada vez mais escasso. Prometem, invariavelmente, o segredo de como aumentar o número de alunos. Ao analisar esse material, pode-se fazer as comparações entre os apelos de consumo de serviços de apoio ao ensino de Inglês com o tipo de propaganda dirigida aos jovens ingleses com baixa escolaridade, nos anos 50 do século XX.

O professor de literatura e história cultural, Richard Hoggart, no seu livro *The Uses of Literacy*, descreve as técnicas usadas pela mídia com seus leitores, geralmente jovens subempregados com baixa escolaridade. Dos anúncios das revistas que usou em seu estudo, Hoggart comenta as promessas de dinheiro e sucesso que as indústrias de cursos e de produtos faziam aos seus leitores. Invariavelmente, o problema desse leitor era que tinha esperado muito tempo para se preparar intelectual ou fisicamente para poder se realizar profissionalmente e tal curso ou produto era exatamente a chave do sucesso. Hoggart aponta para um artifício comum: o uso de “Você” simula um contato pessoal e enfatiza a separação entre os que são bem-sucedidos e os que precisam adquirir tal produto ou serviço. (cf. Hoggart, 1957, pp. 252-253).

Cinquenta anos mais tarde, o mesmo tipo de apelo continua funcional. Existem folhetos ou malas diretas para seminários nacionais de *marketing* para instituições de ensino, seminários de *marketing* escolar, encontros nacionais de profissionais de idiomas e seminários de *marketing* educacional para escolas de idiomas. Nesses folhetos, verifica-se o uso do mesmo conceito de atraso ou incompetência apontado por Hoggart, chamado em sua obra de anúncios “compensatórios” ou anúncios de “complexo de inferioridade”. Alguns exemplos dos folhetos: “Globalização: Chegou a vez do Ensino! Sua escola está preparada?”, “Muitas dicas e idéias para o sucesso da sua instituição... como chegar ao primeiro lugar com uma imagem de prestígio” e “Curso sem similar no país! Inovador: o mais avançado e ‘agressivo’ enfoque mercadológico para escolas de idiomas!”. Este último esbanja sublimidade compensatória com declarações como “Mais Alunos Na Sua Escola!”, frase acompanhada por um desenho de muito dinheiro, em pilhas de cédulas e moedas. Abrindo o mesmo folheto, encontra-se a mesma frase e um desenho de um jovem sorridente, de gravata, estendendo a mão com um punhado de cédulas.

### **A pulverização do mercado**

Esse cenário do ensino de Inglês no Brasil não surgiu aleatoriamente. A década de noventa do século XX testemunhou não só uma impressionante expansão do número de escolas de idiomas, mas também uma diversificação inédita do tratamento de ensino. Além da criação de dezenas de redes franqueadas de Inglês, abriam-se escolas locais de idiomas, em quase todos os bairros de cidades grandes e pequenas. A expansão mais significativa das grandes redes de Inglês ocorreu neste período, cobrindo o país de ponta a ponta. A demanda também foi se pulverizando. Estudava-se conversação, fazia-se cursos preparatórios para vários tipos de exames, preparava-se para viagens de lazer e de trabalho; oferecia-se cursos à distância, cursos de leitura, cursos para secretárias, cursos em oito semanas. Escolas regulares começaram a contratar essas escolas de línguas para ensinar inglês ou espanhol nas suas dependências como cursos extracurriculares ou mesmo curriculares. Contrataram professores universitários de lingüística aplicada ou escolas de

língua para fazer assessoria ao ensino, estabelecendo vínculos entre o ensino regular e as escolas paralelas.<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> Só o Yázigí possuiu em 2003, 130 centros de cursos extra-curriculares instalados em colégios no Brasil, dezesseis sendo em esquema curricular, substituindo o Inglês do colégio. Fonte: Marcelo Barros, gerente de *Education Centers, Yázigí Internexus*. 16/6/2003.

## Bibliografia

- A MANHÃ. 4 de março de 1951. In: UCBEU, Boletim Informativo, abril.
- AZEVEDO, Fernando de. 1964. *A Cultura Brasileira*. São Paulo: Melhoramentos.
- BUTTS, R. Freeman e CREMIN, Lawrence. *A history of education in american culture*. New York: Holt, Rhinehart, Winston.
- DULLES, John Foster. 1967. *Vargas of Brazil*. Austin: University of Texas.
- ENGLISH COMPANY. 2000. *The future of English*. São Paulo: Engco.
- FRANCIS, Alison. 1985. *Viva a Cultura Inglesa de São Paulo*. São Paulo: Cultura Inglesa.
- FREYRE, Gilberto. 1970. *Order and Progress*. Tradução: Rod Horton. New York: Knopf.
- \_\_\_\_\_. 2000. *Ingleses no Brasil*. Rio de Janeiro: Topbooks.
- FUTEMA, Fabiana. 2001. *Executivos que falam inglês ganham R\$1.300 a mais por mês*. Folha On-line.
- GARCEZ, Benedicto Novaes. 1970. *Mackenzie*. São Paulo: Presbiteriana.
- GRAMSCI, Antônio. 2000. *A Gramsci Reader*. New York University: New York..
- HAINES, Gerald K. 1989. *The americanization of Brazil*. Wilmington: Scholarly Resources.
- HARMER, Jeremy. 1991. *The Practice of English Language Teaching*. Londres: Longman.
- HOGGART, Richard. 1957. *The uses of literacy*. Middlesex: Penguin.
- KIDDER, FLETCHER. 1941. *Brasil e os Brasileiros*. São Paulo: Nacional.
- KING, Desmond. 2000. *Making Americans*. Cambridge: Harvard.
- LESSA, Gustavo. 1939. *A obra do Institute of International Education*. In: Educação, número dois.
- MACKENZIE. 1997. *Mackenzie: 126 anos de ensino*. São Paulo: Prêmio.
- MARINHO, Maria Gabriela. 2001. *Norte-americanos no Brasil*. São Paulo: Universidade São Francisco.

- MORRAY, J. P. 1961. *Origens da guerra fria*. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar.
- MOURA, Gerson. 1980. *Autonomia na dependência*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- \_\_\_\_\_. 1986. *Tio Sam chega ao Brasil*. São Paulo: Brasiliense.
- \_\_\_\_\_. 1991a. *Sucessos e ilusões*. Rio de Janeiro: FGV.
- \_\_\_\_\_. 1991b. 3ª edição. *Repensando Estados Unidos e América Latina*. Contexto: São Paulo.
- O JORNAL. 7/1/1930. In: Arquivo Fernando de Azevedo. Rio de Janeiro.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. 2000. *Americanos, representações da identidade nacional no Brasil e nos EUA* 1ª ed. Belo Horizonte: UFMG.
- OLIVEIRA, Luiz E. M. de. 1999. *A historiografia brasileira da literatura inglesa*. Campinas: Unicamp
- REVISTA DO PROFESSOR. março de 1934. Número um. Ano um. São Paulo.
- RIBEIRO, Boanerges. 1981. *Protestantismo e cultura Brasileira*. São Paulo: Presbiteriana.
- SCHOULTZ, Lars. 2000. *Estados Unidos: poder e submissão*. Tradução Raul Piker. Bauru: Edusc.
- SCWARTZMAN, Simon. 1979. vol. 2. *Formação da comunidade científica no Brasil*. Rio de Janeiro: Nacional.
- SILVA, Pacheco e Antônio Carlos. 1995. *Reminiscências*. 1ª ed. São Paulo: União.
- SILVA, Ricardo Young. 2000. *Do Yázigi a internexus*. São Paulo: Hamburg.
- SKIDMORE, Thomas. 1998. *Uma história do Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra S/A.
- TOTA, Pedro Antônio. 2000. *O imperialismo sedutor*. 1ª ed. São Paulo: Cia das Letras.
- TYACK, David B. 1974. *The One Best System*. Cambridge: Harvard.
- WARDE, Mirian J. 2000. Os testes escolares: Noemy Rudolfer, o americanismo e a escola nova. IV Seminário de Escola Nova. São Paulo: PucSP.
- \_\_\_\_\_. 2001. *Americanismo e Educação: a fabricação do "homem novo"*. Projeto de pesquisa aprovado pelo CNPq (mimeo).

\_\_\_\_\_. 2002A. Estudantes brasileiros no Teachers College da Universidade de Columbia: do aprendizado da comparação. In: *Anais do II Congresso Brasileiro de História da Educação*. Natal: SBHE (CD-Rom).

\_\_\_\_\_. 2002B. *Oscar Thompson na exposição de S. Louis (1904): na exhibit showing "machinary for making machines*. In: *Os intelectuais na história da infância*. Cortez: São Paulo.

\_\_\_\_\_. 2003. *O itinerário de formação de Lourenço Filho por descomparação* (no prelo)

### **Arquivo da União Cultural Brasil-Estados Unidos**

MACHADO, Domingos. 1995. *O surgimento de uma União*. Arquivo histórico da UCBEU.

PRIVITERA, Joseph. 1947. *Pequeno manual de inglês*. São Paulo: União.

UCBEU. *ATAS das reuniões do Conselho Deliberativo e das Assembléias Gerais*. Livro 1.

\_\_\_\_\_. 1940. *Boletim da União Cultural Brasil-Estados Unidos*. Ano 1. Número 1. São Paulo: União.

\_\_\_\_\_. 1950 e 1951. *Boletins Informativos*.

\_\_\_\_\_. 1946. *Boletins Mensais*. Fevereiro a dezembro de 1946.

\_\_\_\_\_. 1950 a. *Estatutos da União Cultural Brasil-Estados Unidos*.

\_\_\_\_\_. 1950b. *Estatutos e lista nominal*.

\_\_\_\_\_. 1941-1950. *Livro de Atas das reuniões da Diretoria da União Cultural Brasil-Estados Unidos, 1941-1950*.

\_\_\_\_\_. 1941-1948. *Relatórios da Diretoria da União Cultural Brasil-Estados Unidos*.

\_\_\_\_\_. 1944-1950. *Resoluções da 1ª e 2ª conferencia dos institutos de intercambio cultural*.

\_\_\_\_\_. 1952. *Revista da UCBEU*. Ano 1. Número 1. São Paulo: União.

\_\_\_\_\_. 1944. *Revista do Instituto Brasil-Estados Unidos*. Vol. 2. Número 1. Rio: IBEU.

\_\_\_\_\_. 1941. *Vida intelectual nos Estados Unidos. Vol. I*. São Paulo: Universitária.

\_\_\_\_\_. 1945. *Vida intelectual nos Estados Unidos. Vol. II.* São Paulo: Cruzeiro do Sul.

### **Arquivo Fundação Rockefeller**

OCIAA. 1942a. *Cultural Institute Reports.*

\_\_\_\_\_. 1942b. *REPORT of the Brazilian Division.*

\_\_\_\_\_. 1944. *SUMMARY of Activities.*

### **Arquivo do Estado de São Paulo**

Correio Paulistano, 1 de janeiro de 1862. Microfilme Ref. 04.01.007.

\_\_\_\_\_, 7 de fevereiro de 1862. Microfilme Ref. 04.01.007.

\_\_\_\_\_, 29 de novembro de 1867. Microfilme Ref. 04.01.014.